



DA MEMÓRIA AO LUGAR

LEITURA E REABILITAÇÃO DO CONVENTO DE CHELAS

Tatiana Boal Robalo Rosado de Carvalho
Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica
Professor Doutor José Aguiar
Professor Doutor Pedro Marques de Abreu

Júri
Presidente: Professor Doutor Paulo Pereira
Vogal: Professora Doutor Maria Dulce Loução

Lisboa, FAUL, Julho 2019

DA MEMÓRIA AO LUGAR

LEITURA E REABILITAÇÃO DO CONVENTO DE CHELAS

Tatiana Boal Robalo Rosado de Carvalho
Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica

Professor Doutor José Aguiar
Professor Doutor Pedro Marques de Abreu

Júri

Presidente: Professor Doutor Paulo Pereira
Vogal: Professora Doutor Maria Dulce Loução

Lisboa, FAUL, Julho 2019

Resumo

DA MEMÓRIA AO LUGAR

Leitura e Reabilitação do
Convento de Chelas

Nome

Tatiana Boal Robalo
Rosado de Carvalho

ORIENTADOR

Professor Doutor José Aguiar

CO-ORIENTADOR

Professor Doutor Pedro Abreu

Mestrado Integrado em
Arquitetura

PALAVRAS CHAVE

Convento de Chelas
Vale de Chelas
Memória
Lugar
Reabilitação
Paisagem

O convento de Chelas, situa-se no Vale de Chelas na zona oriental de Lisboa. É uma das mais antigas casas monásticas da cidade, tendo sido testemunho de variadas ocupações e usos diferenciados que imprimiram um caráter mutante ao longo dos anos. Encontra-se atualmente ocupado pelo Arquivo Geral do Exército, que mantém preservadas as suas dependências conventuais e industriais.

O grande estado de degradação do Convento e o panorama de abandono do meio urbano, cria uma janela de oportunidade para reflexão acerca da sua reabilitação e perspetiva futura. Insere-se na discussão da importância da preservação do património religioso e industrial que se encontra ao longo do Vale de Chelas.

É nesse sentido que se procura entender o papel que o Convento de Chelas e a sua cerca terão no futuro do Vale e a dinâmica que podem imprimir na sua envolvente.

Assim, o objetivo do trabalho passa por analisar o objeto de estudo num enquadramento mais alargado e profundo, recorrendo a uma metodologia baseada na experiência humana no lugar, incidindo na individualidade e especificidade do Convento.

Este conjunto conventual apresenta uma forte pretensão de se manter como parte integrante da paisagem do Vale que merece ser preservada. É nesse sentido, que se apresenta aqui, a proposta para uma intervenção fundamentada por uma leitura fenomenológica, que visa restituir um futuro a este conjunto conventual.

Abstract

FROM MEMORY TO PLACE

Reading and Rehabilitation
of the Convent of Chelas

NAME

Tatiana Boal Robalo Rosado
de Carvalho

MAIN ADVISER

Professor Doutor José Aguiar

CO-ADVISOR

Professor Doutor Pedro Abreu

Masters in Architecture

KEY-WORDS

Convent of Chelas
Chelas Valley
Memory
Place
Rehabilitation
Landscape

The Convent of Chelas is situated in the Chelas Valley in eastern Lisbon. It is one of the oldest monastics housed of the city, it has witnessed numerous occupations and different uses that gave a changing character throughout the years. It is currently occupied by the General Archives of the Army, maintaining its convent and industrial premises.

The great state of degradation of the convent and the panorama of neglect of the urban environment characterized by void and ruins, gives a window opportunity to reflect on its rehabilitation and future perspective. It is part of the discussion on the importance of the preservation of the religious and industrial heritage that exists along the Chelas Valley.

This is how one tries to understand the role that the Convent of Chelas and its fence will have in the valley and the consequent dynamics that will print in its surrounding.

Thus, the objective of the project is to analyse the object of study in a broader and deeper context, using a methodology base on human experience in site, with focus on the individuality and specificity of the Convent.

The Convent complex present a strong will to remain an integral part of the valley landscape that deserves to be preserved. Therefore, it is presented here, the proposal for an intervention based on a phenomenological reading, which aims to restore the future of this Convent.

AGRADECIMENTOS

Aos Arquitetos, escritores e cineastas que contribuíram para que construísse o meu mundo imaginário.

À minha família pela persistência, apoio incondicional, carinho e constante desafio.

Ao Marcos. Pela paciência inesgotável e companheirismo. Que acima de tudo se demonstrou durante a realização deste trabalho.

Aos meus colegas e amigos. A todos que participaram neste percurso e em específico aos que ao meu lado fizeram esta caminhada. Obrigada pelo apoio e amizade. Por todas as conversas, em especial pelas que não estão relacionadas com Arquitetura.

Aos meus orientadores. Ao Professor Pedro Marques Abreu e Professor José Aguiar pelo desafio. Pelo apoio e chamadas de atenção que foram elucidativas e gratificantes. Pela partilha de conhecimento, acerca de património e acerca de outras coisas da vida. Obrigada.

Ao Major Borges, Coronel Feliciano e ao Arquivo Geral do Exército por zelarem por este lugar que é o Convento de Chelas, como se fosse o vosso lar.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	1
1.1. Enquadramento e Objeto de Estudo	3
1.2. Objetivos	5
1.3. Metodologia	6
II. TERRITÓRIO	9
2.1 Caminho do Oriente	11
2.2 O Vale de Chelas e o seu Património	13
III. LUGAR DO CONVENTO DE CHELAS	17
3.1 Leitura Histórica	18
3.1.1 Convento e cerca	19
3.1.2 A vida conventual	25
3.1.3 Industrialização	28
3.1.4 Evolução do Edificado	32
3.2 Leitura Morfológica	35
3.2.1 Convento	37
3.2.2 Claustro	43
3.2.3 Igreja	46
3.2.4 Nave	49
3.2.5 Fábrica	51
3.3 Leitura do Sentido	53
3.3.1 A Poética do Convento	54
<i>A Poetisa</i>	54
<i>A Poesia</i>	56

3.3.2 Paisagem	59
3.3.3 Isolamento	61
3.3.4 Da memória ao Lugar (Síntese)	63
IV. TEMA	67
4.1 Sobre o Tema	69
4.2 O Tema no Convento	71
<i>Seleção do Tema</i>	71
<i>Estudo do Tema</i>	73
V. PROJETO	81
5.1 Premissas Programáticas	83
5.2 Conceito e Ambiências	87
5.3 Solução e Materialidades	90
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
BIBLIOGRAFIA	102
ANEXOS	107
1 POEMAS DA MARQUESA DE ALORNA	109
2 CASOS DE REFERÊNCIA	114
3 CARTOGRAFIA E FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS	123
4 LEVANTAMENTO DO CONVENTO	131
5 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO	140
6 DESENHOS E ESQUIÇOS	153
7 MAQUETES	163
8 PAINÉIS	175

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1 - Desenho da Entrada do Convento de Chelas.
Elaborado pela Autora

Fig. 1 - Planta do Vale de Chelas com o Convento de Chelas e restante património conventual e industrial assinalado.
Elaborado pela Autora

Fig. 2 - Desenho da Estrada de Chelas, vista do Convento.
Elaborado pela Autora

Fig. 3 - Estrada de Chelas, 1973.
Fotografia de Vasco Gouveia de Figueiredo
In <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.com/2018/02/estrada-de-chelas-i.html>

Fig. 4 – Panorâmica da zona Oriental de Lisboa, 1992.
Fotografia de Filipe Jorge
In Revista Argumentum, 2013

Fig. 5 - Viaduto e Túnel de Xabregas, 1889.
In Mario Furtado. Do antigo sítio de Xabregas, 1ª edição. Lisboa: Veja, 1997; p. 95

Fig. 6 - Fábrica Samaritana 1877.
In <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.com/2010/03/rua-de-xabregas-xi.html>

Fig. 7 - Fábrica Tinturaria Portugália, data desconhecida.
in <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/04/antigamente-113.html>

Fig. 8 - Estrada de Chelas, junto ao Convento. 1983
In <https://hiveminer.com/Tags/aecregalii%2Ccarris>

Fig. 9 - Estrada de Chelas, 1961.
Fotografia de Artur João Goulart
In <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.com/2018/02/>

Fig. 10 - Desenho do Convento de Chelas
Elaborado pela Autora

Fig. 11 - Convento de Chelas, Lisboa, séc. XIX. Archivo Pittoresco, vol. XIV, 1864.
In <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.com/2018/02/>

Fig. 12 - Estrada de Chelas - (Século XIX) - Desenho de Gonzaga Pereira
In <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.com/2018/02/>

Fig. 13 - Desenho do Portal Manuelino da Igreja.
Autor e Data Desconhecidos.

Fig. 14 - Pintura do Convento de Chelas e a sua cerca.
Autor e data desconhecidos

Fig. 15 - Pintura de uma freira em clausura. Ferdinand Wagner "A Nun Contemplating a Cross in a Garden" (600×1078)
In http://www.artnet.com/artists/ferdinand-wagner-the-younger/a-nun-contemplating-a-cross-in-a-garden-courtyard-hu5N5ote_4UaqKMWkMUT3w2

Fig. 16 - Pintura de uma freira na cerca em clausura. 1886, Luigi Conconi "A Glimpse to the World"

In http://www.artnet.com/artists/ferdinand-wagner-the-younger/a-nun-contemplating-a-cross-in-a-garden-courtyard-hu5N5ote_4UaqKMWkMUT3w2

Fig. 17 - Vista sobre o Vale de Chelas até Xabregas, Lisboa, 1990.

In <https://biclaranja.blogs.sapo.pt/2010/09/>

Fig. 18 - trabalho na Fábrica da Pólvora de Chelas. Joshua Benoliel. 1916

<http://restosdecoleccion.blogspot.com/search?q=convento+chelas>

Fig. 19 - Fábricas na Cerca do Convento de Chelas Joshua Benoliel. 1916

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/search?q=convento+chelas>

Fig. 20 - (Esq.) Trabalho na Fábrica. Joshua Benoliel. 1916

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/search?q=convento+chelas>

Fig. 21 – (Dir.) Quadro Elétrico da Geradora.

Data e Autores desconhecidos.

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/search?q=convento+chelas>

Fig. 22 - Geradora Krupp.

Data e Autor desconhecidos

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/search?q=convento+chelas>

Fig. 23 - Evolução do Convento de Chelas - Fase 1, 2, 3.

Elaborado pela Autora

Fig. 24 - Evolução do Convento de Chelas. Fase 4, 5, 6.

Elaborado pela Autora

Fig. 25 – Evolução do Convento de Chelas. Fase 7, 8, 9.

Elaborado pela Autora

Fig. 26 - Plantas do Vale de Chelas. Densidade e património; Hidrografia e Topografia.

Elaborado pela Autora

Fig. 27 - Levantamento do Convento de Chelas.

Elaborado por Camila Oliveira

Fig. 28 - Fotografia do Convento de Chelas, visto da Estrada de Chelas.

Fotografia da Autora

Fig. 29 – Fotografia da Entrada do Convento de Chelas.

Fotografia da Autora

Fig. 30 - Fotografia do Convento visto da Cerca.

Fotografia da Autora

Fig. 31 - Fotografia do Túnel do Convento, visto da Cerca

Fotografia da Autora

Fig. 32 Fotografia do Túnel do Convento visto da Cerca.

Fotografia da Autora

Fig. 33 – (Dir.) Fotografia da área verde da Cerca do Convento.

Fotografia da Autora

Fig. 34 – (Esq.) Fotografia da área verde da Cerca do Convento.

Fotografia da Autora

Fig. 35 – (Centro) Fotografia da área verde da Cerca do Convento.
Fotografia da Autora

Fig. 36 - Levantamento do Convento. Nível Térreo
Fotografia da Autora

Fig. 37 - Fotografia do Claustro
Fotografia da Autora

Fig. 38 - Fonte do Claustro
Fotografia da Autora

Fig. 39 - Fonte do Claustro.
Fotografia da Autora

Fig. 40 - Fotografia do pano de azulejos da galeria do Claustro
Fotografia da Autora

Fig. 41- Fotografia aproximada dos azulejos da galeria do Claustro.
Fotografia da Autora

Fig. 42 - Fotografia da Galeria do 2º Piso do Claustro
Fotografia da Autora

Fig. 43 - Fotografia da Galeria do 1º Piso do Claustro
Fotografia da Autora

Fig. 44 - Portal e Galilé Manuelino
Fotografia da Autora

Fig. 45 – (esq) Interior da Igreja com nichos e arcos embutidos nas paredes.
Fotografia da Autora

Fig. 46 – (dir) Interior da Igreja. Vista sob o Altar.
Fotografia da Autora

Fig. 47 - Cobertura da Igreja vista do Coro Alto
Fotografia da Autora

Fig. 48 - Coro alto e cobertura.
Fotografia da Autora

Fig. 49 – Estrutura Metálica da Nave
Fotografia da Autora

Fig. 50 – Interior da Nave onde se encontra o Arquivo.
Fotografia da Autora

Fig. 51 - Arquivo Físico.
Fotografia da Autora

Fig. 52 – Arquivo Físico
Fotografia da Autora

Fig. 53 - Geradora Krupp
Fotografia da Autora

Fig. 54 - Ferramentas Originais da Geradora Krupp
Fotografia da Autora

Fig. 55 - Geradora Krupp

Fotografia da Autora

Fig. 56 - Pintura da Marquesa de Alorna de 1780 por Franz Joseph Pitschmann.

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Leonor_de_Almeida_Portugal

Fig. 58 - "Desta forma morreram justicados", retrato simbólico do acto da execução dos Távoras.

In <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/01/>

Fig. 59 – Desenho da paisagem da cerca.

Elaborado pela Autora.

Fig. 59 – Desenho do convento e cerca

Elaborado pela Autora.

Fig. 60 – Desenho do Convento e Estrada de Chelas.

Elaborado pela Autora.

Fig. 61 – *Desenhos do Claustro*

Elaborado pela Autora

Fig. 62 – Desenho ilustrativo da continuidade e relação de isolamento entre o Vale – Cerca – e Claustro

Elaborado pela Autora

Fig. 63 – Fotografia do interior da Nave do Convento

Fotografia da Autora

Fig. 64 – Fotografia do Claustro

Fotografia da Autora

Fig. 65 – Jardim da Gulbenkian

Fotografia de Ana Sofia Santos

Fig. 66 – Jardim da Gulbenkian

Fotografia de Ana Sofia Santos





Capítulo I INTRODUÇÃO



Fig. 1 - Desenho da Entrada do Convento de Chelas.

1.1. ENQUADRAMENTO E OBJETO DE ESTUDO

Os edifícios conventuais são a tipologia patrimonial mais comum na cidade de Lisboa, sendo possível encontrar diversos conventos femininos e masculinos escondidos na urbanidade da cidade.

No entanto, é na periferia que se encontram alguns casos de exceção. O seu distanciamento dos centros urbanos, inscreve características muito específicas nos edifícios e no modo como desenvolvem o seu papel na comunidade que os envolve.

Para a realização do Projeto Final de Mestrado, será estudado um desses casos, sendo este o Convento de S. Félix e Santo Adrião, também conhecido como Convento de Chelas. A escolha deste objeto deriva da complexidade que o edifício apresenta. Tanto a nível histórico, como também em relação às características formais que o identificam como único no seu género.

Este antigo convento feminino, posteriormente convertido em fábrica, encontra-se no topo do vale de Chelas, numa posição de destaque e isolado na depressão do oriente de Lisboa. É um edifício de extrema importância histórica, que demonstrou sempre uma participação ativa na vida da comunidade envolvente, tanto como edifício religioso como complexo fabril. Foi catalisador de novas atividades industriais, o que levou a uma constante alteração do edifício e da envolvente.

Hoje, encontra-se vulnerável quanto à sua preservação. Apresenta-se degradado e parcialmente em ruína.

Após a desindustrialização do vale, parte dos seus equipamentos foram desmantelados. As dependências conventuais passaram para o domínio do Arquivo Geral do Exército que ainda hoje ocupa as instalações.

DA MEMÓRIA AO LUGAR

Num meio urbano desvalorizado, o Convento de Chelas apresenta um cenário semelhante ao do seu território. Revela grandes carências e uma urgente intervenção que recupere o seu valor, integridade e memória.

1.2 | Objetivos

O seguinte trabalho Final de Mestrado, surge no contexto da discussão acerca da preservação do património industrial e conventual que se encontra disperso no Vale de Chelas.

Nesta depressão do *Oriente* de Lisboa, é possível encontrar vários edifícios esquecidos e em ruínas. Constituem uma oportunidade de reabilitação pela sua notoriedade e importância histórica.

O Convento de Chelas surge nesse contexto. Num conjunto onde se encontram duas realidades distintas (a conventual e a industrial), o Convento demonstra uma grande necessidade de reabilitação e reintegração urbana. Pelo seu valor, deve ser inserido no panorama patrimonial e cultural do Vale de Chelas.

Na discussão acerca da reabilitação do Convento, surge a hipótese de uma abordagem fenomenológica ao longo da metodologia de projeto.

Este método, tem como objetivo um entendimento profundo do lugar. Procura explorar e compreender as especificidades do mesmo, com vista à sua requalificação.

Pretende-se, através deste processo, procurar pistas que elucidem e conduzam de melhor forma as opções tomadas durante a intervenção.

O objetivo do seguinte trabalho será assim, o de procurar um argumento que defenda a o património do Convento de Chelas, assim como a sua necessidade de reabilitação.

1.3 | Metodologia

A metodologia adotada, pretende encarar o lugar escolhido como catalisador das questões de trabalho pertinentes para o desenvolvimento de projeto.

Com isto, é possível transformar estas questões em temáticas e premissas objetivas ao lugar. Colocam-se de parte todas as necessidades que lhe são externas e que possam interferir com o processo de desenvolvimento do projeto e as opções tomadas.

Deste modo, torna-se imprescindível mencionar o processo de *Leitura da Arquitetura*, desenvolvido pelo Professor Pedro Marques de Abreu, como uma abordagem à arquitetura que procura ser reflexiva, ponderada e consciente. Esta, procura manter por perto o pensamento crítico, para que se construa aquilo que é considerado um processo de investigação consciente e que se reflita no desenvolvimento do exercício prático.

Procura-se assim um profundo conhecimento do lugar e das características que compõem o valor e identidade do mesmo. A metodologia pode, no entanto, tomar diversos percursos, devido à exclusividade e especificidade de cada lugar. Mas mantêm uma finalidade: uma intervenção consciente e uma resposta às problemáticas levantadas pelo lugar. Trata-se, no fundo, de um processo argumentativo que fundamenta a intervenção.

O processo adotado neste caso, passa primeiramente por realizar uma *Leitura Histórica* de modo a contextualizar os momentos mais determinantes e significativos do Convento, com a intenção de traçar o seu percurso até hoje.

De seguida realiza-se uma *Leitura Morfológica* e do *Sentido* de modo a

identificar o caráter do lugar e as suas especificidades. Procura-se compreender os elementos físicos e materiais que determinam a sua experiência e que se consideram ser relevantes para a construção da sua identidade.

A fase que determina o *Sentido* irá ser abordada de uma forma específica, relacionando a experiência atual do edifício com obras poéticas escritas no Convento durante os anos de prisão. Nestes contributos poéticos, encontramos descrições fenomenológicas que contribuem para a descoberta daquilo que se considera ser o seu significado.

A partir da comunhão dos contributos poéticos com a investigação realizada anteriormente, é elaborada uma síntese da essência do lugar e os seus aspetos imprescindíveis.

Dessa síntese, parte o Projeto Final. Apresenta-se como uma argumentação das opções e premissas tomadas no desenvolvimento deste trabalho.



Fig. 1 - Planta do Vale de Chelas com o Convento de Chelas e restante património conventual e industrial assinalado.

Capítulo II TERRITÓRIO

“Durante demasiado tempo vivemos esquecidos de Lisboa, da sua condição de cidade inteira: esquecemo-nos do oriente. Para aqui, onde outrora se desenvolviam quintas, palácios e mosteiros, convergiram nos anos deste século armazéns e indústrias, tudo mais ou menos desordenado, porque a falsa ordem que nos regeu durante cinquenta anos era feita de abandono e segregação.” (FOLGADO; CUSTÓDIO, 1999)

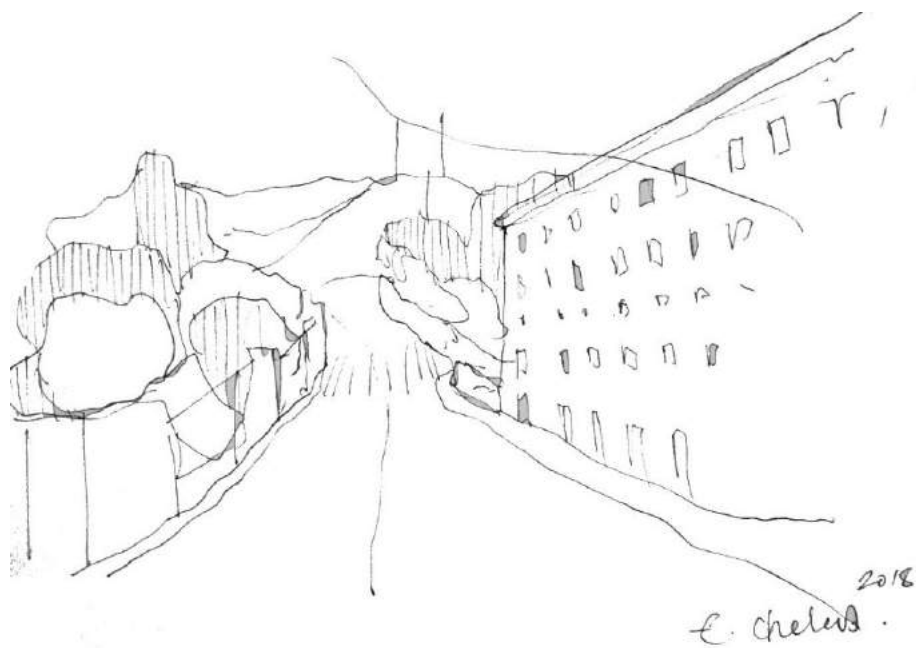


Fig. 2 - Desenho da Estrada de Chelas, vista do Convento.

2.1| CAMINHO DO ORIENTE

Previamente à leitura do Lugar do Convento de Chelas, torna-se pertinente enquadrá-lo no território da cidade de Lisboa de modo a compreender o seu desenvolvimento.

A zona oriental de Lisboa era maioritariamente marcada por áreas que pertenciam a quintas, palácios e conventos. Este território teve, até ao terramoto de 1755, relativamente pouco protagonismo devido à disparidade do edificado que ficou parcialmente ou totalmente destruído durante a catástrofe.

“Durante muitas décadas a zona oriental de Lisboa permaneceu ignorada e escondida, como se de outra Lisboa se tratasse.”¹

Após a extinção das ordens religiosas, iniciou-se um processo de compra e venda de propriedades, em toda a extensão da zona oriental de Lisboa, que diziam respeito a terrenos vacantes, quintas e conventos. Estas oportunidades transformaram o Vale de Chelas num local bastante atrativo para a instalação da indústria. Pretendiam explorar a excelente relação que estes lugares estabeleciam com a frente ribeirinha, que facilitava a entrada de matéria prima e saída dos produtos industriais.

Com a popularidade do *Oriente* a aumentar, surgiu a construção do Caminho de Ferro. Pelas suas características físicas, demonstrou ser um elemento significativo para o desenvolvimento da região e reestruturação urbana. A par da construção da estação de Santa Apolónia (1856), o Caminho de Ferro ganha bastante importância e representa o primeiro troço ferroviário a leste de Lisboa.



Fig. 3 - Estrada de Chelas, 1973.



Fig. 4 – Panorâmica da zona Oriental de Lisboa, 1992.

¹ MATOS, José Sarmento de – *Caminho do Oriente*. Lisboa: Área PROMARK, 1998. Pág.7

Estes fatores contribuíram para uma maior atratividade do Vale de Chelas. Consequentemente foram introduzidas as grandes indústrias, que contribuíram para um maior fluxo de pessoas, o crescimento de áreas residenciais e ainda o aumento do número de postos de trabalho.

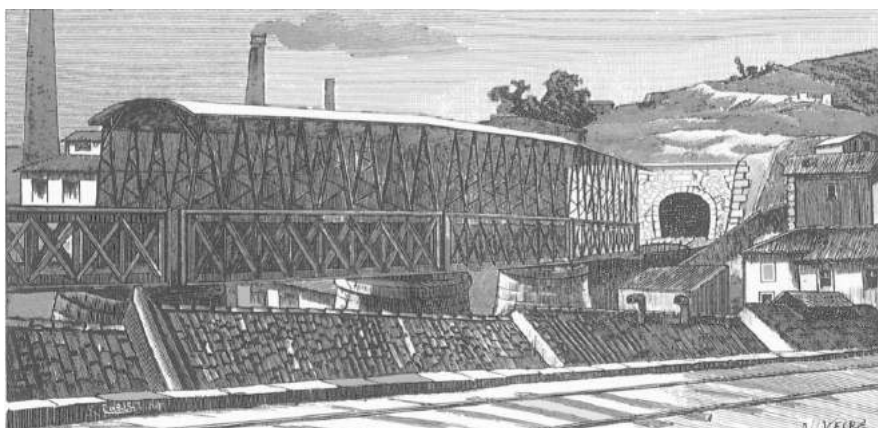


Fig. 5 - Viaduto e Túnel de Xabregas, 1889.

A instalação das fábricas decorre de modo crescente até meados dos séculos XX e deu origem a que todo o *Oriente de Lisboa* começasse a apresentar condições bastante específicas ligadas às atividades industriais.

No auge da década de 70, as indústrias começaram a apresentar indícios de envelhecimento, com danos físicos e económicos, relacionados com o impacto socioeconómico da revolução de 25 de Abril.

Assim, inicia-se um processo de abandono das indústrias. Ao contrário do que aconteceu durante a revolução liberal, em que se procurava a salvaguarda dos edifícios conventuais e património de interesse, o abandono das fábricas foi agora realizado com pouca cautela. Permitiu que a paisagem fosse alterada, convertendo estas áreas num *cemitério de fábricas*, deixando ao abandono estes símbolos industriais. Foram estes condicionalismos que contribuíram para uma perda de estatuto da zona oriental de Lisboa.

2.2. O VALE DE CHELAS E O SEU PATRIMÓNIO

O vale de Chelas é uma das zonas centrais do *Oriente* de Lisboa, com uma grande participação no desenvolvimento da cidade. Insere-se no município de Lisboa e é abrangido pelas freguesias de Marvila e Beato.

As primeiras ocupações do Vale provêm da riqueza dos solos que permitiram a fixação das primeiras povoações nesta região. Inserido num sistema húmido complexo, o vale apresenta locais de acumulação de materiais transportados das cotas mais altas, que dão origem a solos de aluvião. Estes depósitos de sedimentos demonstram elevadas capacidades para a produção de biomassas (PMD 2012) e uma excelente permeabilidade que possibilita uma grande aptidão na produção agrícola.

É um território que apresenta a água como elemento significativo do seu desenvolvimento e que atua como motivo de fixação e comunicação com a envolvente. Apresenta uma grande densidade de linhas de água nas zonas de cotas mais inferiores, que dão ao lugar um risco elevado de inundação (PDM 2012).

O Vale, deriva de um processo complexo de transformação, que é consequente das alterações urbanas a que foi sujeito. Teria sido um território ocupado por palacetes, quintas e conventos que tiravam partido da proximidade do rio e do centro da cidade, e que em simultâneo mantinham a distância necessária para se considerarem áreas de recreio.

Com as oportunidades que surgem após o terramoto e durante o reinado de D. Maria I, chegam as primeiras indústrias ligadas à estampanaria. A fixação fabril em toda a extensão do Vale torna-se comum, assim como a ocupação dos antigos conventos que oferecem excelentes condições. Apresentam vastos e múltiplos espaços, assim como grandes áreas

exteriores que permitiam a construção de novos anexos industriais.

Nesse sentido, os locais escolhidos para as primeiras instalações, foram a Quinta do Teixeira, Quinta dos Toucinheiros, a Calçada de Chelas, o Palácio do Visconde da Fonte da Arcada e a Quinta da Misericórdia.² Estes lugares, mantiveram a tradição da estampanaria até aos princípios do século XX, mantendo concentrada a indústria do algodão ao longo do vale³. Outras unidades que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do vale, seriam a fábrica Samaritana⁴ e a Tinturaria Portugália, que são definidas pela sua notoriedade e valor patrimonial.

A par das indústrias algodoceiras que delinearam o desenvolvimento da indústria no Vale, foi instalada a Fábrica da Pólvora no Convento de Chelas, ocupando o edifício e a sua cerca. A sua criação foi uma transformação relevante na área da Pólvora sem fumo, o que levou a que fosse

“As máquinas são objetos fundamentais no universo das recordações” (CUSTÓDIO, 1990)

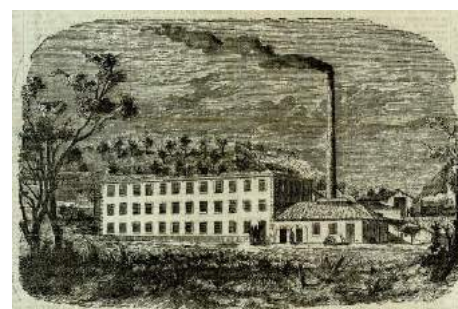


Fig. 6 - Fábrica Samaritana 1877.



Fig. 7 - Fábrica Tinturaria Portugália, data desconhecida.

² CUSTÓDIO, Jorge – *O Património industrial e os trabalhadores: O Caso do Vale de Chelas*. Coimbra, Encontro Nacional do Património Industrial, Actas e Comunicações, 1990.. pág: 14

³ CUSTÓDIO, Jorge – *O Património Industrial e os Trabalhadores*. Op. Cit, pág: 14

⁴ A Fábrica Samaritana havia sido o edifício que albergava a Companhia de fabrico de algodão de Xabregas. Iniciou a sua atividade em 1856 e após ter sofrido um incêndio na década de 70, foi transferida para outras instalações deixando o seu esqueleto ao abandono.

considerada uma fábrica moderna e avançada.⁵

O Vale de Chelas passou, assim, a constituir um pólo importante da capital e sofreu um grande crescimento populacional, consequente do aumento dos funcionários fabris. Nesse contexto, surge a necessidade de alojar a mão de obra, o que provocou uma construção rápida e densa de habitação operária. Exemplo disto, são as vilas e pátios operários que se encontram escondidos ao longo do Vale.

A revolução de 25 de Abril provoca uma alteração no quotidiano industrial e altera a paisagem do *Oriente* de Lisboa. O Vale entra em acentuado declínio, com um grande número de fábricas que encerra, o que leva à sua total desarticulação. Estes fatores contribuem para que a paisagem se altere e seja considerada descontínua e compartimentada, sem respeito pelos seus elementos naturais e patrimoniais.

A estrada de chelas é a antiga estrada real que estabelecia uma ligação direta entre o Convento de Madre Deus e o Convento de Chelas. Está presente nas primeiras cartografias do Vale e apresenta-se como um elemento marcante durante o desenvolvimento do território.

Esta antiga azinhaga, não tem atualmente características de uma rua à escala da cidade, mas demonstrou grande importância no desenvolvimento de Chelas. Percorre o Vale entre a Colina do Alto de S. João e o Alto da Colina de Madre Deus, terminando nos portos junto ao rio Tejo.

Uma vez que a sua área a norte terminava no Convento de Chelas, daria origem ao antigo Largo de Chelas e constituía a sua ligação com o rio. Hoje,



Fig. 8 - Estrada de Chelas, junto ao Convento. 1983

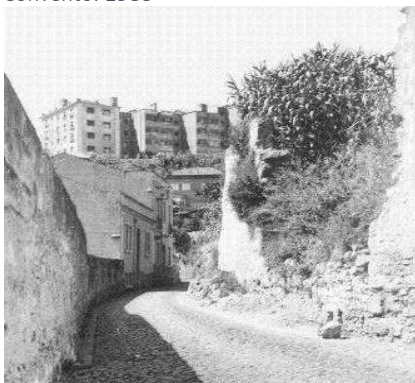


Fig. 9- Estrada de Chelas, 1961.

⁵ CUSTÓDIO, Jorge – *O Património Industrial e os Trabalhadores*. Op. Cit, pág: 15

a rua apresenta uma continuidade a norte, devido à construção da Avenida Santo Condestável que faz a sua extensão e elimina o seu fecho no antigo Largo.

Atualmente, a Estrada de Chelas é maioritariamente cercada por muros e edifícios que a delimitam. Apresenta vários vazios urbanos em toda a sua extensão, más condições para a circulação pedonal e fluxos condicionados. Estes limites condicionam o desenvolvimento do território e faz com que o Vale e Chelas seja entendido como uma área desintegrada e descontínua.

Capítulo III CONVENTO DE CHELAS



Fig. 10- Desenho do Convento de Chelas.

3.1. LEITURA HISTÓRICA

“Ora, é possível afirmar que a forma arquitetónica da cidade é exemplar em cada um dos monumentos, cada um dos quais é uma individualidade. São como as datas; sem elas, sem um antes e um depois, não poderemos compreender a história.”⁶

A leitura histórica pretende uma compreensão acerca da evolução e origem do *lugar* do Convento de Chelas. O edifício é caracterizado por sucessivas sobreposições temporais que delinearam a forma como se desenvolveu e como se apresenta hoje.

Embora existam diversos momentos e edificado de diferentes tempos, torna-se importante entender o modo como surgem, a sua relevância no conjunto e a participação na experiência específica do *lugar*.

A seguinte Leitura Histórica, pretende sintetizar e estabelecer uma sequência do Convento no *tempo*, de modo a compreender o seu testemunho e a importância histórica e patrimonial.

⁶ ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. Lisboa: Edições 70, 2016. P. 165

3.1.1 | CONVENTO E CERCA

“Envolto nas brumas da lenda, o Convento de Chelas é um dos lugares mais míticos de Lisboa. D. Rodrigo da Cunha, fixou para sempre a história fabulosa de um templo de vestais romanas, fantasia que tem a particularidade de acentuar a efetiva ocupação do sítio.”⁷

Os primeiros vestígios da ocupação do Vale de Chelas, dizem respeito às pequenas povoações que ali se estabeleceram. Procuravam explorar as imensas virtudes de cultivo que se encontravam nestes terrenos e tirar proveito do sistema hidráulico que permitia a exploração agrícola deste local.

No ano de 1604, no local de implantação do Convento de Chelas, foram recolhidos vestígios epigráficos de uma ocupação romana e um “Sarcófago de Escritores”⁸. Diziam respeito à construção de um templo romano no

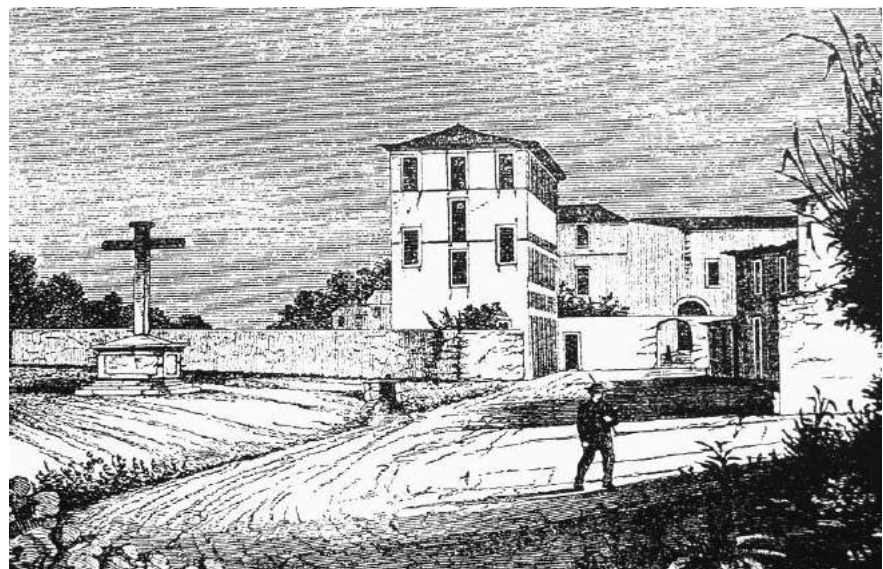


Fig. 11- Convento de Chelas, Lisboa, séc. XIX. Archivo Pittoresco, vol. XIV, 1864.

⁷ MATOS, José Sarmento de; PAULO, Jorge Ferreira. Caminho do Oriente: Guia Histórico I. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. P 156.

⁸ Este friso que pertencia a este sarcófago está depositado no Museu Arqueológico Nacional.

local onde terá mais tarde existido um templo de Vestais dedicado a Tétis, a Deus Grega do Mar e de Aquiles.

Os primeiros vestígios da construção do Convento de Chelas, após a ocupação romana, remontam ao ano de 665. Durante a Monarquia Visigótica, governada por Recesvinto (653-672), terão sido doadas as relíquias de S. Félix, que fora martirizado no ano de 30 (o que motivou a construção do Convento no local de implantação do Templo).

Posteriormente, no decorrer do século IX, D. Afonso III de Leão⁹ toma Lisboa aos Mouros e entrega as relíquias do Mártir de Santo Adrião ao Convento já estabelecido. Assim, passa a denominar-se de Convento de S. Félix e Santo Adrião. Estas relíquias são vestígios de Lisboa antes da sua reconquista e serviram de culto das Cónegas de Chelas.

A primeira ocupação relevante no Convento, foi por parte dos Templários. O edifício foi-lhes cedido após a sua reconstrução em 1154, por ordem de D. Afonso Henriques. No entanto, no decorrer dos séculos XIII e XIV esteve sob a ocupação da Ordem de Santo Agostinho, estando dependentes do bispo de Lisboa e do Papa.

Até 1219, o Convento contava com dois pisos representando duas comunidades separadas, uma de mulheres e outra de homens. À data, os conventos seriam partilhados entre os dois géneros. Transformou-se mais tarde num Convento feminino de clausura.

Já durante a clausura, as monjas do Convento de Chelas, apelidaram-se de “donas”. Este foi um aspeto relevante e alvo de controvérsia, que deu origem a que surgissem várias comunidades com a mesma denominação. Estava relacionado com as mulheres que habitavam o convento e não

⁹ Também conhecido como *O Magno*

estavam numa situação de clausura. Estas, adotavam a designação de donas por efeito do seu estatuto e das famílias de que provinham.

No Convento de Chelas dava-se bastante importância às famílias, devido à influência que exerciam sobre o sistema régio e nobreza, que por sua vez procuravam no Convento uma consolidação do seu poder. As religiosas que pertenciam ao convento não abdicavam dos seus apelidos de família, e era-lhes permitido levar bens pessoais, que seriam entregues ao Convento e gerido pelas monjas.¹⁰

Durante o século XIV, o Convento apresentava um domínio bem constituído. No entanto, atravessava algumas dificuldades financeiras que foram resultado de problemas políticos, económicos e de carácter interno. No século XV, estes problemas aumentam, devido aos vários conflitos¹¹ e consequente carência social. O grande número de mortes e pobreza que se havia instalado por toda a cidade contribuíram para o progresso das dificuldades que o Convento atravessava.

Deste modo, a priora do Convento de Chelas inicia um processo de compra de propriedades de modo a que não perdessem os seus bens e aumentassem as dificuldades financeiras. Apesar disso os problemas permaneceram o que se constata pelas descrições do estado de degradação do edifício: encontrava-se parcialmente em ruínas e a carecer de obras de reabilitação. Nesse sentido, transmitiu-se o encargo da obra do claustro e da igreja a um mercador de Lisboa, João da Feira. O construtor teria cerca de oito anos para a realização das obras de restauro que seriam pagas através da venda de uma das propriedades que

¹⁰ ANDRADE, Maria Filomena – O Mosteiro de Chelas: Uma Comunidade Feminina na Baixa Idade Média. Cascais: Patrimónia Histórica, 1996; pág.18

¹¹ Conquista de Ceuta e mais tarde a Batalha de Alfarrobeira.

pertenciam ao Convento.¹²

O Convento possuía bens que se distribuíam ao longo da cidade de Lisboa, chegando a Sintra e respetivos termos como Loures, Torres Vedras e Óbidos. Contava também com propriedades a sul do rio Tejo e até em Santarém, onde a produção agrícola contribuía para o estabelecimento do seu domínio.

O Convento explorava, também, uma reserva circundada pela cerca que o limitava. Era formada por um solo fértil em vinhas e olivais, possuindo ainda instrumentos de produção como um lagar, forno, áreas de armazenamento, um celeiro e adega.¹³

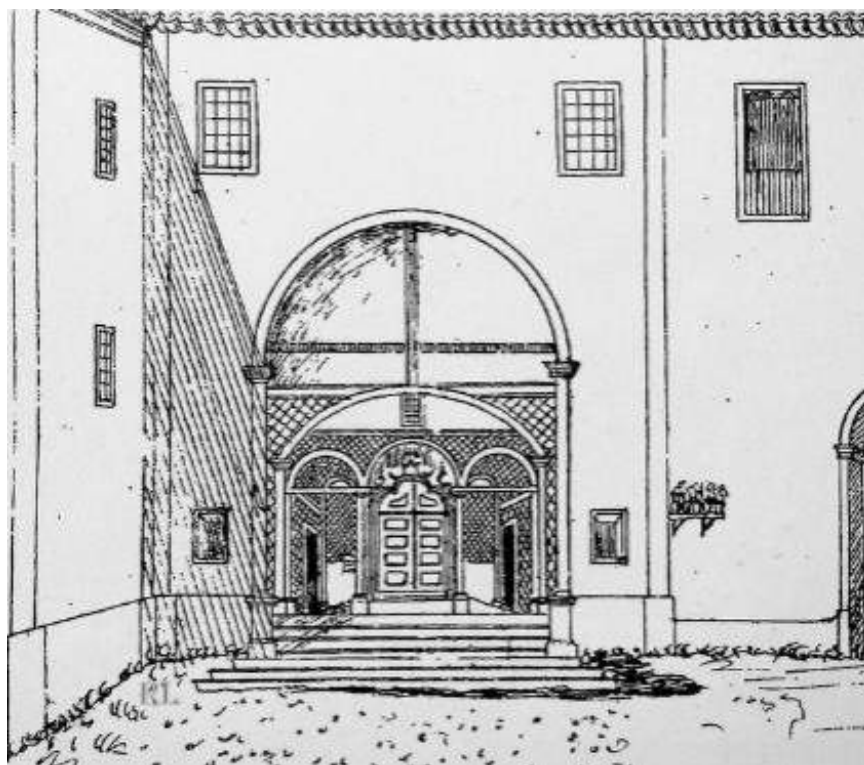


Fig. 12- Estrada de Chelas - (Século XIX) - Desenho de Gonzaga Pereira

¹² ANDRADE, Maria Filomena – O Mosteiro de Chelas: Uma Comunidade Feminina na Baixa Idade Média. Cascais: Patrimónia Histórica, 1996; p.46

¹³ ANDRADE, Maria Filomena – O Mosteiro de Chelas: Uma Comunidade Feminina na Baixa Idade Média. Op. Cit. pág.31



Fig. 13- Desenho do Portal Manuelino da Igreja.

“O património conventual, estrategicamente situado, ao longo da grande estrada líquida que é o Tejo, consegue ultrapassar a grave crise interna por que passa o convento, que com as suas instalações destruídas, nos finais do século XIV, se vê obrigado a acolher-se aos paços régios e a casas alheias ou de familiares das donas.”¹⁴

Nos séculos que se seguem, em particular no séc. XVI, o edifício é alvo de ampliações. Durante a campanha manuelina, é realizada a renovação da igreja através da introdução do portal e galilé manuelino. Assim como a construção da fonte do claustro, a azulejaria dos espaços conventuais e a reabilitação do aqueduto já existente. Deste período é também a reconstrução da capela mor e a construção do segundo piso do claustro.

“Em 20 de Setembro de 1654 um incêndio deflagrou no Convento, mas não sabemos quais os estragos que sofreu e se estes afetaram somente o edifício conventual ou também a igreja. Aliás, esta casa religiosa parece ter sido atreita a esse tipo de sinistros. Quem o diz é Frei Luís de Sousa (...)”¹⁵

O Convento passou depois por dois momentos de importância histórica, que marcaram não só Lisboa, como todo o país. O primeiro é o terramoto de 1755, que é descrito como a data da destruição de Lisboa e do Convento de Chelas. Desta catástrofe resultou a reconstrução de grande parte do edifício.

O segundo momento diz respeito à extinção das ordens religiosas em 1834. No caso das ordens femininas, a extinção não foi imediata ao contrário do que aconteceu com as ordens masculinas. Neste caso, o

¹⁴ ANDRADE, Maria Filomena – O Mosteiro de Chelas: Uma Comunidade Feminina na Baixa Idade Média. Op. Cit. pág.32

¹⁵ SUCENA, Eduardo – O Vale e o Convento de Chelas, in Revista Arqueologia e História nº 58. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2007. Pág. 167

processo consistia em não admitir novas noviças, levando à morte lenta da Ordem, até ao óbito da última religiosa professa.

A extinção das ordens religiosas dá origem a uma venda em hasta publica de conjuntos conventuais como o Convento de Chelas. Esta situação leva a uma dispersão de propriedades; daqui resultam inúmeras dificuldades na gestão do património conventual.

3.1.2. A VIDA CONVENTUAL

O Convento de Chelas situa-se no topo de um rico vale agrícola. Quer a posição quer a produção conferem-lhe relevância urbana, assumindo um papel preponderante no desenvolvimento da comunidade envolvente. Tirava partido da produção agrícola da cerca e abastecia as comunidades que dependiam da sua assistência.

Os pomares e hortas têm um papel fundamental no quotidiano e economia do Convento. Estas culturas de regadio, ricas e variadas, encontram-se num lugar onde a água abunda e onde o edifício mantém os instrumentos de aproveitamento agrícola.¹⁶

Para além de tirar partido da sua localização, o Convento de Chelas, não dependia unicamente de uma família patronal, Bispo ou Rei nas questões

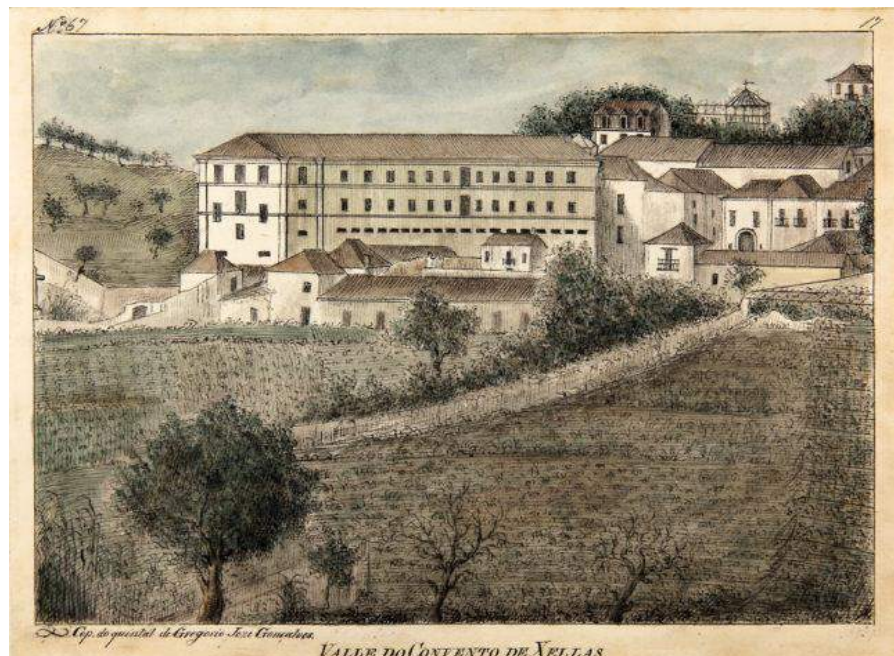


Fig. 14- Pintura do Convento de Chelas e a sua cerca. Autor e data desconhecidos

¹⁶ ANDRADE, Maria Filomena – O Mosteiro de Chelas: Uma Comunidade Feminina na Baixa Idade Média. Cascais: Patrimónia Histórica, 1996; pág.65

de foro religioso¹⁷. O Convento tinha uma independência e autonomia que advém de uma postura política particular.

As comunidades procuravam proteção no edifício, que servia de espaço de trabalho e oração. Contribuía também para a educação das crianças das comunidades vizinhas e como habitação para quem procurasse a clausura.

Os conventos femininos são, provavelmente, a única tipologia de edifício do qual os seus princípios resultam de questões de género.

Os conventos de clausura apresentam características representativas da separação de géneros e da projeção de uma imagem de poder por parte das monjas.¹⁸

“De facto, a planta, a altura dos corpos edificados, o tipo e distribuição de aberturas, os principais percursos internos, e até aspetos importantes de decoração resultam, nos mosteiros femininos de monjas, de um objetivo principal: assegurar a separação entre mulheres e homens e garantir que só se encontram em lugares ritualizados e vigiados.”¹⁹

A igreja do Convento de Chelas é um exemplo da implementação destas características. É um dos espaços mais complexos do conjunto devido à convivência entre leigos e religiosos.

Nesse sentido, apresenta dois corpos distintos e autónomos. Um coro para

¹⁷ ANDRADE, Maria Filomena – O Mosteiro de Chelas: Uma Comunidade Feminina na Baixa Idade Média. Cascais: Patrimónia Histórica, 1996; pág.75

¹⁸ GOMES, Paulo Varela - Arquitectura de Mulheres, Mundo de Homens. Op. Cit. Pág. 87

¹⁹ GOMES, Paulo Varela - Arquitectura de Mulheres, Mundo de Homens. Op. Cit. Pág. 89



Fig. 15- Pintura de uma freira em clausura. Ferdinand Wagner "A Nun Contemplating a Cross in a Garden" (600x1078)



Fig. 16- Pintura de uma freira na cerca em clausura. 1886, Luigi Conconi "A Glimpse to the World"

as monjas e a zona inferior da nave para os leigos. Por isso a entrada destes é feita lateralmente pelo portal. Seriam orientados visualmente para o altar, o que permitia que o coro alto ficasse livre de olhares para as monjas.

O Convento de Chelas foi responsável pelo desenvolvimento e crescimento do Vale. Foi um elemento servidor da cidade e considerado a mais antiga casa monástica de Lisboa. Auxiliava a comunidade a nível espiritual, educacional e medicinal.

A relação estabelecida entre a vida das que estavam em clausura e o culto religioso é sentida no próprio edifício. Encontram-se elementos que representam a vivência da clausura, com a presença de grades e muros. Estes espaços pretendiam a separação do mundo exterior, o que dava origem a que o convento vivesse na dependência daquilo que produzia e segundo as suas regras.

Após a extinção das ordens religiosas em 1834 a vida e impacto social do Convento mudou bastante.

A extinção representou um declínio na produção agrícola de todo o país, e também no Vale de Chelas. A assistência a nível educacional e medicinal, às comunidades que envolviam o Convento, foi significativamente reduzida, o que introduziu as fortes dificuldades económicas que passaram a ser sentidas por toda a população do Vale.

Os Conventos começaram a ser reconvertidos em instituições públicas. O Convento de Chelas foi entregue aos Ministérios da Guerra e do Ultramar. Tal pode ter contribuído para a sua perda de atratividade, mas resultou numa poupança financeira para o Estado.

3.1.3 INDUSTRIALIZAÇÃO

As primeiras alterações no Vale de Chelas começaram a surgir durante o desenvolvimento manufatureiro do período Pombalino que se prolongou pelo séc. XIX e início do XX. Estas indústrias procuravam um lugar fora das portas da cidade.

Desta forma, o Vale viu serem introduzidas grandes instalações da indústria pesada, que se sobrepuseram aos espaços rurais.

A 14 de Março de 1898, a Fábrica da Pólvora sem fumo instala-se no Convento de Chelas. No desenrolar do período industrial, iniciou-se o estudo sobre o fabrico de uma nova espécie de pólvora, que se destinava a munições e cartuchames, assim como carregamento de armas portáteis e bocas de fogo.



Fig. 17- Vista sobre o Vale de Chelas até Xabregas, Lisboa, 1990.



Fig. 18- trabalho na Fábrica da Pólvora de Chelas. Joshua Benoliel. 1916

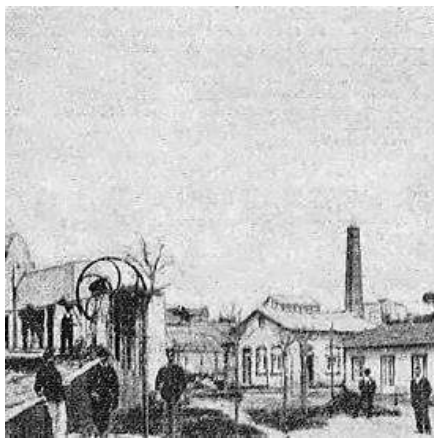


Fig. 19- Fábricas na Cerca do Convento de Chelas Joshua Benoliel. 1916

Nesse sentido, o Capitão Correia Barreto²⁰ instala no Convento a nova fábrica da Pólvora e ordena a construção de equipamentos fabris na sua cerca. A maioria destas instalações destinavam-se aos equipamentos de matéria perigosa, o que permitiu que nos espaços conventuais se instalassem os departamentos de natureza mais delicada, que menos ofendiam a arquitetura, como os departamentos administrativos.

A Fábrica era então constituída por Oficinas de Cardação de Algodão; Oficinas de Purificação, Pulverização e Lavagem do algodão; diversos laboratórios; Oficinas de Nitrição e Nitro-Glicerina; Laminagem e Granulação; Estufas; Máquinas a Vapor; Armazéns e carreiras de tiro para testes de qualidade.

O Capitão Correia Barreto dirige a fábrica até janeiro de 1901 e foi em 1908, encarregue da sua ampliação. Em 1910, no curso da Implantação da República, a pólvora sem fumo transforma-se num elemento de grande importância para o país. Começa a demonstrar um desenvolvimento frenético na produção de munições e armamento e torna-se imprescindível durante a 1ª Guerra Mundial.

Com o crescimento da fábrica, surgem novas exigências. Devido à necessidade de novos recursos elétricos, é instalada em 1922, a nova central termoelétrica. Trata-se de uma geradora *Krupp* que apresentava uma melhor performance que a sua antecessora, uma Sulzer de 90cv.

Já na década de 20, durante o século XX, a Fábrica da Pólvora mantém as suas linhas de fabrico, reforça a produção de armamento para as infantarias e passa a designar-se por Fábrica Nacional de Armas Ligeiras (FNMAL). No decorrer da década de 50, a Fábrica retira-se oficialmente

²⁰ Encarregue pelo estudo da Pólvora, ordenado pelo General João Manuel Cordeiro.

das instalações do Convento e é transferida para Moscavide, deixando apenas o seu departamento químico no recinto conventual, até ao seu encerramento oficial em 1983.

Destas instalações da Fábrica da Pólvora, hoje pouco subsiste. Restam ainda alguns espaços industriais junto à Igreja do Convento, onde podemos encontrar a Geradora Krupp com as suas respetivas ferramentas, quadro elétrico e estruturas de apoio.

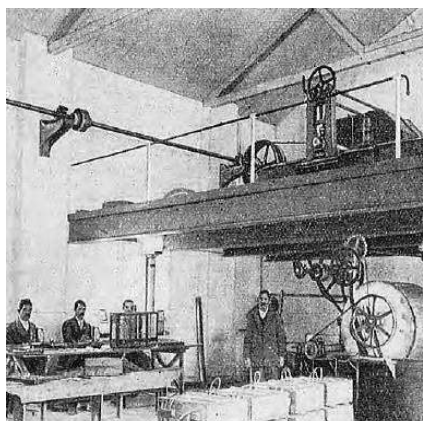


Fig. 20- (Esq.) Trabalho na Fábrica. Joshua Benoliel. 1916

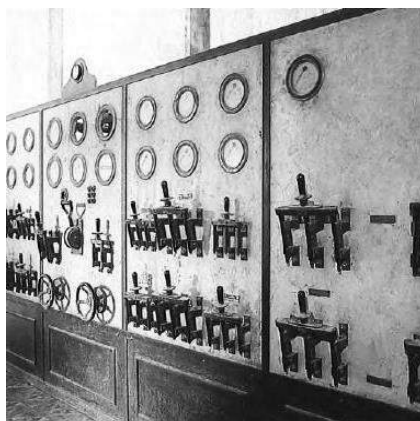


Fig. 21- (Dir.) Quadro Elétrico da Geradora. Data e Autores desconhecidos.

No decorrer da década de 80, iniciou-se um processo de desindustrialização em toda a cidade de Lisboa. Esta situação deriva das grandes alterações económicas que se atravessavam em todo o mundo e devido à crise do petróleo da década de 70.

Após a retirada da Fábrica da Pólvora das instalações do Convento, grande parte dos seus equipamentos foram desmantelados. Aproveitando que o edifício pertencia ao Ministério da Guerra, foi ali instalado o Arquivo do Ministério do Exército (que em 1970 por transferência do acervo se transformara no Arquivo Geral do Exército).

A instituição ocupa ainda hoje o Convento de Chelas e representa uma ocupação estável, face às variadas alterações que o Convento sofreu.

Ainda assim, o Convento e o Vale de Chelas permanecem esquecidos e

desintegrados do contexto da cidade de Lisboa. O património Conventual e Industrial encontra-se em ruínas ou em contextos alterados, a carecerem de urgentes intervenções que resolvam o seu mau estado de conservação.

O quadro urbano do Vale e do Convento demonstram uma grande instabilidade e descaracterização, apesar do grande valor arquitetónico e paisagístico.

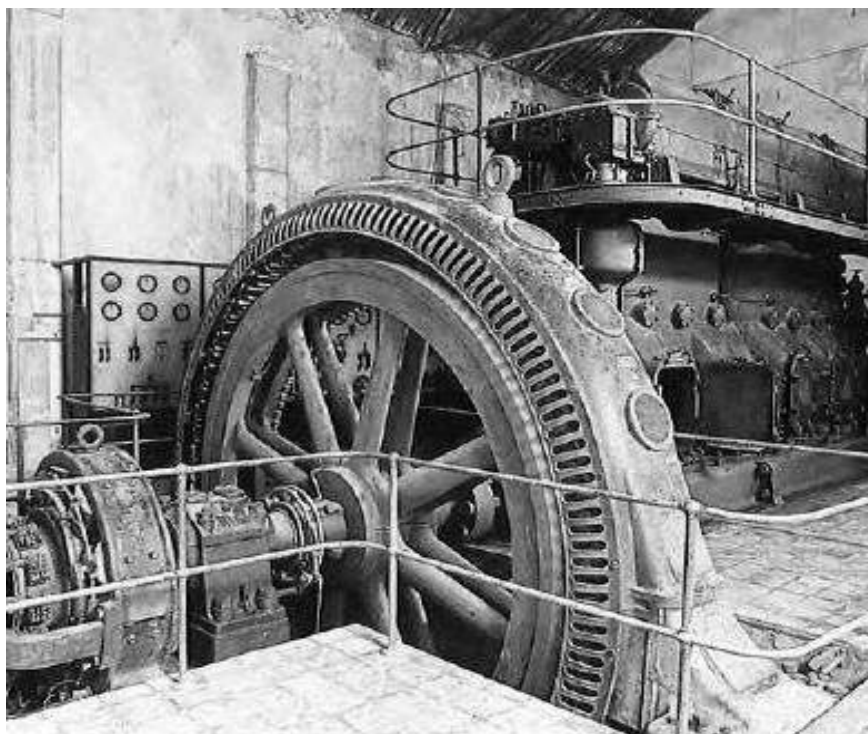


Fig. 22- Geradora Krupp. Data e Autor desconhecidos.

3.1.4. EVOLUÇÃO DO EDIFICADO

É possível, ao longo da evolução e crescimento do Convento de Chelas, identificar nove fases significativas que definiram o edifício.

A primeira fase encontra-se no séc. VII, com a construção da capela do Convento. Como já foi referido anteriormente, decorreu durante a Monarquia Visigótica no ano de 665. Esta capela corresponde, hoje, ao altar mor da Igreja do Convento.

A segunda fase corresponde à construção da Igreja, Claustro e respetivas dependências, como a enfermaria, a cozinha, o refeitório e alguns dormitórios. Lembra-se que o edifício albergava até à data, duas comunidades: uma de homens e uma de mulheres, em dois pisos separados.

A terceira fase diz respeito à primeira metade do séc. XVI. Foi introduzido no Convento o átrio duplo de entrada na Igreja. Este espaço, estabelece uma transição mais definida entre o exterior e o espaço de clausura.

A quarta fase corresponde à segunda metade do séc. XVI. Surge a primeira expansão do Convento a Sul, com a introdução da Nave dos dormitórios. Tratam-se de celas abobadadas onde as monjas dormiam.

Esta fase refere-se, também, às intervenções da campanha manuelina, que constou de algumas renovações, da construção da fonte do claustro e da introdução da azulejaria do mesmo.

A quinta da fase encontra-se no intervalo entre os séc. XVII e XVIII. Aqui, a nave a Sul do claustro é construída na sua totalidade. Em 1604, o Convento é reconstruído na íntegra devido ao elevado estado de degradação.

Após o terramoto de 1755, a igreja é novamente reconstruída por causa dos danos sofridos durante a catástrofe.

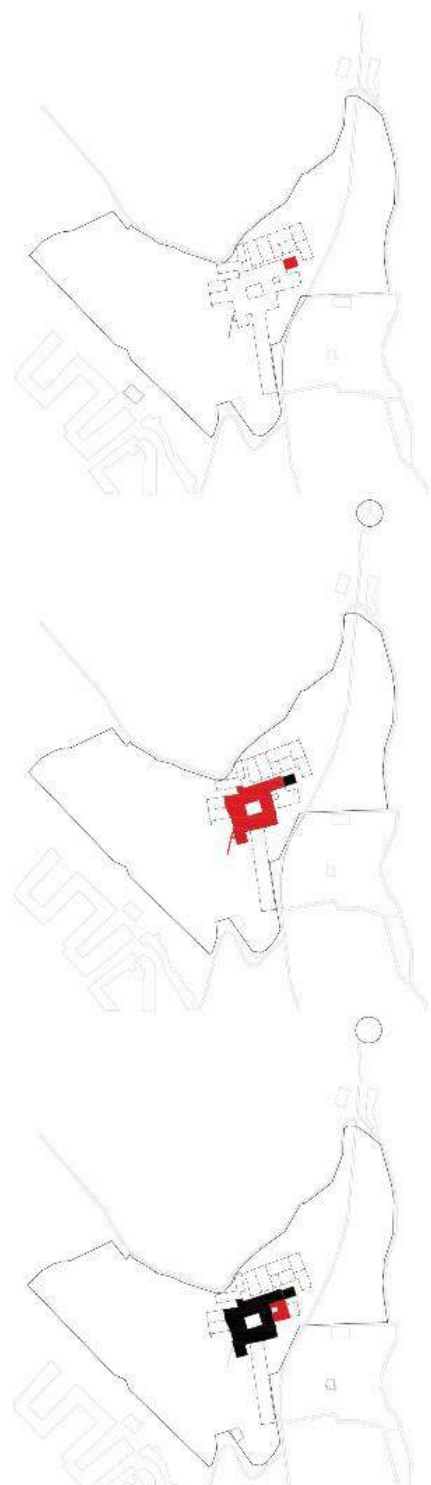


Fig. 23- Evolução do Convento de Chelas - Fase 1, 2, 3.

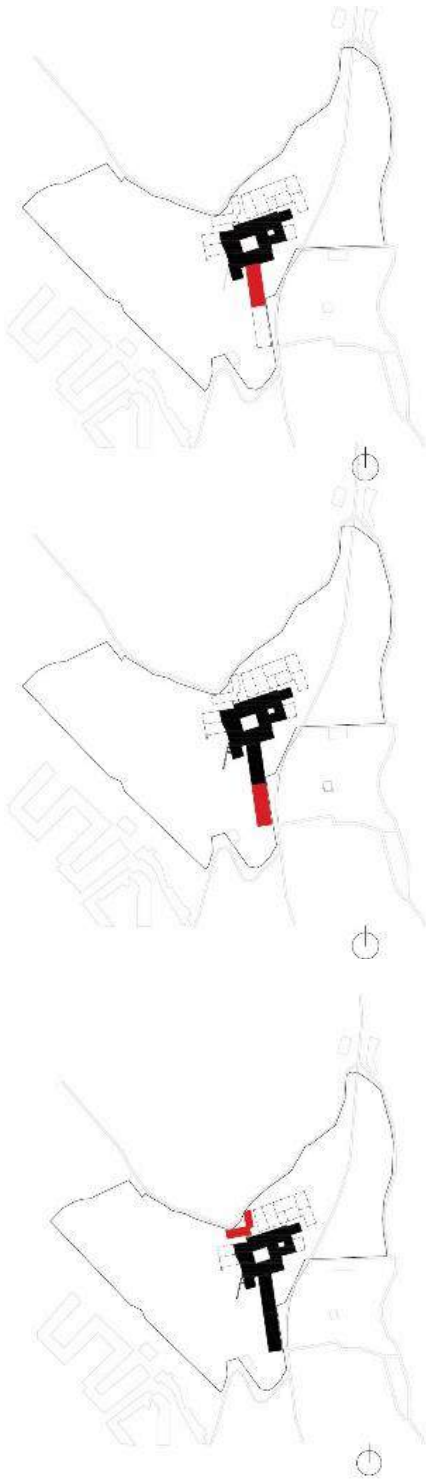


Fig. 24- Evolução do Convento de Chelas.
Fase 4, 5, 6.

A sexta fase corresponde ao séc. XIX, após a extinção das ordens religiosas em 1834. O Convento sofre, então grandes obras de restauro e construção a norte que estabelece ligação com a azinhaga. No entanto, estabiliza as intervenções até ao final do século.

A sétima fase diz respeito ao final do séc. XIX, com a instalação da Fábrica da Pólvora Seca em 1898.²¹ Corresponde à introdução dos diversos equipamentos fabris e das novas áreas de testes da pólvora nos campos agrícolas do Convento.

A oitava fase corresponde a meados do séc. XX.²² É possível verificar a expansão das instalações industriais pela restante área da cerca. A nascente, surgem novas áreas de teste da pólvora e novas carreiras de tiro.

É de referir ainda que são construídas, entre as instalações fabris, algumas habitações destinadas a funcionários de cargos elevados da Fábrica da Pólvora.

A última fase diz respeito à transferência do Arquivo Geral do Exército que ocupou o edifício após a extinção da Fábrica. Grande parte dos edifícios fabris foram desmantelados e extintos, deixando alguns vestígios arruinados nos campos da cerca.

No entanto, foi deixado intacta a geradora Krupp que se encontra hoje num dos edifícios que sobreviveu, a norte da igreja.

Posteriormente, com a entrada do Arquivo, o edifício foi ocupado na sua totalidade. Foram realizadas algumas obras para que fosse possível a instalação dos documentos.

²¹ Segundo o levantamento realizado por Silva Pinto entre 1094 e 1911 (em anexo p.116)

²² Segundo o levantamento de edificado realizado em 1950, pelo Instituto Geográfico e Cadastral. (em anexo p.116)

As intervenções deste período são visíveis em todo o Convento, sendo que a mais significativa terá sido na nave das antigas celas conventuais. Estas celas abobadadas foram destruídas de modo a dar lugar a uma nave desimpedida que serviu para a colocação de todo o arquivo.

Os espaços dos cinco pisos da nave não chegariam para a quantidade de documentos pertencente ao Arquivo. Como tal, as antigas instalações fabris foram também ocupadas com a mesma finalidade. Os restantes espaços conventuais passaram a ser utilizados para áreas administrativas e de gestão da instituição.

Apesar das constantes alterações após a extinção das ordens religiosas, o Convento de Chelas continua a manter características da reforma executada nos primeiros anos do século XVII (DGPC).

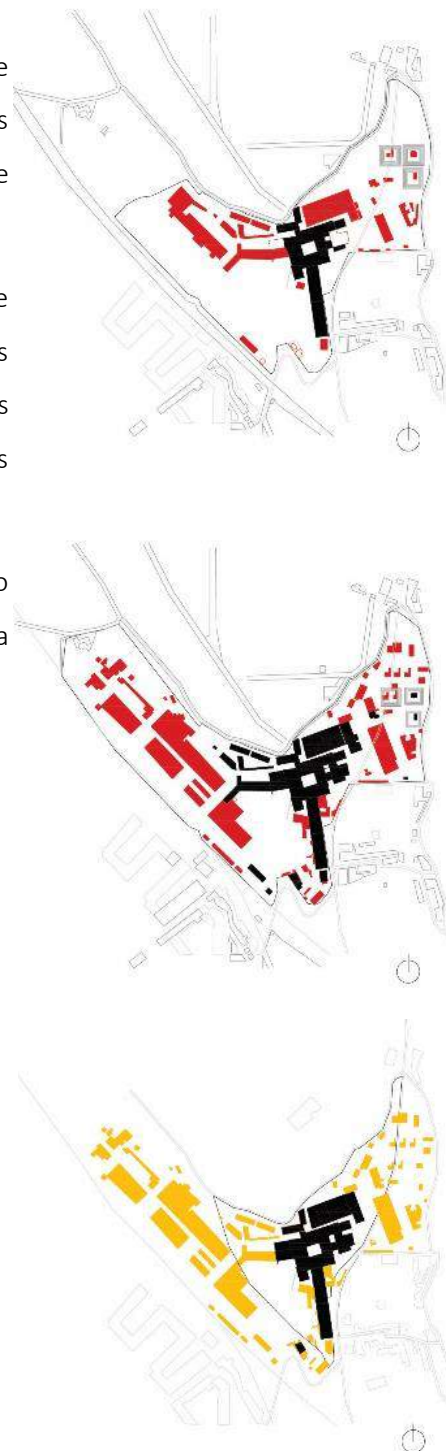


Fig. 25— Evolução do Convento de Chelas.
Fase 7, 8, 9.

3.2 | LEITURA MORFOLÓGICA

“Any real presence is intimately linked with character. (...) The character is determined by the material and formal constitutions of the place.”²³

No seguimento da análise histórica, é agora relevante compreender os aspetos morfológicos do lugar.

Procurar-se-á clarificar o modo como edifício se apresenta hoje, uma vez que foi sujeito a várias alterações e obras de reabilitação e reestruturação. Procura-se entender a participação desses elementos na experiência do edifício e de que forma se faz comunicar.

A leitura formal do lugar significa uma entrada no âmbito fenomenológico. Trata-se de uma narrativa acerca das particularidades físicas do lugar que colaboram com a sua experiência fenomenológica.

²³ NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Edinburg: Rizzoli, New York, 1991, p. 5

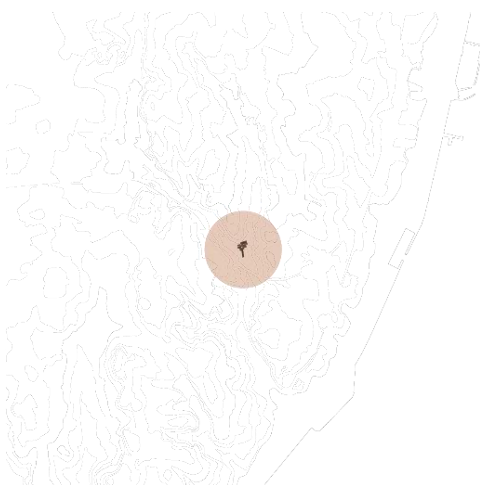
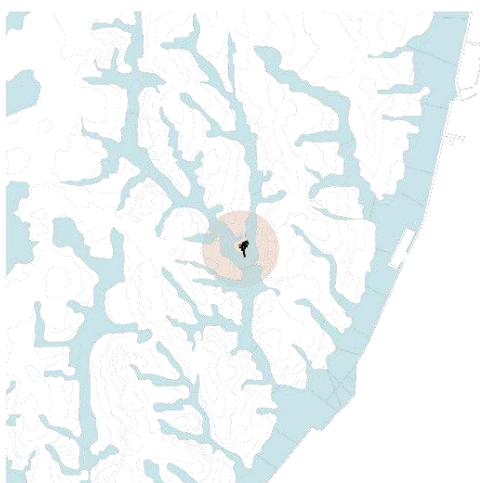
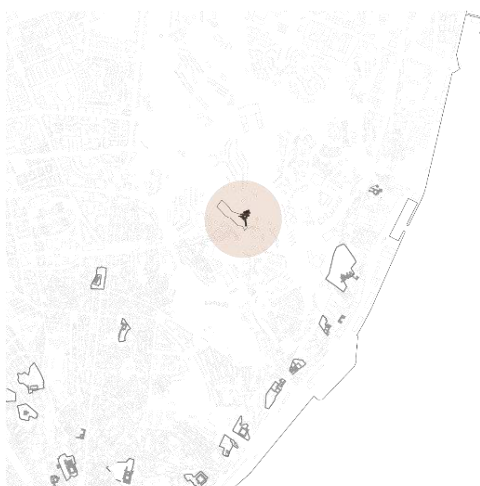


Fig. 26- Plantas do Vale de Chelas. Densidade e património; Hidrografia e Topografia.

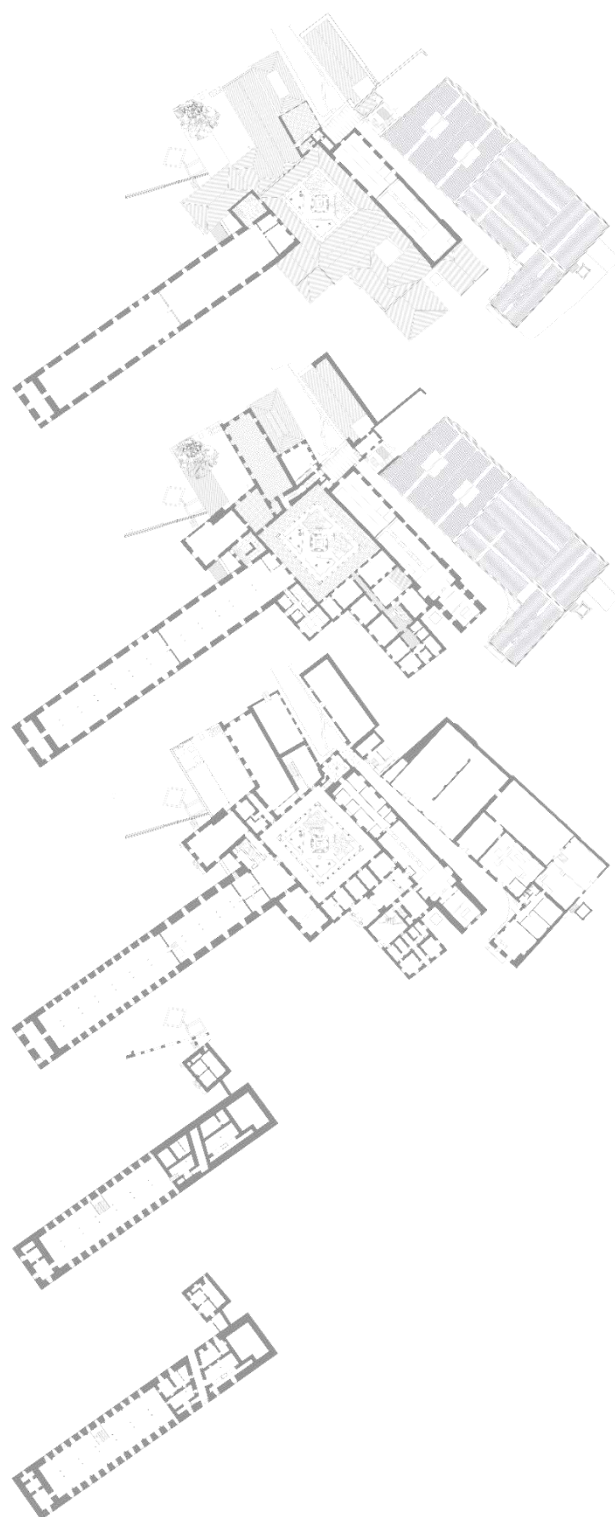


Fig. 27- Levantamento do Convento de Chelas.

3.2.1 | CONVENTO



Fig. 28- Fotografia do Convento de Chelas, visto da Estrada de Chelas.



Fig. 29- Fotografia da Entrada do Convento de Chelas.

Localizado na área a montante da Estrada de Chelas, o Convento encontra-se implantado num lugar abraçado pela topografia acidentada do território. É circundado por colinas e assenta num local de excelência, com grande domínio sobre a paisagem.

Contudo, o que corresponde hoje aos limites do convento são as redes viárias como a Estrada de Chelas, o Caminho de Ferro e o Metro.

À chegada ao Convento, pela Estrada de Chelas, encontra-se um edifício de grande escala, frio e austero. Forma uma barreira visual no topo da Estrada e encerra o seu percurso. Impõe-se, e apresenta-se numa posição privilegiada deste território.

Nas fachadas que se encontram viradas para a estrada de Chelas, apresentam-se evidências da clausura e do encerramento do edifício face à urbanidade. O primeiro vestígio corresponde à entrada do Convento. Trata-se de um vão em arco²⁴, encerrado por um gradeamento de clausura e possibilita a distribuição para as dependências do convento, igreja e claustro.



Fig. 30- Fotografia do Convento visto da Cerca.

²⁴ Ver Figura 30.

De um modo geral, o Convento esconde do exterior as suas dependências. Encontram-se vãos com características de clausura e com alguma rigidez construtiva. As suas dimensões, molduras, gradeamentos e guardas imprimem na imagem do convento, a espessura que o edifício tem. No entanto, os vãos são privilegiados com vistas sobre o vale.

O convento caracteriza-se pelas suas paredes maciças em alvenaria de pedra, rebocadas e/ou estucadas. O seu exterior apresenta uma cor amarela desvanecida, com as cantarias rebocadas.

É possível, ainda, encontrar uma entrada transversal à estrada de Chelas. Corresponde a uma passagem entre a estrada e a cerca, que atravessa transversalmente o volume da nave dos antigos dormitórios.

Apresenta um corredor em abóbada que estabelecia uma ligação para a recolha e abastecimento da comunidade com as colheitas produzidas na cerca.

Relativamente à cerca, é difícil determinar a exata área a que corresponde a propriedade do Convento. Como foi possível verificar anteriormente²⁵, parte do limite da antiga cerca foi-se perdendo. Sendo que hoje, corresponde a um limite inferior ao original.

Naturalmente, a perda de propriedade do Convento é resultado da evolução e sobreposição urbana de Chelas. Os novos limites de freguesias e cedências de terrenos contribuíram para o desaparecimento do que era a cerca do Convento.

Hoje, a cerca ainda corresponde a uma área significativa, mas apenas de usufruto do edifício.

Originalmente, os campos da cerca destinavam-se ao cultivo de pomares



Fig. 31- Fotografia do Tunel do Convento, visto da Cerca

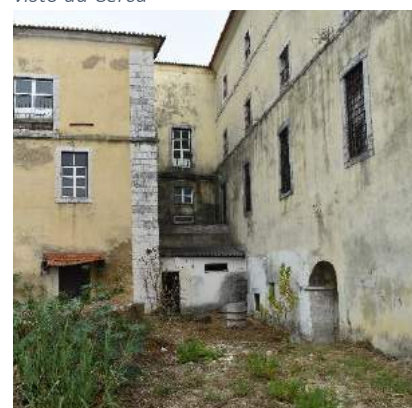


Fig. 32- Fotografia do Túnel do Convento visto da Cerca.

²⁵ Veja-se no capítulo 2.1.3 – *Evolução do Edificado*.

e hortas. Eram fertilizadas pela matéria escoada do topo das colinas. O seu sistema hidráulico composto pelo aqueduto e variadas linhas de água permitiam, por sua vez, uma grande produção agrícola.

Com a expropriação subsequente à Revolução Liberal perderam-se os jardins de limoeiros e campos de cultivo que abasteciam a comunidade porquanto foram ali instalados os equipamentos industriais.



Fig. 33– (Esq.) Fotografia da área verde da Cerca do Convento.



Fig. 34– (Centro) Fotografia da área verde da Cerca do Convento.



Relativamente à forma do Convento, é evidente que num terreno desnivelado, observa-se uma orientação variável. Este edifício, orienta a sua expansão para sul de modo a tirar partido da hidrografia e topografia do lugar. A sua restante orientação irregular é explicada pela sinuosidade acidentada do terreno.²⁶

O Convento é constituído por uma planta irregular que se aproxima de um T e é composta por vários volumes acoplados que geram uma planta irradiante a partir do claustro e igreja.

A igreja tem uma planta longitudinal com três volumes (Altar Mor, Nave e Coro Alto), um Claustro e uma Torre Sineira. Estes, são os elementos de maior relevância do conjunto conventual e correspondem aos espaços

²⁶ JORGE, Virgolino Ferreira – Mosteiros Cistercienses Femininos em Portugal: Notas sobre a tipologia dos sítios e das igrejas; Sapata Revista “Cistercivm” nº217, 1999; p. 857

sagrados e de contemplação.

“A disposição funcional dos diversos espaços comunitários, em torno do claustro, obedecia à planta tradicional da abadia, adaptada às exigências evolutivas do quotidiano contemplativo feminino. A cada galeria do quadrado claustral correspondiam espaços diferentes de atividade humana, física ou espiritual.”²⁷

O conjunto industrial encontra-se a norte da igreja. É composto por seis volumes e uma chaminé industrial. Mantém preservados os seus elementos construtivos originais, assim como os seus revestimentos.

No interior do convento, ainda é possível encontrar diversos panos de azulejaria, apesar de bastante danificados. Encontram-se espalhados nas dependências conventuais e pertencem maioritariamente aos séculos XVII e XVIII.

Os panos de azulejo têm por motivos desenhos de camélias (azuis e amarelos), alguns padrões geométricos²⁸. Há ainda azulejos típicos da época pombalina (azuis e brancos), e ainda alguns introduzidos já no período da ocupação militar.

Por sua vez, a pavimentação do Convento é diversa. À exceção da Nave dos dormitórios, apresenta maioritariamente pavimentos em pedra ou madeira com uma estereotomia variada.

²⁷ JORGE, Virgolino Ferreira – Mosteiros Cistercienses Femininos em Portugal: Notas sobre a tipologia dos sítios e das igrejas; Sapata Revista “Cistercium” nº217, 1999; página 857

²⁸ Nomeadamente os que se encontram no murete do claustro. Estes azulejos remetem para a ocupação dos Templários.

De um modo geral, o convento mantém uma imagem de encerramento e interiorização dos seus ambientes. É proporcionado pelos aspetos formais do modo como se apresenta pelo exterior e da forma como contrasta no seu interior.

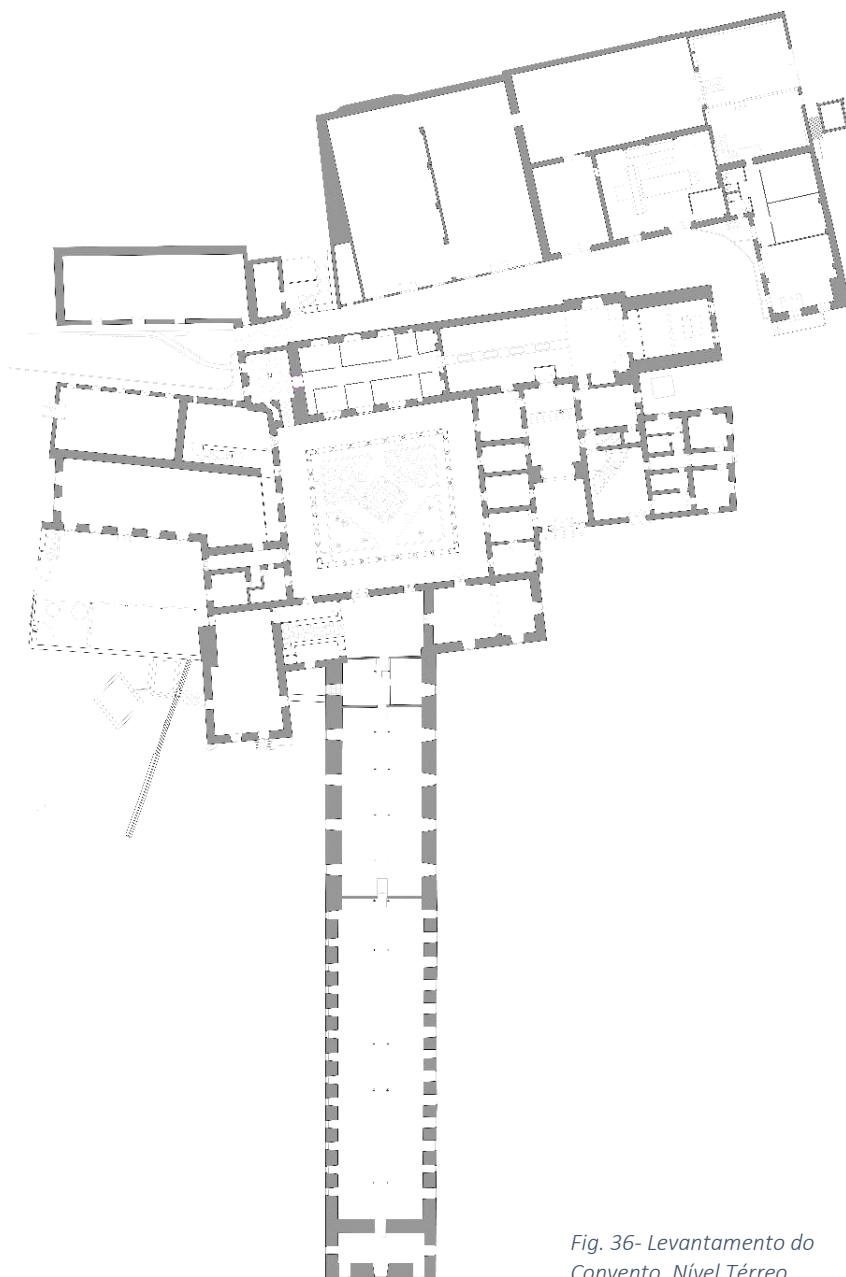


Fig. 36- Levantamento do Convento. Nível Térreo.

3.2.2 | CLAUSTRO

O Claustro do Convento de Chelas é um espaço de recolhimento, meditação e sociabilidade do conjunto. Está intimamente relacionado com a conceção da vida contemplativa.

Este espaço, apresenta uma planta quadrangular, composta por dois pisos. É circundado pela igreja, restantes dependências conventuais e pelo corpo longitudinal onde se encontrariam as celas.

O primeiro piso apresenta a sua galeria de sete tramos definida por arcos plenos. Estes arcos, assentam em colunas toscanas que crescem sob um murete. No centro abre-se uma passagem para o pátio.

O jardim do claustro encontra-se repartido em quatro cantos que simbolizam os quatro jardins de paraíso. O Éden, encontra-se no centro e é representado pela fonte do claustro.²⁹ Hoje, no pátio podem ser encontradas palmeiras a ocupar os quatro cantos ajardinados. Outrora seriam destinados a oliveiras e árvores de fruto.

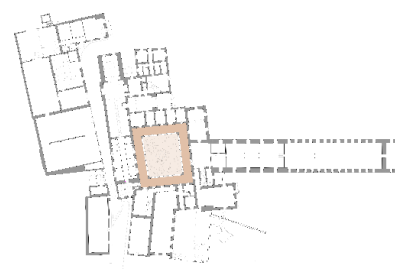


Fig. 37- Fotografia do Claustro.

²⁹ Deste modo, Éden habita o lugar com os sete pilares da união do sagrado com o material.

A fonte do claustro é composta por um tanque quadrangular, no centro e quatro bancos de espaldar. Estes, encontram-se em torno do tanque, de modo a representar as cinco circunferências da cruz templária.

OA fonte, contém ainda, floreiras revestidas a azulejos. O revestimento terá sido introduzido em meados do séc. XVIII durante a reforma pombalina.

Fig. 68 - Fonte do Claustro.

Fig. 39- Fonte do Claustro.



Os azulejos que se encontram na galeria, por sua vez, são provenientes de diferentes séculos. A grande maioria foi introduzida entre o século XVI e XVIII. Apresentam imagens de camélias e referências ao culto mariano.

O segundo piso do claustro é alpendrado sob colunas. Estão apoiadas num parapeito corrido que no seu centro é substituído por um varandim de balaústres de pedra. A galeria deste piso, também é revestida por azulejaria (já com cópias de substituição).³⁰



Fig. 40- Fotografia do pano de azulejos da galeria do Claustro

Fig. 41- Fotografia aproximada dos azulejos da galeria do Claustro.

³⁰ Estas cópias foram colocadas no final do século XX.

Durante a ocupação militar, foram realizadas obras de intervenção, que tinham o intuito de restaurar o claustro. Encontrava-se degradado e com a estrutura da sua cobertura a ceder. Assim, foi introduzida uma viga de betão sobre as colunas do segundo piso. Esta, tinha a intenção de reforçar o suporte da cobertura das galerias.

Na organização espacial do claustro, persistem elementos como a divisão quadrilateral do pátio. É feita através dos jardins de modo a representar a *fons vitae*. Está situada no centro do claustro e cercada pelas suas quatro paredes que são representativas do mundo material.

O claustro simboliza um *jardim fechado* (*hortus conclusus*). Representa um centro espiritual na terra e o jardim da virgem, jardim este, onde só o mais santificado é aceite.

Através dos elementos descritos anteriormente, o Claustro do Convento de Chelas, oferece uma experiência de intimidade. É valorizado o seu carácter interiorizado, protegido do exterior. O lugar cria um enclave e isola-se da envolvente.

Por ser um lugar desconhecido à chegada, assegura um momento de reflexão e paragem. Este aspeto está relacionado com o mistério que o claustro carrega, por não ser revelado à chegada ao Convento.



Fig. 42 - Fotografia da Galeria do 2º Piso do Claustro

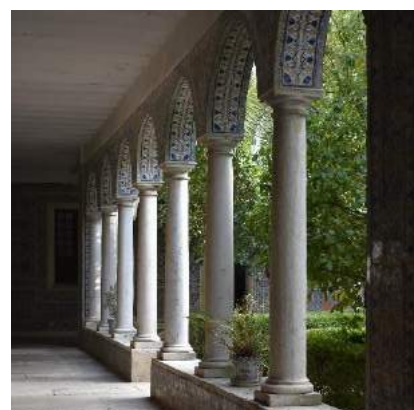


Fig. 77 - Fotografia da Galeria do 1º Piso do Claustro

3.2.3 | IGREJA

“(...) a igreja é o centro espiritual do mosteiro. Por ser o edifício mais importante e maior, é o que notabiliza o caráter unitário da ordem e as preocupações do construtor”³¹

A igreja do Convento de Chelas é o espaço mais antigo do edifício e também o mais fragilizado. Representa a sua origem e o motivo do seu crescimento. Simboliza a primeira presença religiosa no Vale de Chelas.

A entrada da igreja é feita através do duplo átrio a nascente do Convento. Ambos, são separados por dois arcos de asa de cesto e revestidos a azulejos policromáticos, azuis e amarelos.

A norte do segundo arco, eleva-se a galilé manuelina. É antecipada por uma arcada serliana de colunas toscanas e revestida a azulejos).

A arcada é coberta por uma abobada de três berços transversais à galilé,



Fig. 44- Portal e Galilé Manuelino.

³¹ JORGE, Virgolino Ferreira – Mosteiros Cistercienses Femininos em Portugal: Notas sobre a tipologia dos sítios e das igrejas; Sapata Revista “Cistercivm” nº217, 1999; página 858

assentes em lintéis. As suas paredes são revestidas por azulejos de ponta de diamante.

No interior da galilé, abrem-se duas portas distintas. Uma de acesso à sacristia e outra para a sala anexa à igreja. Na primeira, encontra-se um portal de arco polilobado, decorado com rosetas e heráldica sacra.

A ornamentação da galilé, é ainda, completada por florões e colonelos de capiteis vegetalistas. Tem, também, uma pia de água benta à sua direita.³²

A igreja é composta por três volumes distintos: o coro alto, que era destinado às monjas e noviças, a nave e o altar mor. A distinção entre os três espaços é perceptível no exterior. Presencia-se uma fachada em elevado estado de degradação e com grande parte dos seus vãos encerrados com alvenaria (fachada a norte).



Fig. 45– (esq) Interior da Igreja com nichos e arcos embutidos nas paredes.



Fig. 46– (dir) Interior da Igreja. Vista sob o Altar. Fig. 82 – (esq) Interior da Igreja com nichos e arcos embutidos nas paredes.

Entre os vãos encerrados, encontram-se os que pertencem ao coro alto. São em arco pleno, encimados por quatro quadrangulares do lado do evangelho (que permanecem abertos).³³

A nave das religiosas contém nichos em arco pleno. Constituem pequenas capelas protegidas por uma abóbada de concha e cantarias de mármore vermelho.

³² Imagem em anexo. P.140

³³ Imagem em anexo. P.135



Fig. 47- Cobertura da Igreja vista do Coro Alto



Fig. 48 - Coro alto e cobertura.

Os nichos laterais ao arco triunfal do altar, são idênticos aos descritos anteriormente. No entanto, apresentam inscrições alusivas aos antecedentes do convento e à sua formação.

A par do elevado estado de degradação, a igreja apresenta alguns elementos de caráter provisório, que contribuem para a sua descaracterização.

O primeiro é relativo à cobertura. É um elemento pré-fabricado de características rudimentares e de aspecto muito frágil. Apresenta um elevado nível de desgaste e retira importância à experiência do espaço.

Outro elemento importante a referir é a guarda que separaria o coro alto da nave dos religiosos. Esta peça encontra-se em grande estado de degradação. É complementada, hoje, por uma tela de lona que assegura a divisão dos espaços.

O coro alto, por sua vez, foi anulado e ocupado por estruturas provisórias destinadas a arrumos.

Estes elementos, minorizam a nobreza da igreja. Retiram-lhe o valor e dignidade que comportava.

Hoje, este espaço é usado pela Igreja Cristã Ortodoxa. Esta ocupação trouxe novos elementos como o *Iconostasis* que foi colocada no Altar Mor.

3.2.4 | NAVE DAS CELAS

Trata-se do volume longitudinal que forma a barreira entre a cerca e o exterior. Seria na nave que se distribuíam as antigas celas conventuais.

É o elemento do conjunto mais descaracterizado pelas obras de intervenção a que foi sujeito. Foi alvo de grandes alterações, nomeadamente a demolição das abóbadas de cruzeiro que pertenciam a cada cela individual.

Este volume longitudinal, estende-se para sul e é composto por cinco pisos. É circundado por vãos retangulares (orientados a nascente e poente), sendo que alguns estão gradeados (da clausura).

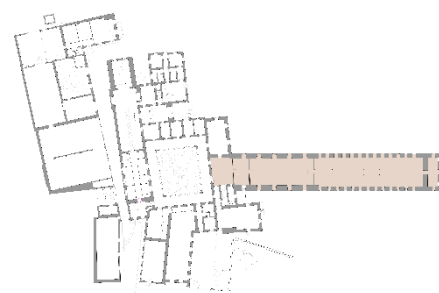
É rematado, no seu extremo, por uma pilastra e beiral e tem as suas fachadas bastante semelhantes. Apresenta no primeiro piso, uma passagem transversal ao corpo que liga a cerca ao exterior do recinto conventual.

Hoje, aquilo que resta deste espaço diz respeito às suas fachadas e vãos. Os seus pisos são delimitados por lajes de betão introduzidas durante a ocupação militar. Tinham o propósito de suportar a sobrecarga do arquivo físico ali colocado.

As lajes são apoiadas em pilares e vigas metálicas ao longo do seu corredor central. Aquilo que se pode presenciar, são espaços desintegrados, com uma leitura difusa e descontextualizada do resto do conjunto.

É ocupado maioritariamente por estantes e mobiliário envelhecido que suportam os documentos. Tratam-se de equipamentos desadequados à documentação ali presente.

O arquivo físico ocupa a totalidade dos cinco pisos e impede a possibilidade de o espaço poder ser usufruído. A iluminação natural encontra-se



obstruída e os vãos estão encerrados pelos documentos que ocupam o espaço. Transformam o espaço num lugar sombrio e descaracterizado.

*Fig. 51– Arquivo Físico
Fig. 52- Arquivo Físico.*



*Fig. 86 – Estrutura Metálica
da Nave.*

*Fig. 50 – Interior da
Nave onde se encontra
o Arquivo.*



3.2.5 | FÁBRICA

As antigas instalações da Fábrica da Pólvora encontram-se a norte do conjunto conventual, adjacentes à igreja. São compostas por seis volumes distintos, com espaços e entradas individuais.

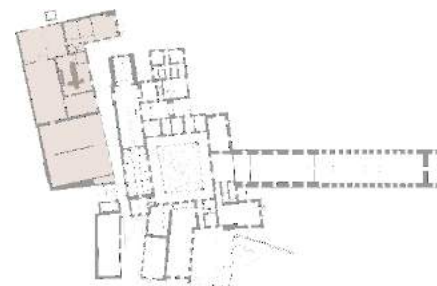
Estes volumes estabelecem uma ligação entre eles, pelo seu interior e são ocupados, em grande parte, por documentos do arquivo físico.

O volume que abriga a geradora Krupp mantém-se como foi originalmente concebido. Permanecem os seus pavimentos originais, revestimentos de estuque, lambris de azulejo e cobertura de madeira com estrutura de ferro. Também se mantém preservados os equipamentos de suporte à geradora.

Os conjuntos da fábrica mantêm a sua estrutura original, assim como as suas fachadas de tijolo, com um carácter industrial. As coberturas também se mantêm na íntegra, apesar de bastante danificadas.

“A central termoeléctrica de 1922, simboliza a importância que esta fábrica alcançou na produção da pólvora, pois foi necessário recorrer a um motor muito potente para fornecer energia-electricidade a todas as oficinas. Trata-se de um momento de viragem em termos energéticos, quando ainda a distribuição de electricidade não alcançara todo o território da cidade.

Acompanhava-se assim a evolução que Lisboa vinha sentindo com a inauguração da Central Tejo, desde 1911.”³⁴



³⁴ FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge. Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. Pág: 69



Fig. 53- Geradora Krupp



Fig. 54- Ferramentas Originais da Geradora Krupp



Fig. 89 - Geradora Krupp

3.3 | LEITURA DO SENTIDO

Uma vez finalizada a leitura histórica e morfológica do Convento de Chelas, contamos com informação acerca da sua evolução no tempo e no espaço. Assim como a identificação dos elementos de maior relevância para a identidade e caráter deste lugar.

Procura-se estabelecer uma correspondência entre o que foi anteriormente interpretado e os aspetos de dimensão mais subjetiva. Através deste entendimento, deve ser compreendida a relação entre a experiência proporcionada pelo edifício e a dimensão humana.

Presume-se que a arquitetura não exista segundo um plano objetivo. Mas considera-se que tem uma participação na vida do homem, capaz de proporcionar sentimentos e de construir uma relação íntima com o homem.³⁵

Nesse sentido, é significativo que no processo operativo da leitura do sentido sejam entendidos os aspetos e valores da compreensão que a obra tem com o homem, de modo a que seja descoberto o seu sentido.³⁶

A aproximação ao sentido é feita através daquilo que se considera ser a especificidade do convento e procura-se identificar os valores únicos da experiência.

Um passo fundamental para a intersubjectivização da experiência humana proporcionada pelo edifício foi a descoberta da poesia da Marquesa de Alorna, que ali esteve, que ali escreveu e cuja poesia apresenta muitas ressonâncias do sítio. Estas obras literárias escritas no Convento e que

³⁵ Abreu, Pedro Marques de – Palácios da Memória II: A revelação da Arquitetura. 2007. Pág: 83

³⁶ Abreu, Pedro Marques de – Palácios da Memória II: A revelação da Arquitetura. 2007. Pág: 228

contribuem em muito para a descoberta do sentido.

3.3.1 | A POÉTICA DO CONVENTO

A Marquesa de Alorna, desenvolveu parte da sua obra durante os seus anos de prisão no Convento. Os seus contributos poéticos apresentam diversas analogias relacionadas com o local onde foram escritos. Nesse sentido, torna-se pertinente uma abordagem à sua literatura, de modo identificar os elementos da experiência do lugar que contribuíram para o desenvolvimento dos seus poemas.

A Poetisa



Fig. 56- Pintura da Marquesa de Alorna de 1780 por Franz Joseph Pitschmann.

Nascida em Lisboa a 31 de outubro de 1750, D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, foi uma das mais nobres poetisas portuguesas. Escreveu e publicou obras líricas numa era em que a própria publicação de trabalhos por mulheres era mal vista pela sociedade.

Conhecida como Alcipe, foi a primeira filha do 2º Marquês de Alorna e de D. Leonor de Lorena, filha do 3º Marquês de Távora. Mais conhecida por Marquesa de Alorna, foi uma figura de vastos conhecimentos científicos e literários. Foi autora de uma obra aclamada e divulgadora de novas ideias vindas da Europa.

Por infortúnio de pertencer à família dos Távora, D. Leonor foi vítima da perseguição do Marquês de Pombal.

Após o atentado contra o Rei D. José I, Sebastião de Carvalho e Melo, sob o pretexto de perseguir e punir os autores do crime, prendeu o Marquês de Alorna e a sua família. Encarcerou-o no Forte da Junqueira e enviou a 14 de dezembro de 1758, a sua mulher e filhas para o Convento de Chelas onde ficariam enclausuradas durante os dezoito anos que se seguiram.

A família Távora negou as acusações da tentativa de assassinato ao rei, mas não impediu que tivessem sido presos e condenados à morte. Os seus bens foram confiscados pela coroa, os seus brasões proibidos e o seu nome apagado da nobreza.

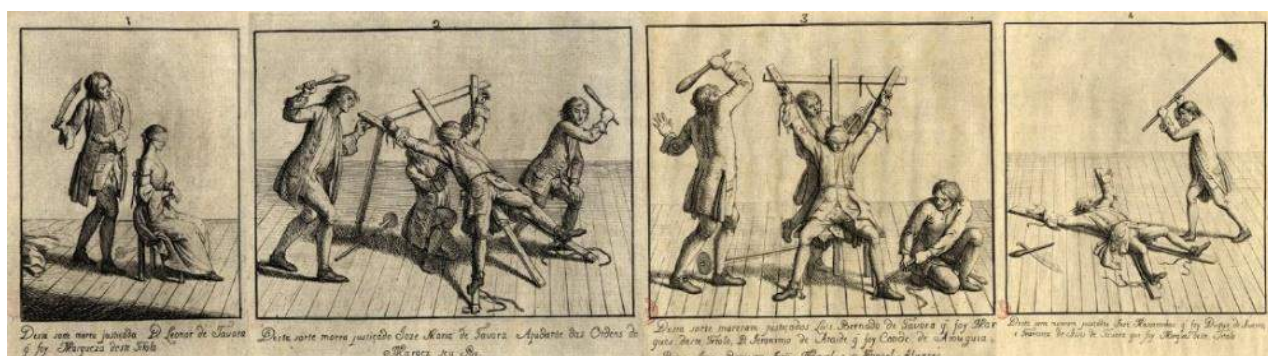


Fig. 58 - "Desta forma morreram justificados", retrato simbólico do acto da execução dos Távoras.

No recinto conventual, onde passou os 18 anos da sua juventude, a Marquesa de Alorna ocupou-se com atividades como a música, pintura e leitura e escrita. Deu particular atenção à poesia, onde deu uso à sua educação influenciada pela sua família.

Mesmo enclausurada, a Marquesa mantinha acesso ao conhecimento do exterior por meio dos amigos da nobreza que a visitavam. A proteção dos amigos da família deu-lhe a oportunidade de lhe ser atribuído como professor um dos mais famosos iluministas portugueses. Conhecido por Filinto Elísio, foi um dos responsáveis pela formação da Marquesa e pela sua introdução na corrente literária do Arcadismo. Foi Filinto que a batizou com o pseudónimo de Alcipe.

Aquando da sua libertação, já era um ícone da sociedade. A sua poesia retratava a sua vida de cativo em Chelas. Por meio dela a Marquesa de Alorna e transformou-a numa figura respeitada e considerada. Tal fama deu-lhe a possibilidade de publicar um livro com as poesias realizadas no recinto conventual.

A Marquesa de Alorna, saiu do Convento de Chelas a 26 de fevereiro de 1777.

Após a morte de D. José I e consequente afastamento do Marquês e Pombal, o processo dos Távoras foi revisto. O envolvimento destes foi negado e foram declarados inocentes pouco depois da subida de D. Maria I ao trono do país. A Rainha restituiu-lhes, ainda, os privilégios que lhes tinham sido retirados.

A Poesia do Convento

É importante compreender de que forma o lugar contribuiu para a poesia da Marquesa. Nos seus contributos poéticos é oferecida uma descrição da experiência do Convento, que permite, de algum modo, perceber a Marquesa de Alorna como personificação do espírito do lugar.

A poetisa expressa nos seus poemas uma sensibilidade e romantismo comum à sua época, assim como uma constante melancolia e inquietação de espírito.

Ao longo das poesias, evoca a esperança como sua aliada no combate ao sofrimento causado pelos acontecimentos da sua vida. Dá a conhecer como o lugar permite o acolhimento e compreensão da sua melancolia..

A melancolia é, muitas vezes, personificada no Convento. Encara-o como um refúgio e um lugar de fuga, que transforma as suas tragédias em novos rumos. Ajuda-a a viver o presente, a esquecer o passado e sonhar com o futuro.

Os estados subjetivos da autora apresentam uma força única, assim como veiculam uma poderosa imagética do lugar. Ela faz uso recorrente da mitologia de modo a retratar o seu quotidiano e inquietação. Chega a imaginar uma nova deusa – a Melancolia – para que a ela pudesse rogar.

Encontram-se também referências frequentes à natureza e ao sentimento de encerramento proporcionado pelo Convento. Estas referências são feitas através de tendências neoclássicas de tom arcádico. Descreve como a Natureza lhe permite sonhar e como todo o recinto conventual possibilita que se sinta livre para ficar a sós com os seus pensamentos.

Em suma, a poesia de Alcipe é marcada por um profundo estado de melancolia. O modo como o lugar a acolhe evidencia esses estados de alma. O lugar revela uma relação íntima com a natureza que se mostra crucial para o desenvolvimento da poesia de Alcipe. O lugar favorece o desenvolvimento da poesia e a evolução a nível íntimo e pessoal.

Os aspetos de natureza pessoal da autora estão relacionados com dois conceitos fundamentais do lugar: a paisagem e isolamento. São características que permitem ver o lugar um local de refúgio e de espaços de interiorização. São estas características que fomentam a reflexão pessoal que fará desabrochar a personalidade lírica da Marquesa de Alorna.

Iremos analisá-los de seguida.

a) Feito na Cêrca de Chelas

Deitei-me sôbre a fresca relva um dia,
E dando a um sono leve alguns instantes
C'os prazeres sonhei, que lá distantes
Debuxava¹ a estragada fantasia.

Saturno¹ vagaroso me trazia
Um diadema¹ de lúcidos diamantes,
Entramado de mirtos¹ odorantes,
O qual Cípria na fronte me cingia.

A Fortuna risonha se mostrava,
Mas no disco da roda vacilando,
Voltando-a, me levou quando eu sonhava.

Já Délio¹ para os mares ia olhando,
E Bóreas¹, que raivoso murmurava,
M'acordou, como dantes, suspirando.

Marquesa de Alorna

b) Feito ao pé de uma oliveira, na cerca

Que me falta? A vida me sobeja,
Obséquios da fortuna não espero,
Nem riquezas, nem gostos eu já quero,
Nem quanto pelo mundo se deseja.

Vive o homem feliz, não tenho inveja,
Se desgraçado, não me desespero,
E em quanto no mundo considero,
Sempre indif'rente estou, seja ou não seja.

De glórias e paixões o peito isento,
Não sinto nem prazer, nem pena intensa,
Que mais tarde ou mais cedo as leva o vento.

Nem disso quero outra recompensa
Que o conservar-me o Céu o pobre alento,
Pois com ele conservo esta indif'rença.

Marquesa de Alorna

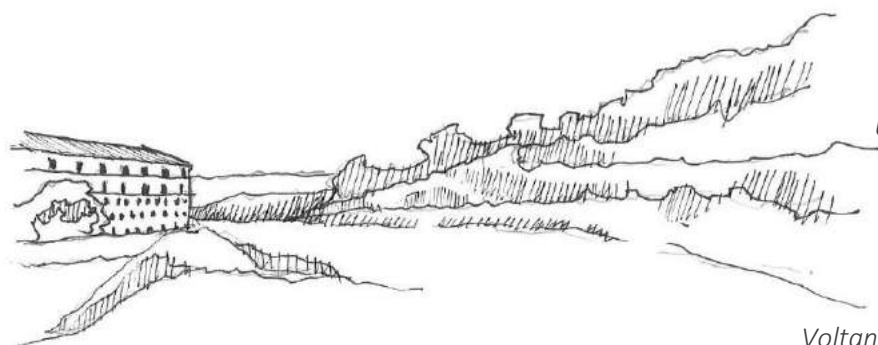


Fig. 59 – Desenho da paisagem da cerca.

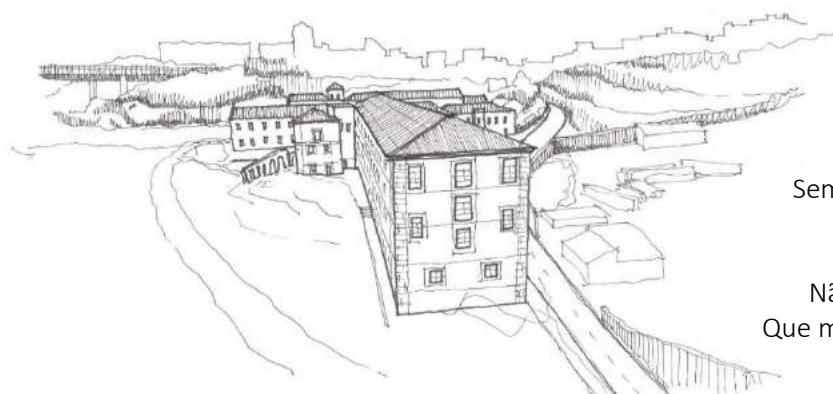


Fig. 59 – Desenho do convento e cerca

3.3.2 | PAISAGEM

O território onde encontramos o Convento de Chelas é marcado, em grande parte, pelo seu acentuado declive e área verde que o envolve. É definido pelos limites da sua topografia que não são encarados como restrições, mas como elementos que potenciam ambientes específicos.

Seria de esperar que um edifício desta morfologia garantisse alguma monumentalidade, devido à sua escala e porte. Mas a forma como é acolhido e abraçado pela topografia, liberta-o de dramatismo.

Deste modo, a paisagem do Convento de Chelas é convertida num lugar onde há liberdade física e mental. Assume-se como uma transposição exterior do que é sentido no claustro.

Os limites da paisagem são delineados sempre acima do nível do olhar. Contornam a posição do homem e reforçam o sentimento de interioridade. Formam uma complexa separação entre o que é próximo (convento e cerca) e o que lhe é externo e se distancia (restante edificado da envolvente e os seus valores).

É da possibilidade de se poder definir um limite físico e psicológico, que surge a ideia de submersão no lugar. Este sentimento, advém das condições naturais do lugar e do seu encerramento. Proporciona uma relação de intimidade com o sujeito e uma sensação de que ali tudo é acessível.

Deste modo, é possível experienciar conforto e familiaridade nesta relação com o lugar.

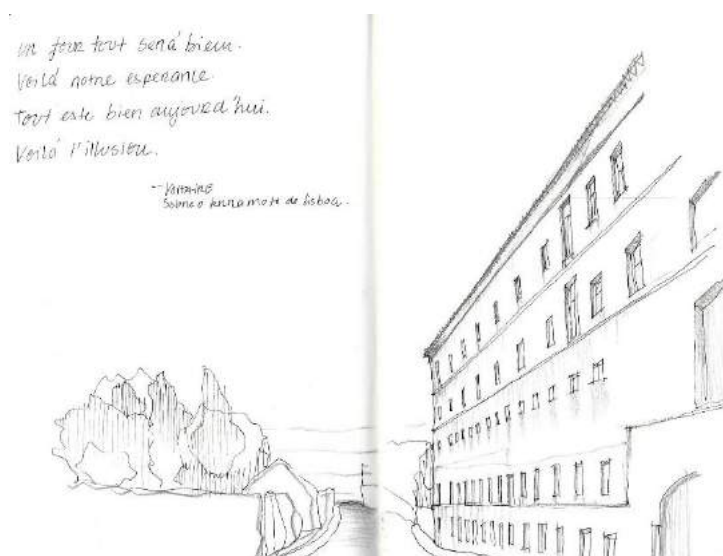


Fig. 60 – Desenho do Convento e Estrada de Chelas.

Os campos verdes e natureza convertem-se no lugar dos sonhos. A sua vista ampla e simultaneamente contida, permite que o homem se sinta protegido, acolhido e abraçado neste espaço.

Este abraço é evidente na poesia de Alcipe. A autora encontra neste lugar a paz necessária para libertar tão intimamente as suas emoções e proporcionar-lhe a tranquilidade necessária para continuar.

O abraço da paisagem gera uma inclusão da experiência em todo o jardim do convento. É evidenciado ainda no interior do edifício, devido ao paralelismo existente entre a submersão do homem na paisagem natural (condições naturais do lugar em que está implantado) e na paisagem construída (o Claustro do Convento).

Existe uma inquestionável continuidade entre os elementos naturais do lugar e a experiência do interior do claustro.

3.3.3 | ISOLAMENTO

Existe uma inquestionável relação entre o edifício e a envolvente. Ambos criam ambientes propícios para a proteção do homem e ambos estabelecem uma separação clara do exterior.

Da relação entre a paisagem e o claustro, existe uma continuidade do isolamento deste lugar. Este valor exerce sob a experiência uma sensação de que os valores externos são ignorados.

Possibilita que o convento se organize segundo os seus próprios valores e ofereça uma nova dimensão rural, juvenil e desprendida. Estes elementos apenas são possíveis devido ao elevado isolamento do lugar perante a envolvente e a cidade.

Esta ideia de isolamento está em simultâneo relacionada com aspetos relativos ao fechamento do convento. Os valores inscritos no edifício e a sua importância cultural relacionam-se com a experiência proporcionada pelo lugar. Qualitativamente inscrevem no homem um sentimento de pertença e submersão no sítio. Transportam-no para um lugar diferente do que o envolvia, como se se tratasse de habitar a espessura do edifício.

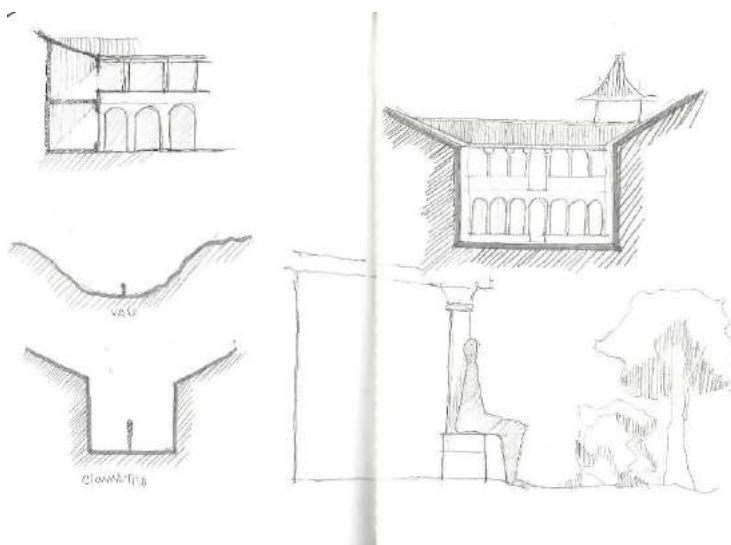


Fig. 61 – Desenhos do Claustro

O ambiente único deste lugar é de extrema importância pela quebra de continuidade entre o mundo exterior e o convento. Este assume uma experiência interiorizada e oferece ao sujeito a proteção que procurava. O edifício esconde a priori os seus valores, programa e vontade, obrigando o homem a uma tomada de consciência de que este é um lugar à margem

do exterior.

A ausência de relação visual com o exterior permite que no claustro, se dê origem a uma paisagem construída. Esta é mais familiar e doméstica, onde se encontra o silêncio, que apenas é rompido pelos sons da natureza.

Os arcos, planos, aberturas e ornamentação do claustro, encontram-se a distâncias que podem ser controladas. São regradas pelo homem e permitem uma aproximação e compaixão do lugar para com o sujeito da experiência. Tudo está ao alcance do toque.

“An enclosed space which is lit from above therefore offers a strange experience of being inside and outside at the same time”³⁷

O céu imprime uma presença significativa na experiência do Convento e evidencia o isolamento. É semelhante à experiência da paisagem, mas difere no sentido em que a profundidade e amplitude são reduzidas. Deste modo, a verticalidade ganha mais relevância no percurso do olhar e remete para um infinito do céu.

A presença de um limite mais próximo, oferece um maior acolhimento. A luz revela as materialidades e texturas, refletindo sob o reboco branco que envolve as paredes. Deixa em sombra as galerias, como se de um abrigo se tratasse.

“The boundaries of a built space are known as floor, wall and ceiling. The boundaries of landscape are structurally similar, and consist of ground, horizon and sky. This simple structural similarity is of basic importance for the relationship between natural and man-made places.”³⁸

³⁷ NORBERG-SHULZ, Christian – *Genius Loci; Towards a phenomenology of architecture*. Edinburg: Rizzoli, 1991. P. 59

³⁸ NORBERG-SHULZ, Christian – *Genius Loci; Towards a phenomenology of architecture*. Edinburg: Rizzoli, 1991. Pág: 13

3.3.4 | DA MEMÓRIA AO LUGAR (SÍNTESE)

Como síntese conclusiva da abordagem fenomenológica ao Convento de Chelas, torna-se relevante referir que a leitura se concentrou no entendimento do ambiente do claustro e cerca.

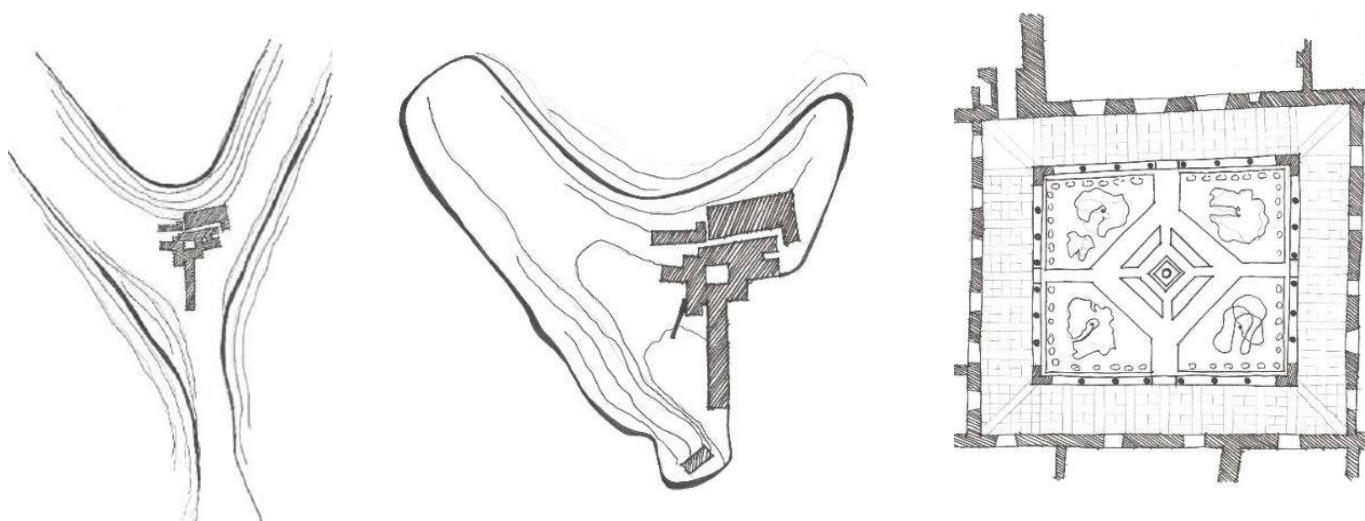
Num primeiro confronto, o lugar transmite uma sensação de frieza, naturalmente relacionados com a robustez e solidez com que se apresenta. As fachadas (com características de clausura) e o modo como o Convento se impõe à Estrada de Chelas, não permitem que se perceba o seu interior. Deste modo, o convento apresenta-se estático e imóvel.

Encontram-se, aqui, os primeiros elementos que contribuem para a protecção deste lugar. Esta protecção é materializada pela escala e volume do convento e enfatizada pela vegetação e topografia.

Aquilo que faz o Convento de Chelas único no seu género está primeiramente deposto da sua relação com a envolvente. A própria natureza restringe o local e transforma-o num lugar recluso e protegido.

Esta reclusão natural do lugar encontra-se reproduzida no claustro. Neste motor conventual, o homem explora os seus sentidos e trava

Fig. 62 – Desenho ilustrativo da continuidade e relação de isolamento entre o Vale – Cerca – e Claustro



conhecimento com a sua natureza.

Este estado de espírito advém da elegância dos elementos que constituem o espaço. Os desenhos e cores da azulejaria, a vegetação, a rugosidade da pedra e a sua escala proporcionam uma familiaridade e juvenilidade ao claustro. Todos os elementos estão ao alcance do homem, de modo a que os possa explorar sensorialmente.

Por último, estes são os elementos que constroem a especificidade do Convento de Chelas. Dão-lhe uma atmosfera e carácter próprios através da construção da relação entre o homem e a natureza.

A poesia analisada confirma estes valores, através de uma imagem poética que advém do carácter fenomenológico do lugar.



Fig. 63 – Fotografia do interior da

Fig. 64 – Fotografia do Claustro



DA MEMÓRIA AO LUGAR

Capítulo IV TEMA

“O tema é, portanto, o conteúdo da arquitectura enquanto arte e, em certa medida, o fim em que ela se realiza: é o cumprimento da experiência que o Tema determina – enquanto “verdade”, enquanto espessura ontológica do homem-em-acção acolhida por uma obra de arquitectura –, que consagra a obra de arquitectura como obra de arte.” (ABREU, 2007)

DA MEMÓRIA AO LUGAR

4.1. SOBRE O TEMA

(Enquadramento Teórico)

No seguimento da procura e compreensão do significado do lugar do Convento de Chelas, torna-se relevante pensá-lo num tempo futuro e sistematizar as questões que compreendem a experiência do Convento.

“O Tema é aquilo que a Arte pretende representar (...) estabelece a mensagem transmitida (...)” (ABREU, 2007)

A operatividade do tema, assim como a sua relevância no curso da investigação é sintetizada por Louis Kahn com a pergunta: “o que é que a obra quer ser?” antes de qualquer decisão projetual, de modo a estabelecer uma primeira formalização da leitura do Convento. É a partir dessa questão que se problematiza o facto de que os lugares convocam determinadas especificidades e vontades que devem responder ao homem através da sua instituição. É nesse sentido que o projeto deve refletir a experiência única do lugar e aquilo que pretendemos que o homem vivencie dando origem a determinadas vontades e sentimentos.

“A correcta execução do Tema da obra de arquitectura faz o homem viver de uma vida que é sua e adequada à circunstância; traz o homem ao encontro de si mesmo, na acção que tem entre mãos, encoraja-o e acomoda-o – guia-o – na realização dessa acção.”³⁹

A partir deste problema são compreendidas as dimensões humanas e o tipo de experiência que a arquitetura pretende proporcionar. Nesse sentido, cada lugar demonstra a sua vontade de existência que dá origem à “instituição humana” e à materialização do seu carácter. Esta noção de “instituição” designada por Kahn, distingue-se da ideia do programa (enquanto função),. Segundo Kahn programa refere-se a um aspeto

³⁹ Abreu, Pedro Marques de – Palácios da Memória II: A revelação da Arquitetura. 2007, op cit, p. 175

quantitativo e a necessidades físicas.

“The functions of a building cannot be considered purely physical. As a matter of fact, I believe it is only the balance of the psychological and the physical that will produce what may be call a workable architecture or in which architecture serves all other activities of man.”⁴⁰

Deste modo, cada lugar deve corresponder a uma experiência motivada pelas expectativas do homem e a vontade particular da obra, sendo que os princípios da sua intervenção são determinados pela compreensão e comunhão do sentido e tema.

“O tema é, portanto, o conteúdo da arquitectura enquanto arte e, em certa medida, o fim em que ela se realiza: é o cumprimento da experiência que o Tema determina – enquanto “verdade”, enquanto espessura ontológica do homem-em-acção acolhida por uma obra de arquitectura –, que consagra a obra de arquitectura como obra de arte.”⁴¹

⁴⁰ Louis Kahn cit in ABREU, Pedro Marques de – *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitetura*. 2007, op cit, p. 173

⁴¹ Abreu, Pedro Marques de – *Palácios da Memória II: A revelação da Arquitetura*. 2007, op cit, p. 175

4.2. O TEMA NO CONVENTO

SELEÇÃO DO TEMA

Em relação ao uso do Convento de Chelas, defende-se que o edifício participe no desenvolvimento do território e da comunidade. A seguinte proposta deve, assim, assumir um compromisso entre a paisagem natural e o edifício.

No que diz respeito ao uso do Convento, é importante referir que o presente trabalho surge no contexto da preservação do património industrial e conventual do Vale de Chelas. Por se tratar de um edifício de extrema importância histórica e cultural, é relevante equacionar a possibilidade da sua integração nos planos já definidos para o Vale.

Defende-se a preservação do Arquivo Geral do Exército no Convento. A instituição ocupa hoje, a totalidade do edifício e tem demonstrado vontade de salvaguardar o património do conjunto. Apesar da instituição ter gerado alguma descaracterização fruto da forma como ocupa o edifício, apresenta uma forte predisposição para a sua manutenção no convento.

Por outro lado, tendo já tido grande protagonismo na preservação do Convento, o Arquivo manifesta vontade de permanecer relacionado com o edifício.

Deste modo, propõe-se uma coexistência entre a vertente histórica e cultural do Convento, o Arquivo Geral do Exército e a implementação do edifício numa extensão do plano urbano de Chelas. Procura-se também potenciar a abertura ao público (uma vez que se encontra apenas no usufruto do Arquivo).

A manutenção do Arquivo no Convento, não prevê um programa fechado, mas um que se compatibilize com os valores do edifício.

A forma como o Convento se apresenta perante a urbanidade da Cidade, deve ser tida em conta: por um lado o seu carácter isolado e distante deve ser mantido; por outro, a vontade de estar aberto à vista de um público em geral também é significativa. Procura-se a preservação da solidão que lhe é inerente, possibilitando uma intervenção que procure a vivência introspectiva dos espaços.

A intervenção deve respeitar a vocação do lugar e reforçar a relação entre a paisagem e o edifício, evidenciando a continuidade que existe entre a experiência da paisagem e do interior do Convento.

Deste modo, tanto o espaço exterior (dentro da antiga cerca) como as dependências do Convento, devem permitir o acolhimento e integração da natureza, promover espaços contemplativos e manter a separação do exterior.

Ainda que determinada pelas grandes escalas, procura-se que o seu carácter despojado de pretensiosismos seja preservado. há que incrementar os seus aspetos rurais simples e juvenis, promovendo o recolhimento, quer na paisagem quer no edifício.

É relevante manter a coerência quanto à expressão e linguagem do edificado durante o curso da intervenção, de forma a que esta seja marcada pela honestidade e franqueza. Os espaços interiores devem ser cautelosamente desenhados para que não comprometam a essência do tema e do lugar. Isso significa que no projecto se deverá procurar a profundidade dos espaços, assim como a sua ambiência encerrada e interiorizada.

ESTUDO DO TEMA:

1 | ARQUIVO

O caráter introvertido do Convento de Chelas, espelha a forma como o Arquivo Geral do Exército se apresenta enquanto instituição.

O conceito do edifício de Arquivo está intimamente relacionado com a ideia de memória coletiva. É nesta memória que reside o testemunho e a sua materialização.

O edifício de Arquivo nasce na passagem dos testemunhos orais para registos físicos. Assume, assim uma responsabilidade social e um significado identitário que o aproxima às mesmas razões de origem dos museus e bibliotecas⁴². Assim, pertence ao conjunto de edifícios que desempenham funções relacionadas com a preservação da herança cultural.

“A questão do arquivo não é uma questão do passado. [...] É uma questão de futuro, a questão do próprio futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para o amanhã. O arquivo: se quisermos saber o que é que isso quis dizer; só o viremos a saber no futuro. Talvez.” (Derrida, 1995)

Em Mal d’Archive: une impression Freudienne, Derrida (1995) analisa questões relacionadas com a perceção do arquivo como um lugar físico. A arquivagem identifica-se como uma passagem de testemunho e memória que tem a capacidade de ganhar uma identidade. Esta, tem características

⁴² ARAÚJO, Vítor Carvalho – Edifícios de Arquivo: Futuros para o Passado. Lisboa: Caleidoscópio, 2018. p. 25

*sociais e um carácter mutável devido à evolução da sociedade.*⁴³

Está também presente a ideia de que um edifício de arquivo tem uma capacidade de reinvenção própria. Isto atribui-lhe características conceptuais que se expressam numa forma arquitetónica específica.

É pertinente continuar a equacionar o Convento de Chelas como o lugar propício para alojar a instituição, uma vez que o Arquivo é caracterizado maioritariamente por ser um depósito de memória e de testemunhos,. No convento, o A.G.E. encontra a possibilidade de ambientes adequados ao desenvolvimento das suas atividades.

A instalação de arquivos em edifícios históricos pode relacionar o património arquitetónico com o património documental.⁴⁴ A reconversão destes edifícios pode implicar uma adaptação dos espaços ao tema do Arquivo, mas acaba por se refletir numa reinterpretação tanto da pré-existência como do uso.

O carácter do convento corresponde ao carácter do A.G.E, uma vez que esta. se apresenta como uma instituição reservada e com uma organização própria. O lugar proporciona a proteção e segurança que procuram, assim como a capacidade de sistematização e organização necessária à instituição.

O Arquivo deve, nesse sentido, procurar uma imagem de proteção de todo o seu património documental. Os seus depósitos devem ganhar um protagonismo expressivo no espaço e utilizar a estética própria do edifício como parte do testemunho de preservação.

“Ao mesmo tempo, o projeto pode exaltar os significados e as simbologias presentes no edifício original, como veículo de memória e de referências.”
(ARAUJO, 2018)

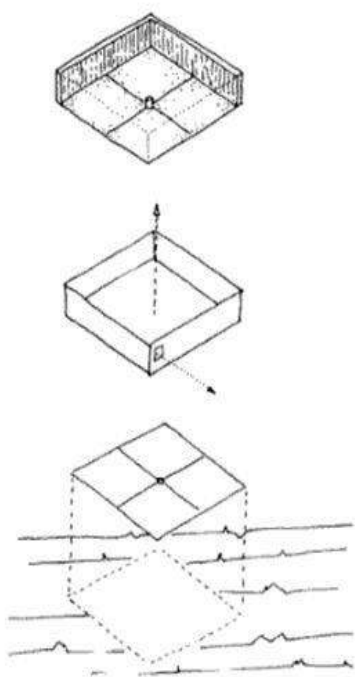
⁴³ ARAÚJO, Vítor Carvalho – Edifícios de Arquivo: Futuros para o Passado. Lisboa: Caleidoscópio, 2018. p.24

⁴⁴ ARAÚJO, Vítor Carvalho – Edifícios de Arquivo: Futuros para o Passado. Lisboa: Caleidoscópio, 2018. p.234

Tal como o Convento, que havia sido uma peça fundamental no desenvolvimento da comunidade local e da envolvência, o arquivo assume uma responsabilidade na preservação da herança patrimonial, que lhe incute um sentido de confiança e um posicionamento de destaque na evolução da sociedade

2 | JARDIM

“O jardim procura a realização da Natureza como casa – também a história dos jardins no-lo demonstra.” (ABREU,



Os conventos e cercas resultam num conjunto de vazios na malha urbana da cidade aos quais se associam jardins e áreas verdes. Correspondem tanto a espaços contemplativos como a de cultivo que oferecem independência a estas casas conventuais.

No curso da investigação, tornou-se cada vez mais pertinente pensar o propósito do jardim do Convento de Chelas. O jardim tem um grande protagonismo no desencadear da experiência do edifício e corresponde a uma grande extensão de área verde protegida. Pela forma como a topografia se desenvolve em seu torno e pela informalidade da sua vegetação, o jardim deixa transparecer sentimentos de ruralidade e inocência.

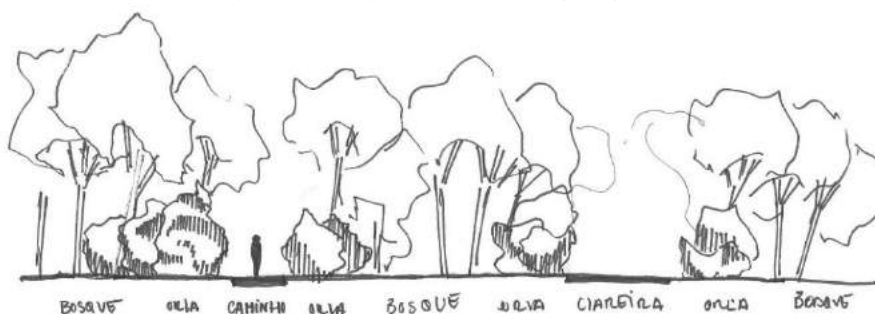
A possibilidade de reestruturar o jardim passa pela vontade de evidenciar a relação do homem com a natureza. É permitida pela escala e forma como o jardim se encerra, distanciando-se do exterior e permitindo que o homem faça parte dela. Resulta numa relação íntima e recíproca.

“(…) a ontologia do jardim, funcional às necessidades do arquitecto, deve ser conformada de um modo simples, acessível, como repercussão direta do contacto com a realidade em questão - como experiência: “O que é que eu experimento num jardim?”, qual é a experiencia identificativa, própria, do jardim?, são estas questões que remetem para a ontologia dos jardins,

útil ao arquitecto."⁴⁵

Neste caso, tanto o edifício como o topo das colinas desenhavam os limites e o contacto com o céu. Tal dá origem a um jardim encerrado que se separa fisicamente do exterior. É nesse sentido que surge a vontade do jardim, que procura, tal como o Convento, uma separação psicológica do homem: permite que a realidade alheia ao lugar seja esquecida, facilitando a disponibilidade e o acolhimento que a Natureza pode oferecer.⁴⁶

Estes elementos, que em conjunto com a vegetação e a forma como a



topografia natural do lugar dialogam com a experiência humana, transformam o jardim em casa.

*"No jardim (...) podemos encontrar as mesmas características que atribuímos à arquitectura: a aderência perfeita ao sujeito, através da qual ele se apresenta; o acolhimento próprio da morada, que permite ao Homem o recolhimento em que ele se reconhece e vive tal como é; (...)"*⁴⁷

A ideia do jardim fechado pretende ser um sistema encerrado onde se

⁴⁵ ABREU, Pedro Marques de – *Terra Prometida: Esquiço de ontologia existencial do Jardim*. Funchal: Congresso Internacional "Jardins do Mundo", 2007 pág. 4

⁴⁶ ABREU, Pedro Marques de – *Terra Prometida: Esquiço de ontologia existencial do Jardim*. Funchal: Congresso Internacional "Jardins do Mundo", 2007 pág. 10

⁴⁷ ABREU, Pedro Marques de – *Terra Prometida: Esquiço de ontologia existencial do Jardim*. Op. Cit. pág. 8

purificam e domesticam os elementos da natureza. Dá origem a uma relação de reciprocidade entre esta e o homem, aproximando-os e protegendo-os.

Estes espaços devem corresponder a lugares de desafogo do frenesim das cidades e a ambientes domesticados, de modo a que se estabeleçam relações de proximidade entre a natureza e o homem. Pretende-se que este descubra a sua própria essência, seja introduzido à profundidade de si mesmo e se sinta livre.⁴⁸

Uma vez que as cidades correspondem a lugares de inquietude, os jardins devem corresponder a lugares de silêncio e contemplação. O tempo é suspenso e podem-se interiorizar os valores da natureza de modo a vivenciá-la.

“O jardim compreende a Natureza. É arquitetura, mas também é Natureza; é Natureza domesticada: Natureza tornada casa.” (ABREU, 2007)

Deve existir espaço para a compreensão emocional do homem e da natureza, onde o jardim forma uma barreira e filtro. Contém a experiência física e psicológica através dos seus limites naturais e construídos, que acolhem o homem e o distanciam do exterior.

“o jardim é como um continuo de ambiências, de espacialidade desenhadas pelo jogo de luz e sombra, pelos aromas, pelas sonoridades, pelo jogo entre o mundo de recato e de sociabilidade (...) Todas estas ambiências resultam de um desenho e de uma construção que têm por base o entendimento de jardim como expressão de uma forma peculiar de estar e sentir a natureza.”⁴⁹

⁴⁸ABREU, Pedro Marques de – Terra Prometida: Esquiço de ontologia existencial do Jardim. Op. Cit. pág. 9

⁴⁹ CARAPINHA, Aurora – O Jardim da Fundação Gulbenkian: A Poética da Materialidade e da Temporalidade. Lisboa: Philosophica 29, 2008. Pág. 119-120

Veja-se o exemplo do jardim da Fundação Gulbenkian. Apresenta um desenho com diferentes espaços de ambiências de intimidade, outras de maior sociabilidade e convívio. Cria um conjunto de espaços que defende da cidade.



Fig. 65 – Jardim da Gulbenkian

Fig. 66 – Jardim da Gulbenkian

A conceção do jardim parte de uma vontade de valorização da vivência do lugar singular, com características específicas que são derivadas dos aspetos naturais do jardim.⁵⁰ Por exemplo, a orla funciona como uma cerca que separa o homem do exterior, centralizando e cercando os espaços de maior interiorização, dando origem a um refúgio. Esse, em conjunto com a água que ocupa as clareiras delimitadas pela orla, o sistema vegetal, a luz, o movimento e os restantes elementos naturais, despertam os sentidos e estabelecem uma relação emotiva com o homem.

“Ele (o Jardim) é um estímulo da própria natureza, onde cada um de nós se reconhece e identifica.”⁵¹

⁵⁰ CARAPINHA, Aurora – O Jardim da Fundação Gulbenkian: A Poética da Materialidade e da Temporalidade. Op. Cit. Pág. 120

⁵¹ CARAPINHA, Aurora – O Jardim da Fundação Gulbenkian: A Poética da Materialidade e da Temporalidade. Op. Cit. Pág. 122

Como o Jardim da Fundação Gulbenkian exemplifica, a vegetação tem de constituir espaços, profundidades e contrastes, gerando movimento num sistema que se enquadra num contexto estético e cultural que está em constante transformação. O Jardim pretende ser um lugar de aproveitamento, de gozo, pausa e de reencontro com a dimensão natural do homem.⁵²

⁵² CARAPINHA, Aurora – O Jardim da Fundação Gulbenkian: A Poética da

DA MEMÓRIA AO LUGAR

Capítulo V PROJETO

“In a fragment of a second you can understand: Things you know, things you don’t know, things you don’t know that you don’t know, conscious, unconscious, things which in a fragment of a second you can react to: we can all imagine why this capacity was given to us as human beings - I guess to survive. Architecture to me has the same kind of capacity. It takes longer to capture, but the essence to me is the same. I call this atmosphere. When you experience a building and it gets to you. It sticks in your memory and your feelings. I guess that’s what I am trying to do.”¹ (ZUMTHOR, 2005)

DA MEMÓRIA AO LUGAR

5.1. PREMISSAS PROGRAMÁTICAS

Considera-se a investigação realizada anteriormente como uma justificação e introdução a um novo programa que seja capaz de responder às necessidades do Convento. Procura-se um futuro que possa assegurar a preservação dos valores do edifício e respeitar o seu carácter.

A nova proposta deve primeiramente assumir um compromisso entre a paisagem natural do vale e o edifício construído, de modo a clarificar a experiência que lhes é própria.

Deve relacionar a vocação do lugar com o tema investigado, reafirmar a interiorização e a qualidade dos seus limites, naturais e construídos.

A experiência deve ser mantida, tal como os aspetos de carácter patrimonial, assim como as peças industriais e os objetos e espaços de grande interesse histórico e cultural.

No fundo, as opções de projeto devem responder com clareza à nobreza dos espaços de modo a que as ambiências sejam destacadas, promovendo a introspecção, o acolhimento e o isolamento que estão impressos no lugar.

O programa do Arquivo Geral do Exército não seria a única possibilidade de uso do Convento, mas pretende-se através deste, que exista uma preservação da herança cultural do edifício. É uma instituição que apresenta uma forte predisposição para a salvaguarda do edifício e demonstra características que vão em muito de encontro às do lugar. Assim, a instituição insere-se na comunidade vizinha, *oferecendo* a sua cerca como espaço de lazer onde é possível relacionar-se com a natureza.

A proposta também procura uma maior relação com a comunidade envolvente através da reabilitação e utilização dos espaços fabris do

convento, como áreas polivalentes. Esta vertente tem o propósito de estabelecer uma relação funcional com os programas desenvolvidos nas escolas do vale.

Esta ligação prevê também uma futura reabilitação do património industrial distribuído neste território, de forma a reafirmar a sua posição, importância de reabilitação e possibilitar-lhes um futuro.

Em consequência, a proposta programática apresenta várias vertentes sendo que a primeira está relacionada com Arquivo Geral do Exército.

A continuidade do Arquivo no edifício deve promover a reabilitação dos espaços conventuais de modo a que nestes possam ser devidamente instaladas as dependências necessárias ao desenvolvimento e progresso do arquivo.

Pretende-se gerar uma articulação entre as diversas funções da instituição através do sistema espacial do edifício, tirando partido da sua complexidade, diferenciando as funções horizontal e verticalmente. Quer-se um arquivo moderno e uma evolução da preservação documental do AGE.

Nos espaços de arquivo procurar-se-á tirar partido do ambiente da pré-existência, evidenciando os sistemas complexos de circulação do próprio edifício que identificam a sua realidade paralela à envolvente.

A segunda dimensão corresponde aos aspetos de usufruto comunitário e de visita. A igreja, ocupada pela Igreja Cristã Ortodoxa, deve ser reabilitada e mantida no seu uso, assim como as suas dependências. O Coro Alto, deve ser um complemento ao espaço de culto e em simultâneo deve ser transformado num espaço expositivo e de apoio às atividades religiosas ali realizadas.

Estes espaços procuram potenciar as atividades desenvolvidas pela comunidade e em simultâneo criar uma ligação ao espaço de contemplação que é o Claustro.

O Claustro, como motor do Convento, deve ser reabilitado de forma a que os seus valores sejam preservados e deve ser o espaço catalisador da coexistência da instituição com a comunidade envolvente. Este espaço é o meio distribuidor das variadas dependências do Arquivo Geral do Exército e deve, pela sua importância e valor, poder ser de usufruto da comunidade e pessoas que o queiram visitar.

O património industrial, por sua vez procura a sua relação com os restantes conjuntos fabris distribuídos ao longo do vale. Através de um programa inserido num contexto comunitário de apoio social, prevê espaços polivalentes que sirvam de suporte físico às atividades desenvolvidas na Ar.Co⁵³. Incidem tanto na formação como na promoção de encontros de especialistas e exposições públicas dos trabalhos desenvolvidos na escola.

A terceira vertente diz respeito à paisagem. Esta traduz-se através da implementação de percursos e acessos pedonais que possam percorrer a antiga cerca, existindo pontualmente espaços de paragem e estar que promovam a introspeção e possibilitem um estado de acolhimento e afastamento do exterior. A paisagem procura também um registo informal, mas que também comunique com aspetos relacionados com a ligeira das fachadas do Convento.

Nesse sentido, prevê-se um novo jardim formal a poente do Convento, dentro da sua cerca. Este deve tirar partido do edifício, enquanto cenário, e do aqueduto enquanto escultura. Este Jardim procura reforçar a imagem

⁵³ Escola de Artes Independente, localizada no Vale de Chelas

de proteção e importância que o Convento tem relativamente à envolvente. O Jardim, deve representar um espaço acolhido pela natureza.

A nascente do edifício, propõe-se a introdução de uma praça que proporcione acolhimento. Esta praça deve ter um carácter mais austero e árido, de forma a contrastar com o ambiente interno do convento (favorecendo o efeito surpresa).

Esta praça funciona como elemento de ligação à restante topografia que *abraça* esta bacia onde o edifício se encontra implantado. Prevê-se a transformação deste território em hortas comunitárias para a população da envolvente, dando continuidade ao projeto do corredor verde de Chelas⁵⁴.

⁵⁴ Projeto de um corredor Verde em Chelas, coordenado pelo Atelier NPK para a CML.

5.2. CONCEITO E AMBIÊNCIAS

“The existential purpose of building (architecture) is therefore to make a site become a place, that is, to uncover the meanings potentially present in the given environment” 55

Para melhor entendimento da estratégia conceptual adotada, relembramos a investigação realizada anteriormente, relativa ao *sentido do lugar*.

Partindo da ideia de que o Convento de Chelas se trata de um lugar que proporciona deleite, momentos de proveito e contemplação, procura-se dar, por meio da arquitectura, ênfase a estes sentimentos. Para tal manter-se-á o secretismo do lugar, provocando a curiosidade a quem o pretende visitar e oferecendo proteção e segurança aos trabalhadores do Arquivo Geral do Exército.

Em primeira instância, procura-se realçar a relação entre o jardim e o claustro através da introdução de experiências sensoriais. Estas exploram os elementos da vegetação e da água, por meio do som, cheiro e temperatura. Com isto, pretende-se desenvolver um jardim secreto dentro do convento e da paisagem do novo parque urbano de Chelas. Por seu turno este parque incorpora uma estrutura ecológica em torno do convento.

O projeto do parque urbano criará diversas ambiências através da vegetação, explorando a cor, o cheiro e escalas, de forma a que existam transições de espaços de sombra e luz, assim como lugares mais íntimos e outros mais sociais.

⁵⁵ NORBERG-SHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a phenomenology of Architecture*. Edimburg: Rizzoli, 1991. Pág. 18

Estes espaços surgem dentro dos limites naturais e construídos do Convento, onde a cerca é reforçada pela orla projetada. Simula e enfatiza a presença do antigo limite. Esta, dá origem a uma maior proteção do lugar, dando oportunidade a que os espaços cobertos pela mata sejam mais intimistas. Permite que os recintos das clareiras tenham uma componente mais social e protegida do exterior.

No jardim serão implementados percursos e elementos que funcionam como pequenos recintos - lugares de lazer e descanso que e dêem a descobrir o lugar.

Em suma, existe a intenção que este seja um jardim de sensações, muito semelhante ao claustro que também explora estas dimensões sensoriais.

Acerca do Arquivo Geral do Exército, é importante referir que grande parte do convento é ocupado pela instituição. O arquivo físico concentrar-se-á na nave principal, nas zonas que correspondiam aos antigos dormitórios, assim como alguns dos seus espaços de trabalho relacionados com o depósito. Assim evocar-se-á a memória das antigas celas monásticas que ofereciam segurança e proteção. Estes tiram proveito da privacidade gerada pela morfologia destes espaços e das excelentes condições de iluminação.

Nestes espaços, procura-se a sensação de afastamento do exterior, de forma a que se ganhe uma maior consciencialização do carácter próprio do edifício. Os espaços de circulação, por sua vez, devem promover o silêncio e a tranquilidade.

Espaços como as salas de leitura e de consulta, os gabinetes de chefia e alguns espaços de lazer, serão dispostos nos espaços mais nobres, como a antiga enfermaria e sala de refeições. Deste modo tira-se partido das vistas privilegiadas sobre o exterior, que enaltecem a separação do exterior

mediante a espessura do edifício.

Já nas fábricas, querem-se espaços de maior versatilidade e sociabilidade, que possam ser facilmente adaptados às diferentes atividades desenvolvidas. Nesse sentido, considera-se pertinente a implementação de um auditório num dos espaços fabris, que possa ser utilizado pelo AGE bem como pela escola.

Nestes conjuntos fabris pretende-se manter a memória industrial, preservando a robustez dos materiais originais que oferecem a versatilidade procurada como ambiências propícias ao desenvolvimento dos trabalhos, através de um diálogo entre os espaços sociais e de produção.

A função dos espaços e a escolha dos materiais devem depender da vontade de preservar a memória e a herança industrial. A máquina deve ser o coração destes espaços. .

5.3. SOLUÇÃO E MATERIALIDADES

Neste capítulo, apresentamos uma descrição da solução do projeto proposto, com uma aproximação mais objetiva à materialização da intervenção no Convento.

No território do Convento de Chelas, nomeadamente na sua cerca e nos terrenos adjacentes a nascente, prevê-se a continuidade dos planos urbanos previstos pela Câmara Municipal de Lisboa, de modo a estabelecer uma relação paisagística e urbanística entre o vale, o convento e a nova estrutura ecológica prevista.

Na área a nascente do Convento, deve ser mantida a topografia do terreno. Serão implementadas novas hortas urbanas protegidas por corredores verdes de vegetação mais alta, de modo a proteger a atividade de cultivo das frentes de rua.

A partir desses corredores surgem jardins, como o que se situa mais a nascente. Aqui realizar-se-á um reaproveitamento dos antigos campos de teste da pólvora seca, onde ainda hoje perduram ruínas que funcionam como uma espécie de esculturas que remetem à memória industrial.

Na cerca, a topografia que envolve o edifício também é mantida. Serão preservadas as cotas originais, ainda que moldadas de forma a que se originem recintos e espaços mais resguardados. Deste modo é o próprio terreno que delimita a forma como o jardim se encerra e que em simultâneo dá origem a um “jardim entre muros”, dentro da lógica da estrutura paisagística prevista.

Propõe-se um amplo recinto junto ao edifício, recinto esse que utiliza o Convento como o elemento que separa o jardim do exterior e como cenário do mesmo.

O aqueduto assume-se como um elemento escultórico em ruína assente num espelho de água que, juntamente com a vegetação e materiais como a pedra e a madeira, formam uma unidade dos vários elementos naturais ao longo destes recintos, percursos e espaços.



Fig. 67 – Imagem do jardim do Convento de Chelas (projeto)

*Fachada: REFERÊNCIA NCS II
S 1030 Y10R / S 1030 Y2oR / S
1030 Y30*



Fig. 68 – Imagem do jardim do Convento de Chelas (projeto)

Neste recinto junto ao espelho de água, será utilizada a pedra, com um acabamento rugoso, para pavimento em torno do aqueduto. Já no passadiço que estabelece uma ligação com os recintos, é utilizada a madeira de pinho marítimo.

Serão plantadas, junto ao convento, plantas de flor e algumas de fruto, como pereiras, limoeiros e macieiras. No resto da cerca, serão

maioritariamente plantadas árvores de folha caduca, complementadas por algumas árvores como jacarandás, oliveiras e macieiras.

Relativamente ao claustro, também se prevê a introdução de nova vegetação de fruto e novos canteiros de flores, dentro da lógica dos ambientes sensoriais descritos anteriormente. O mesmo se propõe em algumas das dependências no nível térreo e da igreja que tenham predominantemente caráter público.

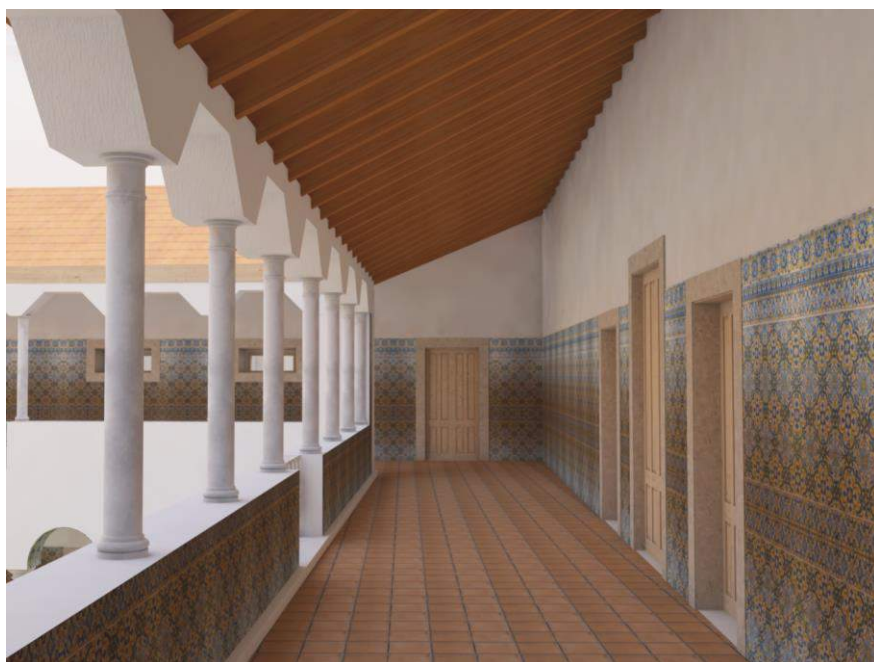


Fig. 69 – Imagem do Claustro (projeto)

As zonas nobres do convento (relativamente ao nível térreo) serão reabilitadas de modo a servirem de espaços de visita, exposição e museologia, funcionando como um centro atrativo e de cativação da comunidade exterior.

No claustro serão restauradas as materialidades próprias, sendo estas o reboco branco, liso, em toda a extensão dos seus planos, e a pedra que se dispõe entre estes.

Os arcos e os pavimentos passarão por um processo de limpeza; os

azulejos danificados serão restaurados. A vegetação será extraída e plantadas árvores de fruto. Também serão reabilitadas as coberturas das galerias do Claustro. A frieza e firmeza dos materiais aqui usados define a própria vivência do claustro.

Já na igreja, a reabilitação será feita através da preservação das cantarias de delimitam o altar e os nichos, mantendo a pureza dos planos. Pretende-se manter a clareza dos materiais, reabilitando e restaurando a pedra, o reboco, as madeiras e panos de azulejaria que envolvem todas as dependências da igreja e que contribuem para a leitura deste lugar. A cobertura da igreja, no entanto, será retirada na totalidade e colocada uma nova de estrutura de madeira em asnas. Esta estrutura filtra a luz e estabelece uma marcação longitudinal no volume.



Fig. 70 – Imagem do Coro alto da Igreja (projeto)



Fig. 71 – Imagem da Nave da Igreja (projeto)

Nas dependências do Arquivo Geral do Exército, propõe-se uma arquitetura com uma lógica de unidades separadas com os limites impostos pela organização espacial e construtiva do convento.

Nesse sentido, o Arquivo tirará partido do sistema horizontal e vertical do convento, realizando uma separação entre os espaços de trabalho e o arquivo físico. Nas áreas de trabalho construir-se-ão módulos que remetem para a memória das antigas celas.

Estes módulos oferecem proteção. Em simultâneo pretende-se que luz perfure os vãos e demonstre a espessura do edifício. A espessura é essencial para o afastamento do exterior e essencial para a privacidade e proteção destes espaços de trabalho.

Nesses módulos, procura-se uma ambiência mais acolhedora através de materialidades mais quentes – contraplacado marítimo para a separação dos módulos e pinho para os pavimentos. Estes materiais contrastam com os robustos nichos revestidos a estuque branco e liso. Pretende-se manter o protagonismo dos elementos construtivos que são relevantes para a compreensão das atmosferas.

No entanto o contacto entre a intervenção e a pré-existência será realçado de modo a enfatizar a diferença temporal, mas também a demonstrar como podem ser entendidos como em continuidade. Os elementos complementares, como a iluminação artificial, os sistemas elétricos e de climatização, serão ocultados.⁵⁶

Deste modo, prevê-se a reabilitação das restantes dependências conventuais para o usufruto do Arquivo. Com isto, entende-se o restauro do que pré-existe, no sentido de preservar a firmeza dos elementos, mas também para que o convento seja capaz de receber uma nova organização que responda às necessidades do AGE.

Nas fábricas, procura-se uma maior versatilidade dos espaços propondo-se uma ligação física entre os vários módulos fabris, através de um corredor interno que estabelece uma ligação entre eles e facilita a polivalência das atividades. Nestes volumes são criados vários espaços de trabalho que se concentram maioritariamente a norte, libertando as áreas

⁵⁶ Como a iluminação artificial, sistemas elétricos e de climatização.

a sul para que se convertam em zonas de sociabilidade.

O edifício fabril mais a poente será transformado num auditório de serviço ao convento. Este pretende ser um espaço facilmente adaptável às atividades que aí possam decorrer. Pretende-se manter nas fábricas os seus materiais originais, sendo estes o metal, o tijolo e o betão, sendo ainda restaurados os elementos que estão em avançado estado de degradação, como os pavimentos cerâmicos originais da Fábrica da Pólvora.

Em suma, o projeto de reabilitação do Convento de Chelas, procura manter o protagonismo do edifício, a sua densidade, memória e carácter. Propõe-se a preservação da honestidade da arquitectura do Convento o que se refletirá na materialidade⁵⁷ da intervenção. A materialidade transforma-se na narrativa do Convento e conta a sua história.

⁵⁷ São utilizados três materiais predominantes representantes dos três tempos distintos. A pedra e o metal do seu tempo conventual e industrial, e a madeira, agora introduzida, no sentido de enfatizar a escala doméstica e rural do *lugar*.

DA MEMÓRIA AO LUGAR

CONSIDERAÇÕES FINAIS

DA MEMÓRIA AO LUGAR

No contexto do abandono e estado de degradação do património do Vale de Chelas, surgiu a necessidade da realização de um projeto que requalificasse alguns destes edifícios, de modo a ser-lhes possibilitado um futuro e restituído o seu valor.

A investigação desenvolvida no presente trabalho recaiu sobre o Convento de Chelas e requereu a compreensão profunda do lugar, enquanto espaço que detém uma elevada importância histórica e patrimonial. O lugar apresenta uma atratividade, em muito relacionada com o seu carácter.

Através da *leitura do lugar*, procurou-se descobrir os aspetos históricos, físicos e fenomenológicos, que contribuíram para o estabelecimento da especificidade do lugar. Nesse sentido, a investigação concentrou-se nessas três vertentes: a histórica, a morfológica e fenomenológica.

Primeiramente, com a leitura histórica, procurou-se entender as primeiras ocupações no Vale de Chelas, de modo a compreender a forma como o Convento se inseriu no processo evolutivo da região.

Da primeira leitura destacaram-se os aspetos que relacionam a origem do Convento com o estabelecimento das primeiras povoações no Vale. O Convento demonstrou ter tido um papel preponderante no desenvolvimento das comunidades circunvizinhas. Verificou-se também uma relação de interdependência entre Convento e as áreas de cultivo da sua cerca.

Retiraram-se, deste modo, indícios da relevância das condições morfológicas do lugar para a compreensão do Convento.

Em segunda instância, a investigação recaiu sob os aspetos morfológicos do lugar. Procurou-se compreender de que forma o Convento se faz comunicar, a sua relação com a envolvente e os elementos formais que

permitem a experiência humana.

Destacaram-se aspetos como o *isolamento* e *ruralidade* do Convento, que se relacionam com o afastamento urbano que apresenta. Encontra-se novamente uma relação de reciprocidade entre a morfologia do local de implantação e as características morfológicas do edifício.

No campo fenomenológico, ao nível da intersubjetivação da experiência pessoal, foi possível contar com vários contributos poéticos relativos Convento de Chelas. Estes poemas, escritos pela Marquesa de Alorna durante os seus anos de prisão, contribuíram para a confirmação das experiências características particulares do lugar e da sua relação com o homem.

Acerca do modo como o edifício se faz comunicar, emergiram dois conceitos fundamentais: a *Paisagem* e o *Isolamento*. É através da compreensão da relação entre o edifício e a envolvente, que é possível entender a atratividade do lugar: está relacionada com a sua profunda relação com a natureza que, por seu turno, se evidencia no Claustro.

Deste modo, o projeto apresentado procurou a preservação das vivências e os valores do Convento que foram encontradas durante a *leitura*. O projeto pretendeu manter a especificidade do Convento e reabilitar os seus aspetos simbólicos e patrimoniais.

Uma vez defendido o valor da arquitetura do Convento de Chelas, procurou-se uma intervenção que busca uma reinterpretação espacial e material do lugar.

A reabilitação procurou, assim, potenciar a arquitetura do Convento e a paisagem onde se insere. O projeto procura uma coerência entre a especificidade do Convento e as necessidades do Arquivo, da comunidade

e da estrutura ecológica em seu torno.

BIBLIOGRAFIA

“A bibliografia correspondente a uma lição deste tipo é toda ou não é nenhuma. (...) Os livros que vão sendo necessários a cada um estão sempre ao seu lado e em extremo diria que qualquer um serve e até o Rosselini é bom para os mendicantes e os heterónimos de Pessoa para quase tudo. O que imporá é que o exercício de pensar esteja indissoluvelmente ligado ao exercício de disfrutar a vida.”⁵⁸

ABREU, Pedro Marques de – *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2005.

ABREU, Pedro Marques de – *Terra Prometida: Esquízo de Ontologia Existencial do Jardim*. Funchal, Congresso Internacional “Jardins do Mundo”, 2007.

AGUIAR, José - *Cor e cidade histórica - Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP, 2002

ANASTÁCIO, Vanda. *Marquesa de Alorna*. Lisboa: Prefácio, 2004.

ANDRADE, Maria Filomena – *O Mosteiro de Chelas: Uma Comunidade Feminina na Baixa Idade Média*. Cascais: Patrimónia Histórica, 1996.

ARAÚJO, Vítor Carvalho – *Edifícios de Arquivo: Futuros para o Passado*. Lisboa: Caleidoscópio, 2018

BACHELARD, Gaston - *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993

⁵⁸ COSTA, Alexandre Alves – *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa: Outros Textos sobre Arquitectura Portuguesa*. Porto: FAUP, 2007

BISS, Henry Evelyn – *The organization of knowledge in libraries*. New York: The H. W. Wilson Company, 1933

CARAPINHA, Aurora – *O Jardim da Fundação Gulbenkian: A Poética da Materialidade e da Temporalidade*. Lisboa: Philosophica 29, 2008. Pág 115-123 [pdf]

CHOAY, Françoise. *Alegoria do Património*. 2a edição. Lisboa: Edição 70, 2008.

CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana, Arquitectura e Urbanismo*. Lisboa: Edições 70.

CUSTÓDIO, Jorge – *O Património industrial e os trabalhadores: O Caso do Vale de Chelas*. Coimbra, Encontro Nacional do Património Industrial, Actas e Comunicações, 1990.

FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no Século XX*. Lisboa: Secil, 2003.

FOLGADO, Deolinda; **CUSTÓDIO**, Jorge. *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

FOLGADO, Deolinda – O sagrado e o profano num diálogo patrimonial. Reflexão inicial sobre instalações fabris em conjuntos monásticos - Estudos sobre Património nº2. IPPAR, 2002

GOMES, Paulo Varela – *Arquitectura de Mulheres, Mundo de Homens - Caminhos do Património*. Lisboa: DGEMN, 1999.

GOMES, Paulo Varela – *A Fachada Pseudo-Frontal nas Igrejas Monásticas Femininas Portuguesas - Conversas à volta dos Conventos*. Évora: Casa do Sul Editora, 2002

GORJÃO JORGE, José Duarte – *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio,

2007

HEIDEGGER, Martin – *O conceito de Tempo*. Lisboa: Ed. Fim de Século, 2003.

HILLS, Helen - *Architecture and the Politics of Gender in Early Modern Europe*. Manchester University

HOLANDA, Francisco da; *“Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa”*. 1571

JACQUINET, Maria Luisa – *Corpos de Clausura: reflexões sobre arquitectura monástica feminina na Época Moderna*. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

JORGE, Virgolino Ferreira – *Mosteiros Cistercienses Femininos em Portugal: Notas sobre a tipologia dos sítios e das igrejas*; Sapata Revista “Cistercivm” nº217, 1999

KAHN, Louis - *arquitectura: el silencio y la luz” in Louis I. Kahn : escritos, conferencias y entrevistas*. Madrid : El Croquis Editorial, cop. 2003.

LOPES, Flávio - *Património Classificado*. Lisboa: IPPAR 1993

MATOS, José Sarmiento de; **PAULO**, Jorge Ferreira - *Caminho do Oriente. Guia Histórico I e II*. Lisboa: Edições Horizonte, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice – *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Inês. *“Após a fábrica”*. *Arquitectura e Arte. ARQA. Lisboa: Edição, Futurmagazine*. N122, 2014a, p116

NORBERG-SCHULTZ, Christian - *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli, 1980.

NORBERG-SCHULTZ, Christian – *Intentions in Architecture*. MIT Press, 1968

PALLASMAA, Juhani - *The Eyes of the Skin. Architecture And The Senses*. Chichester: John Wiley and SonsLtd. 2005

PEREIRA, Paulo - *Colecção Lugares Mágicos de Portugal*. Lisboa: Temas e Debates. 2009

PEREIRA, Paulo – *Património edificado. Pedras Angulares*. Lisboa: Aura, 2005

PEREIRA, Paulo – *Património e Intimidade*, in Revista Património Nº2

RIEGL, Alois - *O culto moderno dos monumentos: e outros ensaios estéticos*. Lisboa: Edição, edições 70, 2013

ROSSI, Aldo - *Arquitetura da Cidade* (Tradução J Charters Monteiro). Lisboa: Cosmos, 1977.

SUCENA, Eduardo – *O Vale e o Convento de Chelas*, in Revista Arqueologia e História nº 58. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2007. Pág 167-176

ZUMTHOR, Peter - *Pensar a Arquitetura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

ZUMTHOR, Peter - *Atmospheres*. Basel, Boston, Berlin: Birkhauser–Publishers for Architecture, 2006

DA MEMÓRIA AO LUGAR

ANEXOS

- 1 | POEMAS DA MARQUESA DE ALORNA
- 2 | CASOS DE REFERÊNCIA
- 3 | CARTOGRAFIA E FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS
- 4 | LEVANTAMENTO DO CONVENTO
- 5 | LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
- 6 | DESENHOS E ESQUIÇOS
- 7 | MAQUETES
- 8 | PAINÉIS

DA MEMÓRIA AO LUGAR

a) “Estando presa em Chelas”

Escuro Céu, cravado de diamantes,
Onde o leite de Juno em soltas gotas
Reluz, desde essas plagas tão remotas,
‘Té aos olhos dos térreos habitantes.

Se o reflexo dos astros cintilantes
Tão longe dividindo os ares brotas,
Saídos das entranhas minhas rotas
Cheguem lá meus suspiros anelantes.

Tu, que reges o mundo, Autor de tudo,
Ouve o aspérrimo som desta cadeia,
Envergonha com ele o Fado rudo.

Manda cá aba’xo, alguma Semideia,
Não Mercúrio, nem Hércules nembrudo
Se quiseses soltar-me manda Astreia.

b) “Feito na cerca, onde trabalhavam uns homens na agricultura”

Feliz esse mortal que se contenta
Com a herdade dos seus antepassados,
Que livre de tumulto e de cuidados
Só do pão que semeia se alimenta.

Dentre os filhos amados afugenta
A discórdia cruel; vê dos seus gados,
Sempre gordos, alegres, bem tratados,
Numeroso rebanho que apascenta.

O trono mais ditoso é comparável
Ao brando estado deste que não sente
De um espectro de ouro o peso formidável?

O que vive na Corte mais contente
Provou nunca um prazer tão agradável
Como o deste Pastor pobre, inocente?

c) Sem título

Bem pode sobre o cândido Oriente
Soltar Febo os cabelos douradores,
Que quem vive como eu, vê sempre as flores
Tintas da negra cor do mal que sente.

Para mim não há prado florescente,
Tudo murcham meus ais, meus dissabores,
Nem me tornam cantigas dos Pastores
Jamais serena a pensativa frente.

Se triste vou às danças, triste venho,
E quando a noite estende húmido manto
A segurar o sono, em vão me empenho.

Não toco a flauta, versos já não canto;
Cercada de pesar, mais bem não tenho
Que triste desaforo em terno pranto.

d) “A El-Rei, estando eu muito doente, em Chelas”

Um moribundo esforço, um fraco alento
Indício de uma quase extinta vida
Envia uma infeliz triste abatida
Desde o leito da morte ao Régio assento.

Moderá Ó Soberano o meu tormento,
Solta o Pai, por quem choro dividida;
Esta voz já sem força proferida
Faça em teu peito brando movimento.

Quatro lustros passados n’amargura,
Compreende sòmente a minha idade;
Entro no quinto, e mais na sepultura.

Ah! Consente Monarca por piedade
Que a mão paterna beije com ternura;
Mate o gosto, quem morre de saudade!

e) Saudade

Altas serras que a vista frouxa alcança
Onde o Caos antigo inda hoje mora
Nunca o tempo co'a esponja apagadora
Lavará da minha alma tua lembrança.

Nenhuns traços alegres da Esperança!
Nenhuns sítios que afague a mão cultora!
Tudo da vida a Lua activa ignora,
Tudo na morte tácito descansa.

As palavras expiram-me na boca;
Quer desatar-me quase da existência,
Um etéreo ambiente que sufoca.

Tal da saudade a aspérrima violência
Uma tempe e ditosa em horror troca,
De tais cores a tinge a triste Ausência.

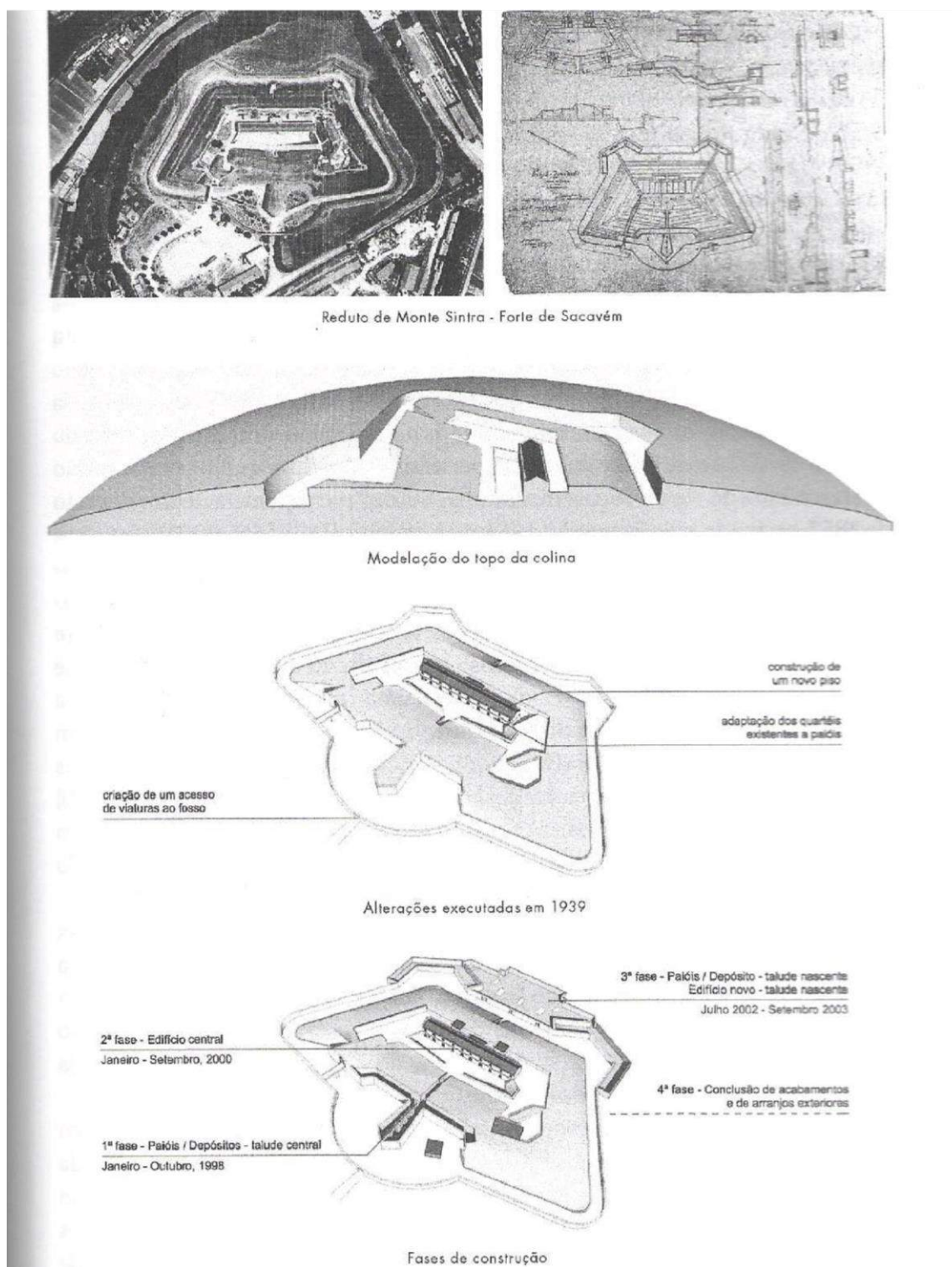
DA MEMÓRIA AO LUGAR

CASOS DE REFERÊNCIA

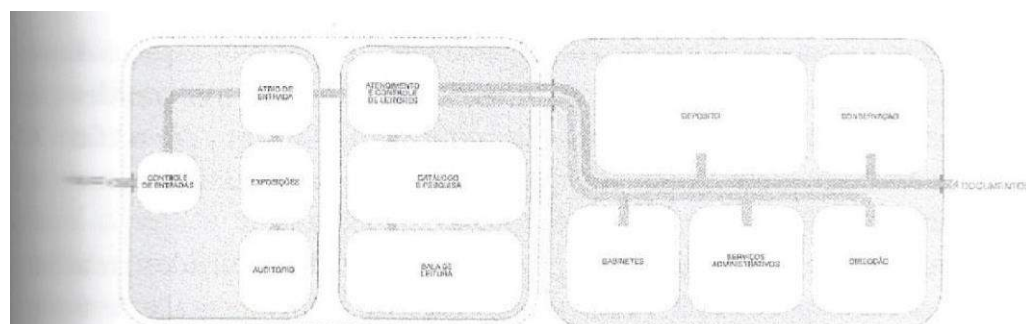
1 | Forte de Sacavém



Forte de Sacavém. Zona de exposição e trabalho. Fonte: DGPC



Forte de Sacavém. Diagrama das fases de construção.
Fonte: ARAÚJO, Vítor Carvalho – Edifícios de Arquivo: Futuros para o Passado. Lisboa: Caleidoscópio, 2018



Reduto de Monte Sintra - Forte de Sacavém

1 SERVIÇOS PÚBLICOS GERAIS

- 1.1 Recepção
- 1.2 Divulgação e Serviços Educativos
 - 1.2.1 Auditório
 - 1.2.2 Sala de Exposições
 - 1.2.3 Loja
 - 1.2.4 Espaços Musealizados

2 COMUNICAÇÃO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

- 2.1 Sala multimédia
- 2.2 Sala de leitura geral
- 2.3 Sala de leitura de reservados

3 OPERAÇÕES ARQUIVÍSTICAS

- 3.1 Documentos textuais
- 3.2 Desenhos e cartografia
- 3.3 Documentos fotográficos e audiovisuais

4 PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO

- 4.1 Higienização e expurgo
- 4.2 Laboratório de documentos gráficos
- 4.3 Laboratório de documentos fotográficos
- 4.4 Transferência de suportes

5 DEPÓSITOS

- 5.1 Sujo
- 5.2 Quarentena
- 5.3 Limpo
- 5.4 Documentação em papel
- 5.5 Desenhos e cartografia
- 5.6 Desenhos e cartografia (fotoreproduções)
- 5.7 Câmara frigorífica negativos de cor
- 5.8 Negativos p&b e microfímes
- 5.9 Maquetas e doc. tridimensionais
- 5.10 Cerâmica e pedra
- 5.11 Metais
- 5.12 Pintura
- 5.13 Têxteis
- 5.14 Documentos electrónicos
- 5.15 Casa-forte

6 INVENTÁRIO E DIVULGAÇÃO

7 INFORMÁTICA

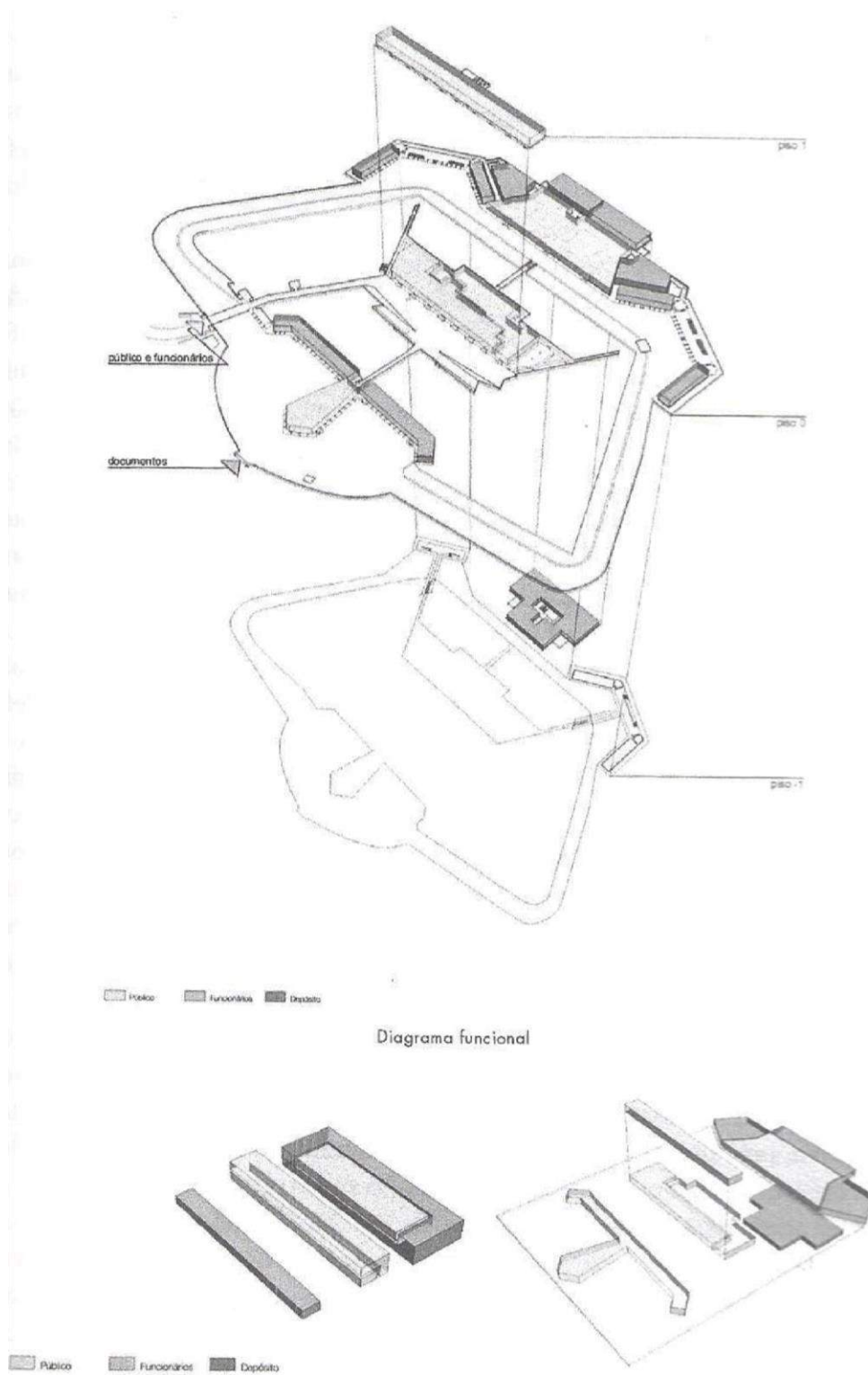
8 DIRECÇÃO

9 APOIO LOGÍSTICO

- 9.1 Segurança
- 9.2 Instalações especiais
- 9.3 Manutenção
- 9.4 Jardins
- 9.5 Instalações Sanitárias
- 9.6 Arrecadações
- 9.7 Carga e descarga
- 9.8 Estacionamento automóvel
- 9.9 Bar

Forte de Sacavém. Programa do Arquivo.

Fonte: ARAÚJO, Vítor Carvalho – Edifícios de Arquivo: Futuros para o Passado. Lisboa: Caleidoscópio, 2018

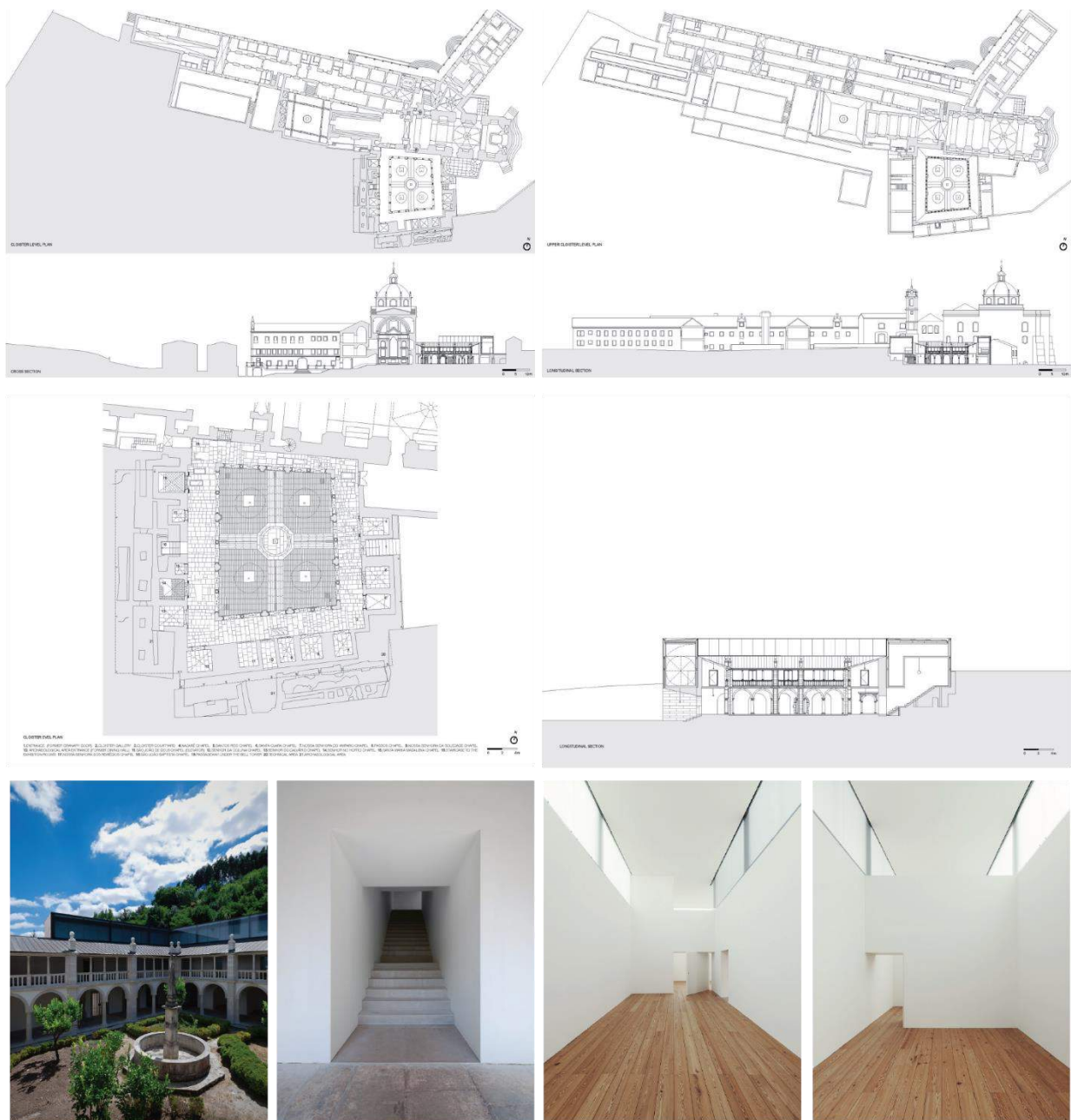


Forte de Sacavém. Diagrama de usos.

Fonte: ARAÚJO, Vítor Carvalho – Edifícios de Arquivo: Futuros para o Passado. Lisboa: Caleidoscópio, 2018

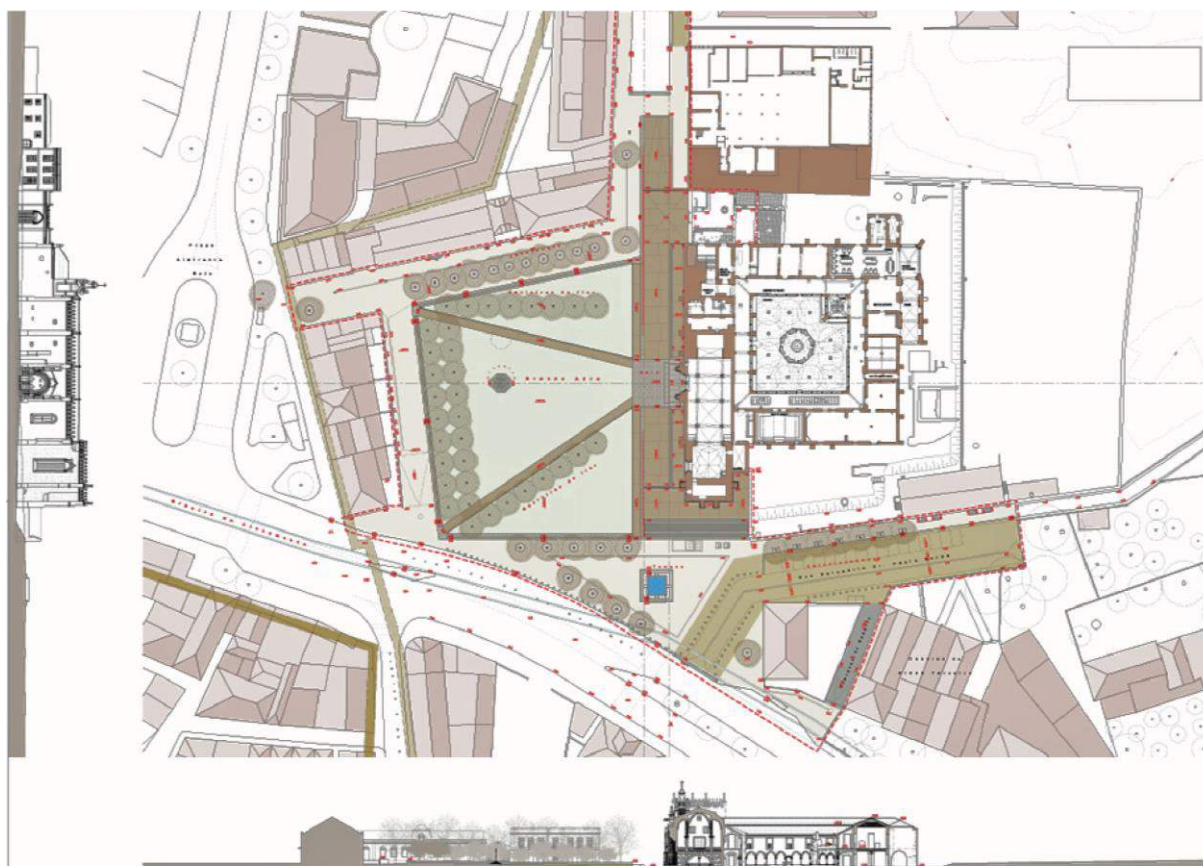
2 | Mosteiro do Lorvão

Arquiteto: João Mendes Ribeiro
Penacova, Portugal
2013



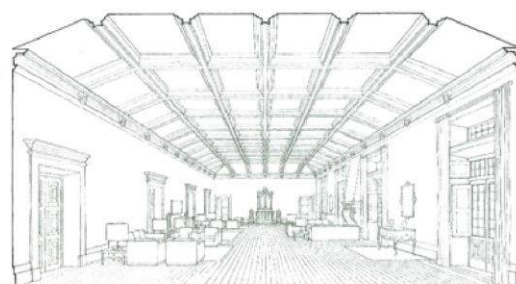
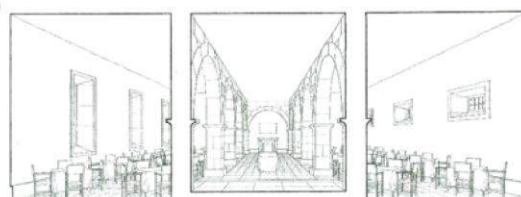
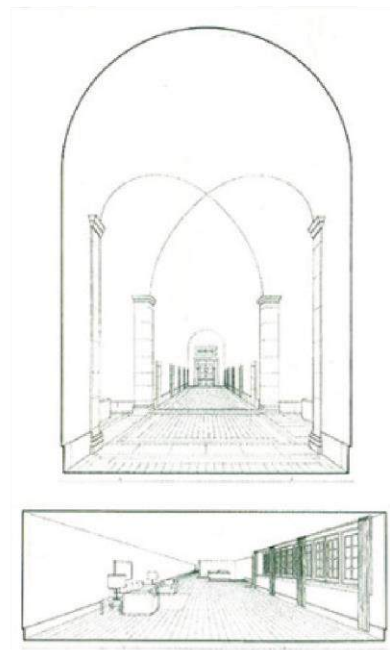
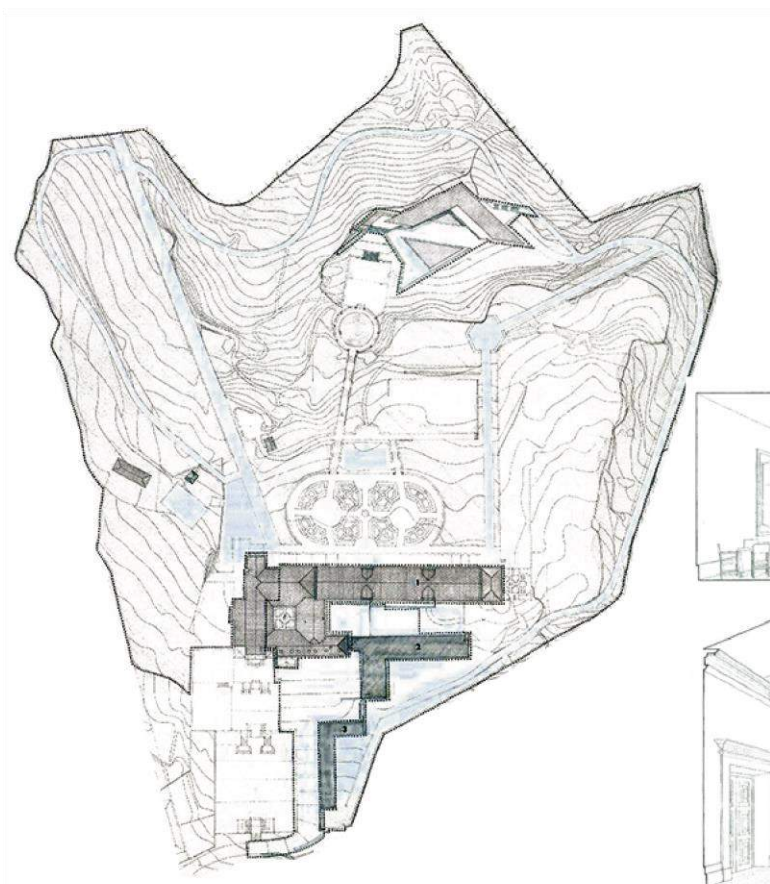
3 | Convento de Jesus

Arquiteto: João Luís Carrilho da Graça
Setúbal, Portugal



4 | Convento de Santa Marinha da Costa

Arquiteto: Fernando Távora
Guimarães, Portugal



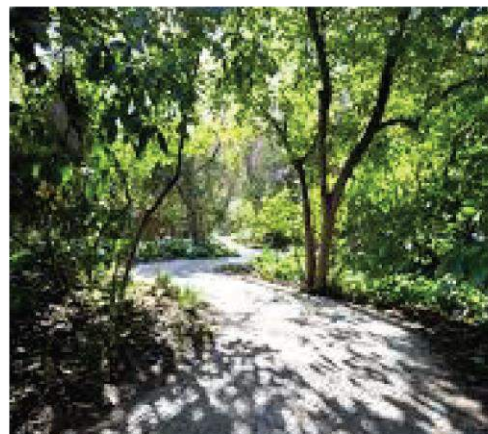
5 | Fábrica de Barcarena

Obra: Câmara Municipal de Oeiras
Oeiras, Portugal



6 | Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian

Arquiteto: Fernando Távora
Guimarães, Portugal



CARTOGRAFIA



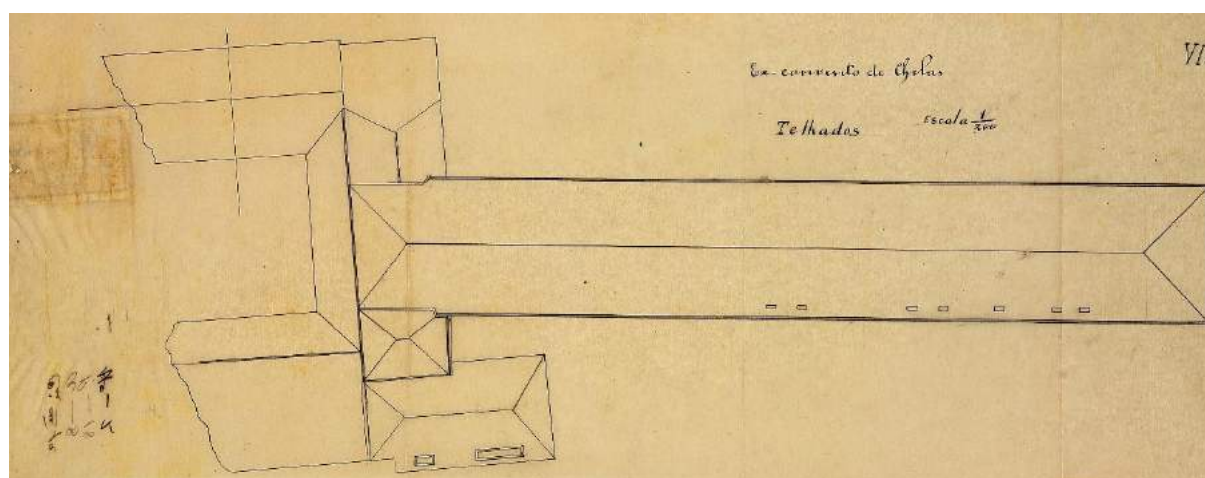
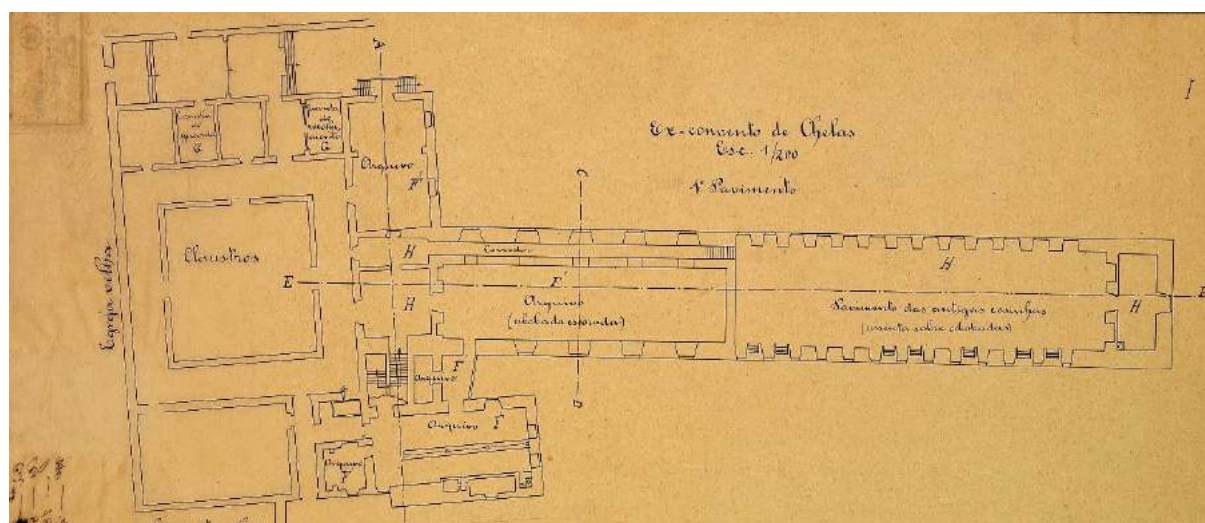
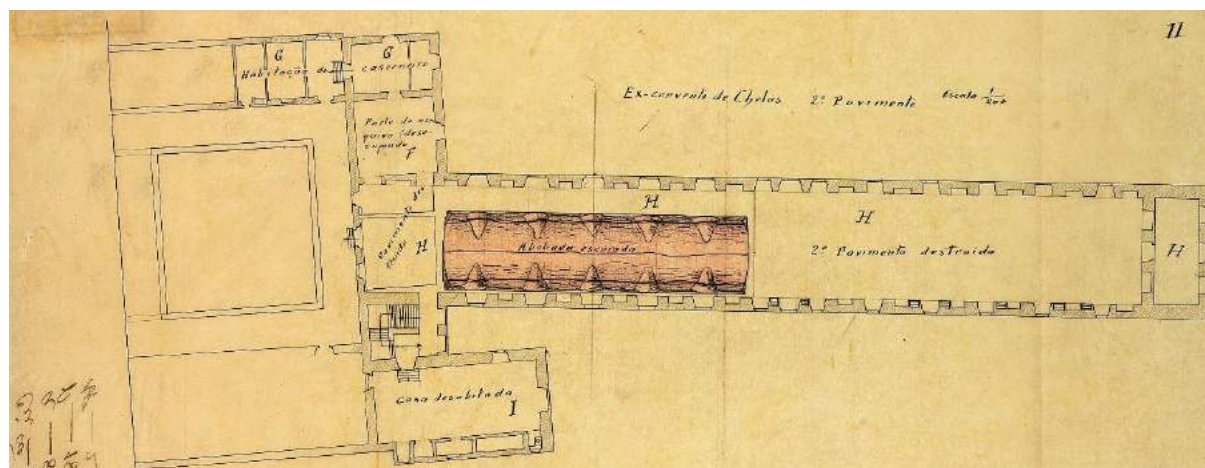
Carta Topográfica de Lisboa. Filipe Folque 1856-1858



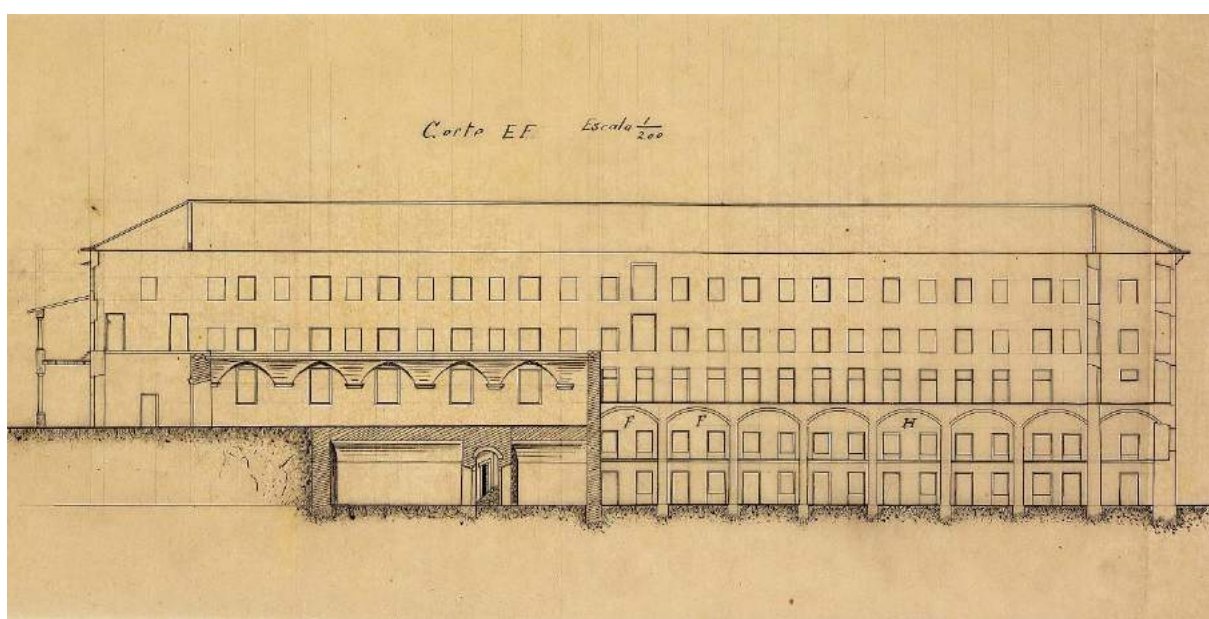
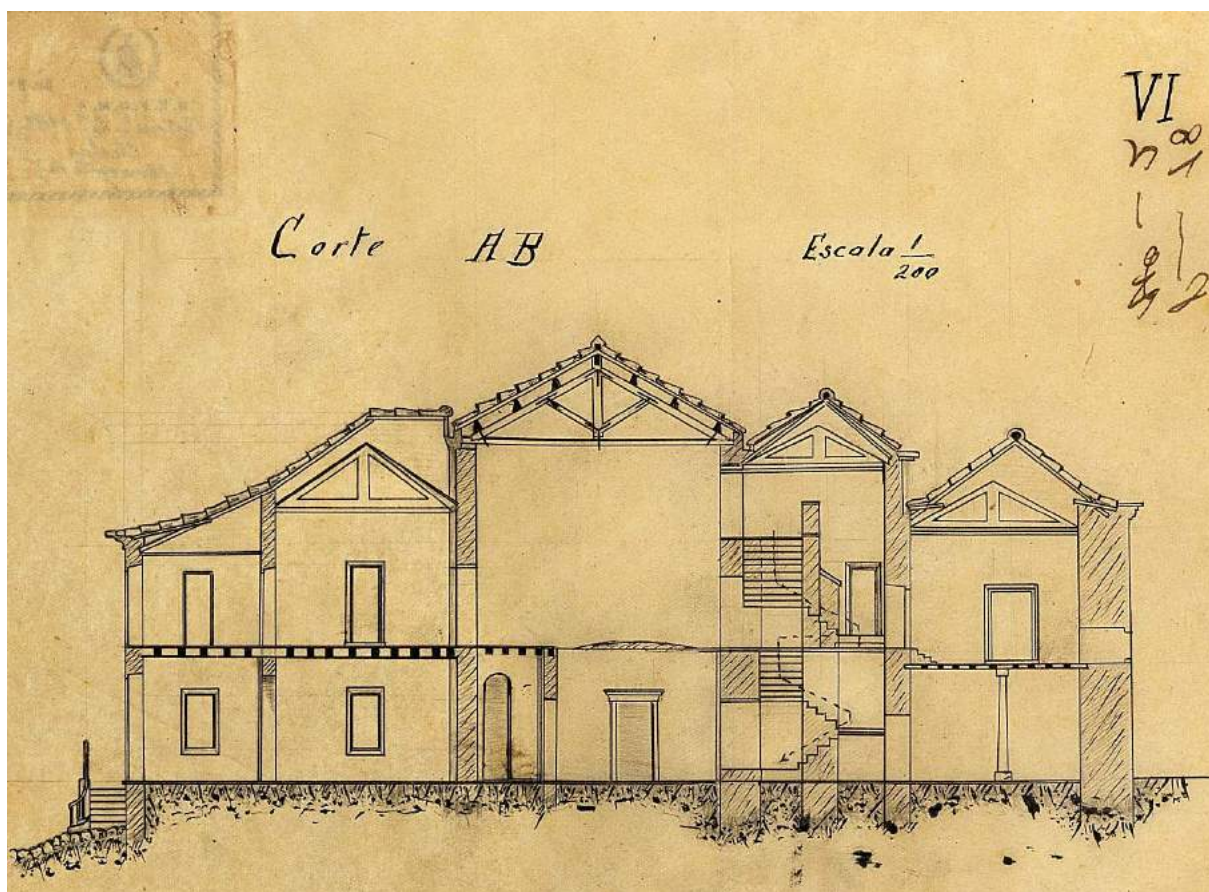
Carta Topográfica de Lisboa. Silva Pinto. 1911



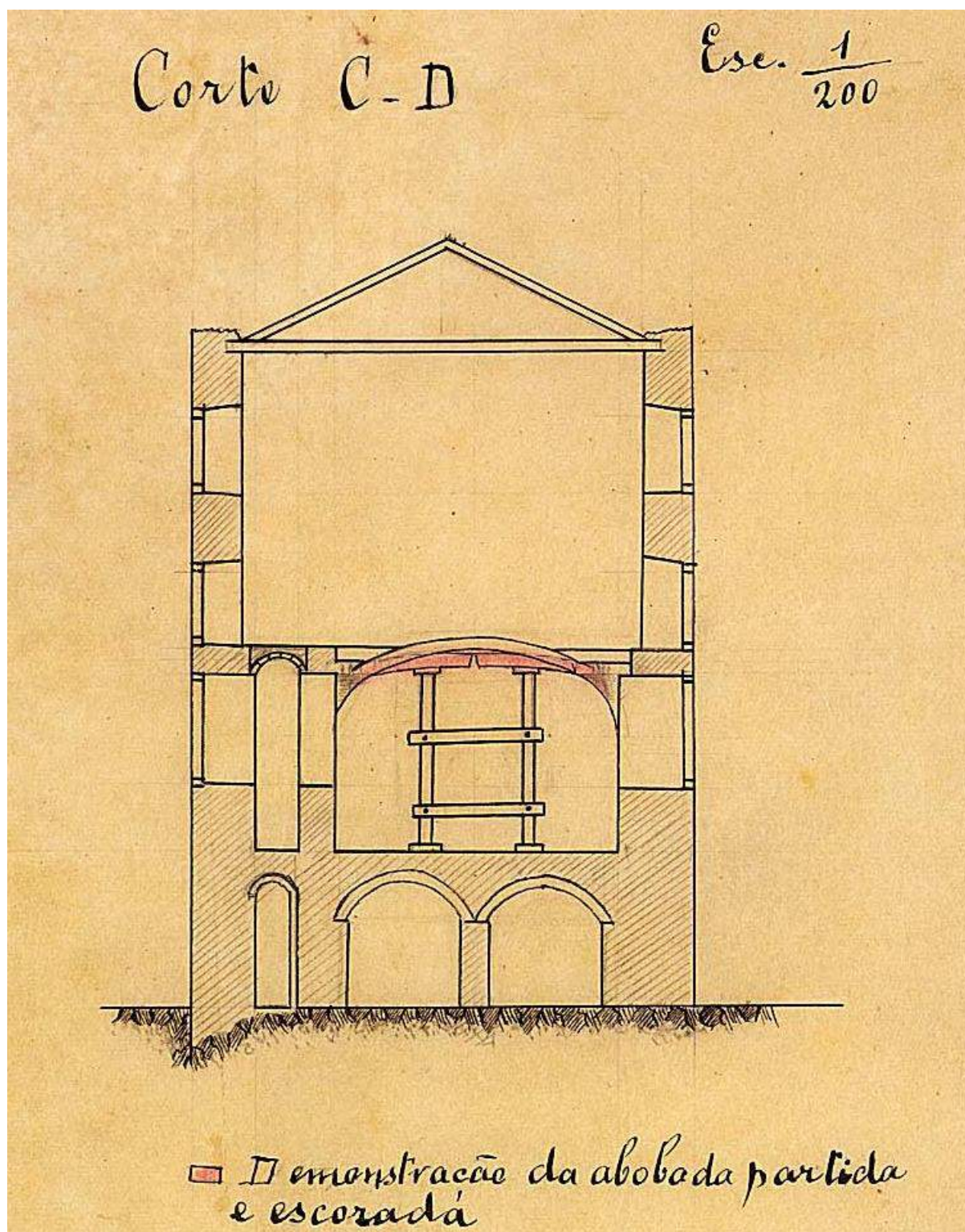
Levantamento de edificado realizado. 1950. Instituto Geográfico e Cadastral.



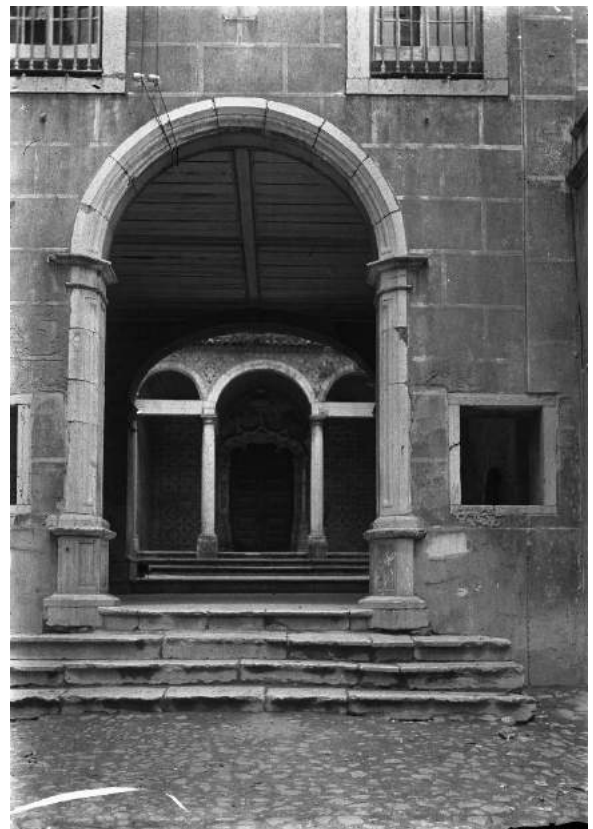
Plantas do Convento e intervenção. Final do século XX. Direção de Infraestruturas do Exército



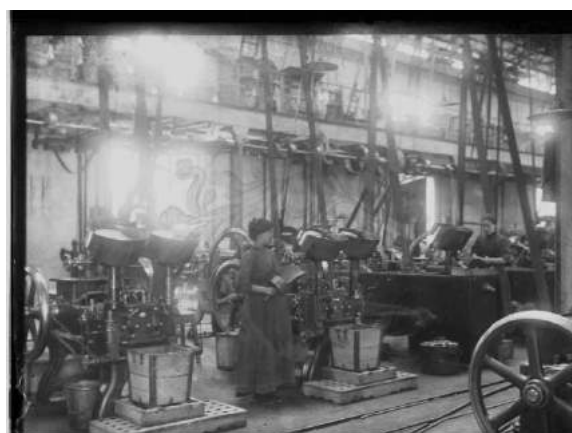
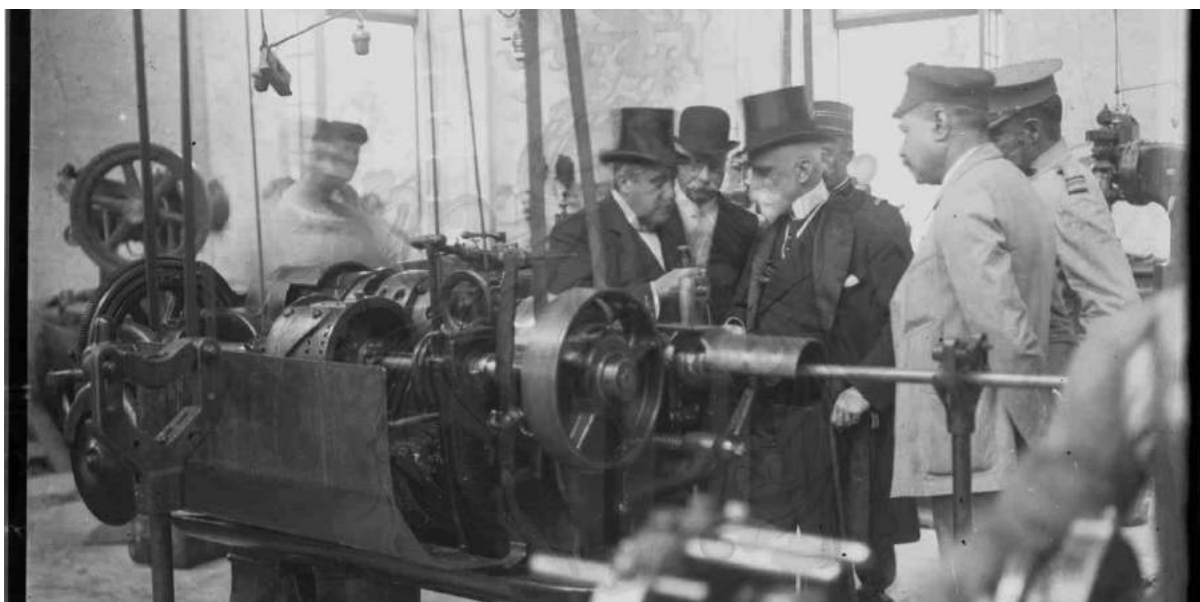
Cortes do Convento e intervenção. Final do século XX. Direção de Infraestruturas do Exército



Corte do Convento e intervenção. Final do século XX. Direção de Infraestruturas do Exército



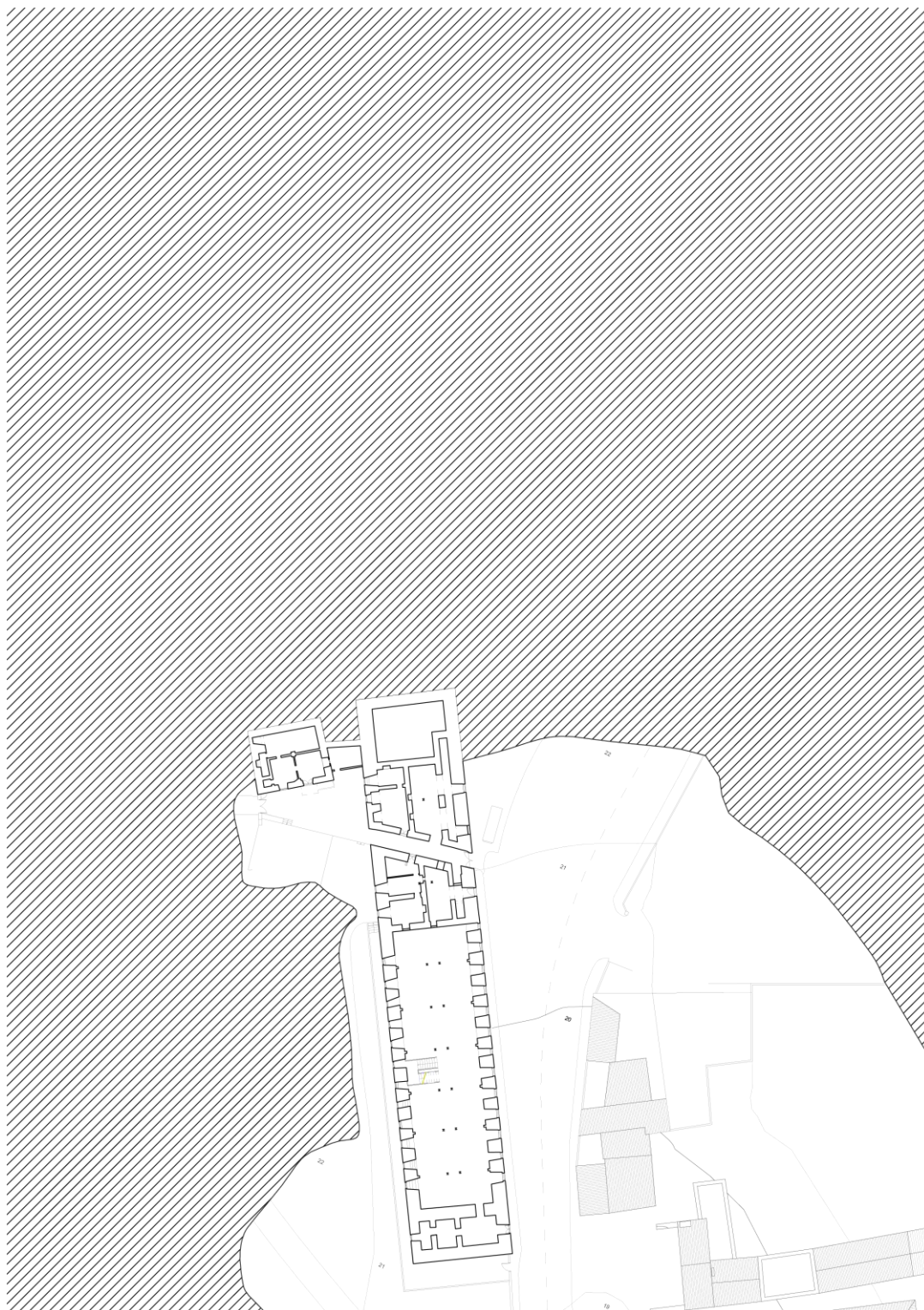
LEITURA E REABILITAÇÃO DO CONVENTO DE CHELAS



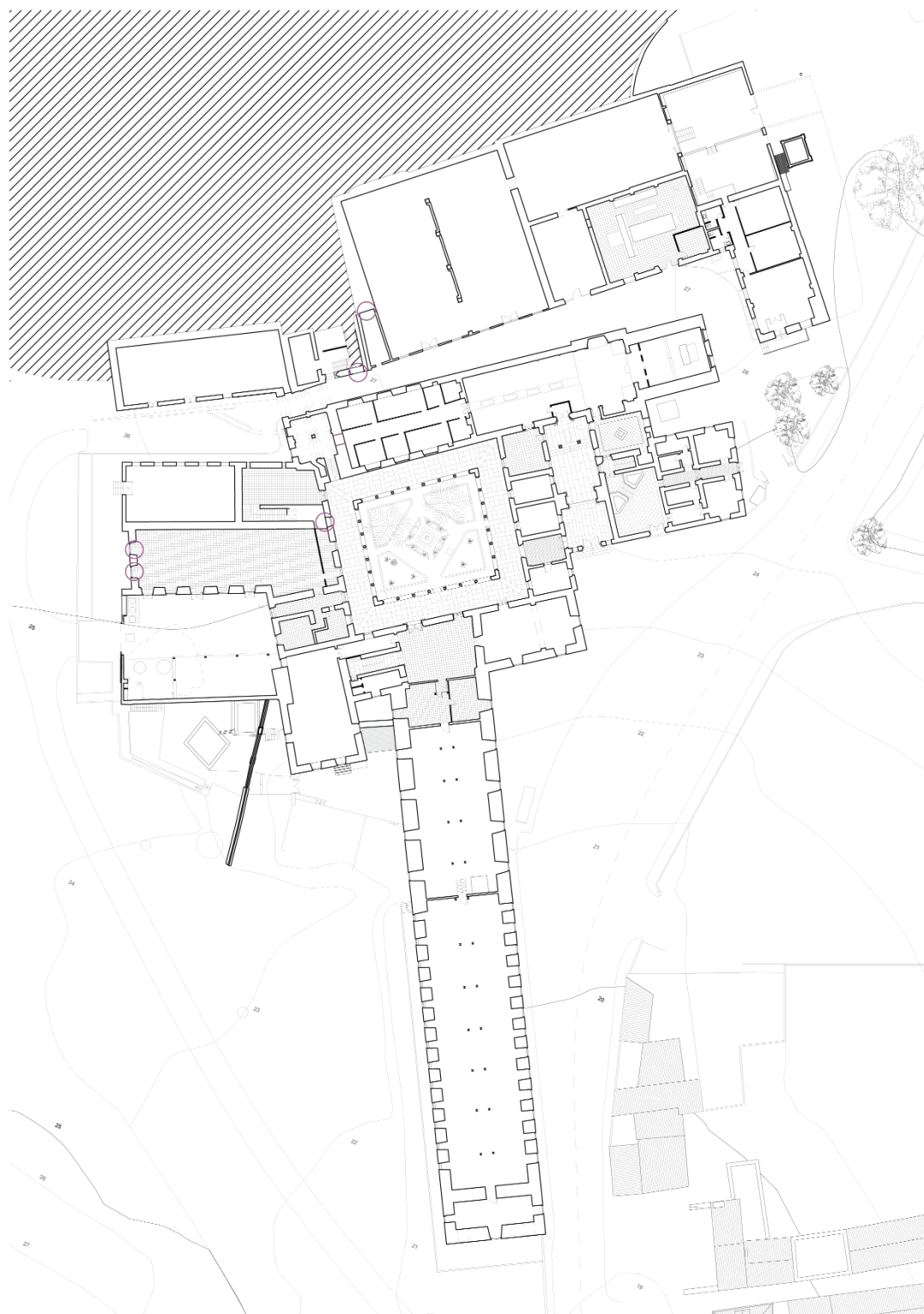
Fotografias da vida da Fábrica de Chelas. Joshua Benoliel.1916

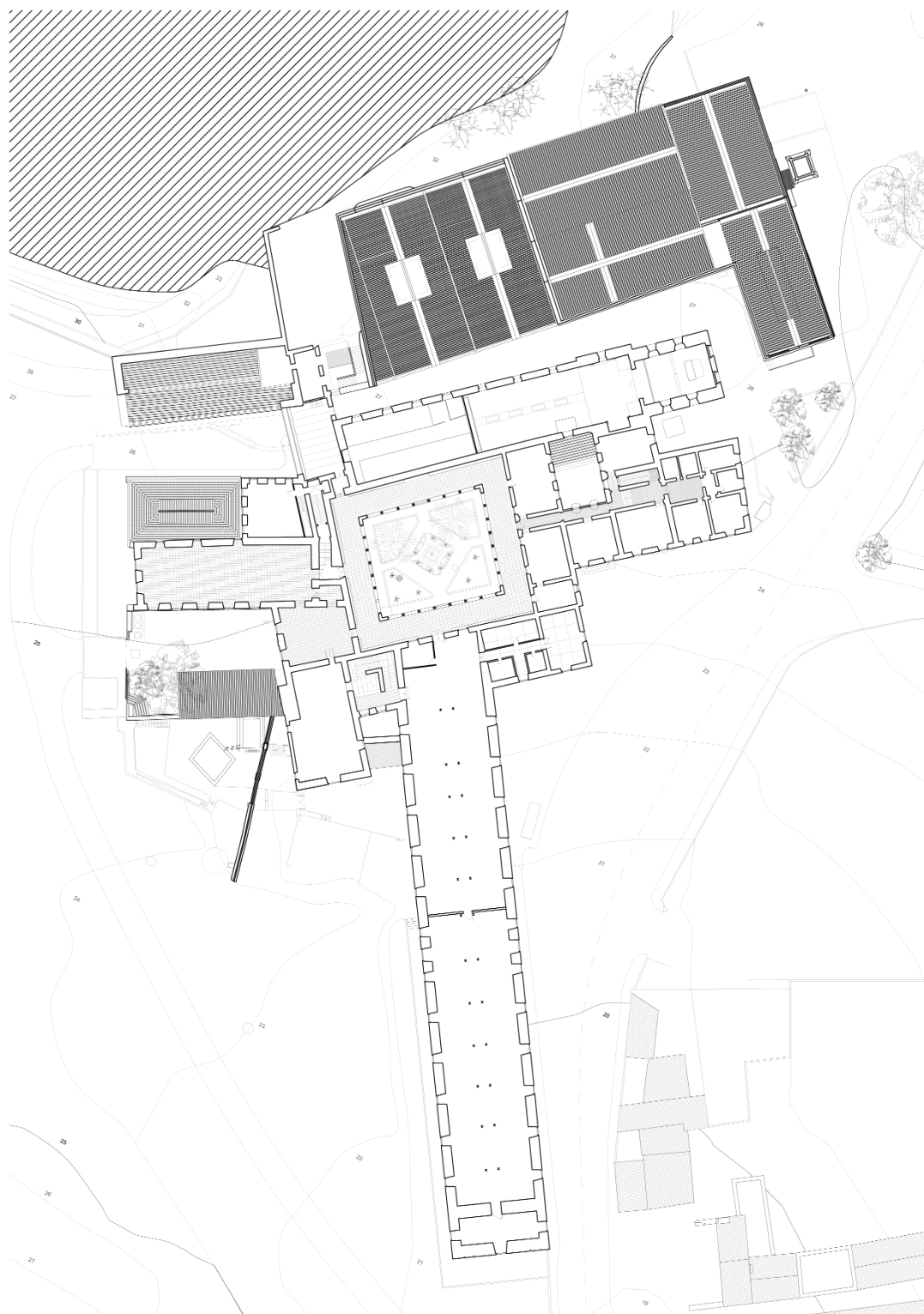


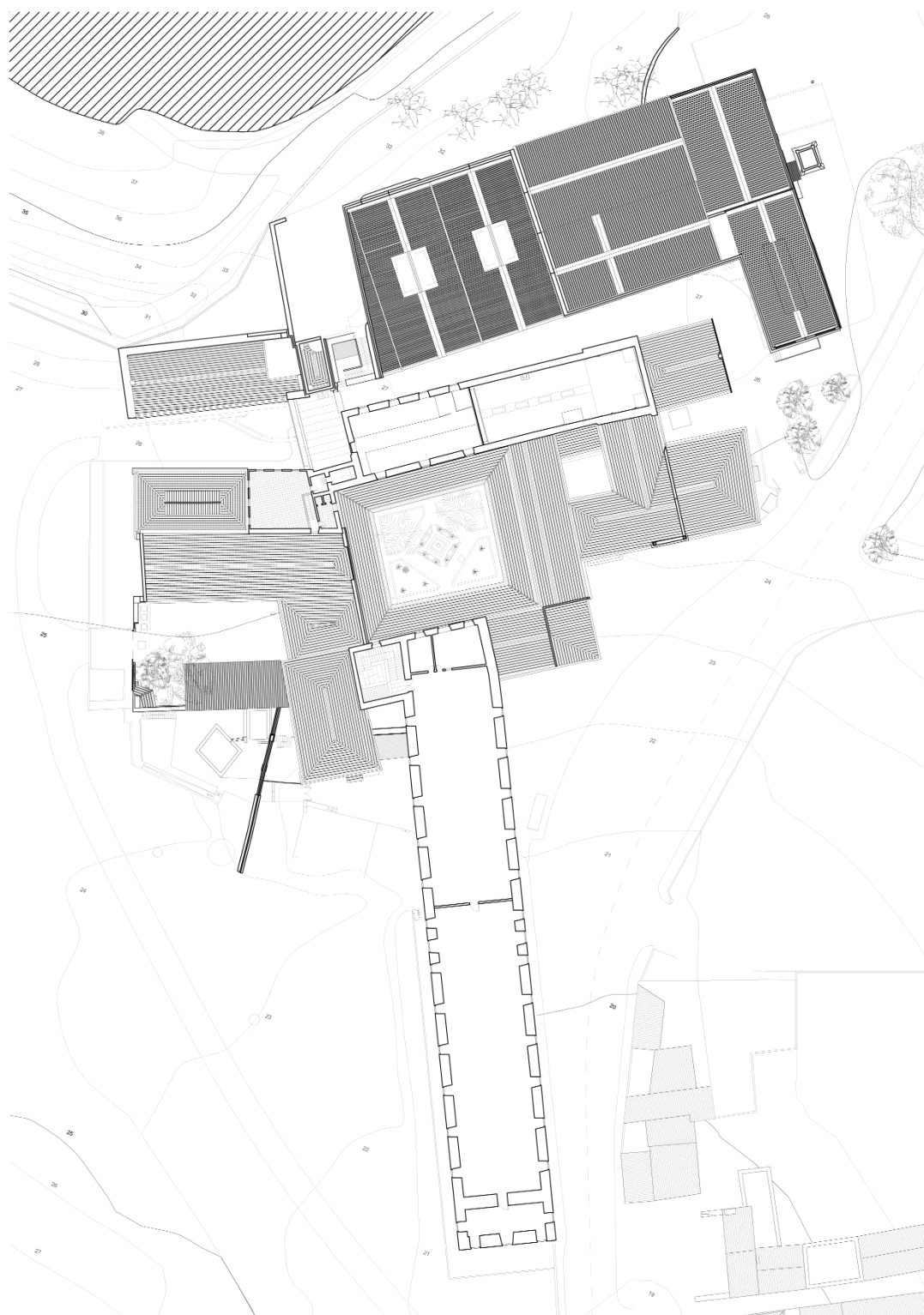
Zona de Servidão da Fábrica da Pólvora de Chelas. Levantamento de Francisco Roberto Guerreiro da Trindade – Tenente de Artilharia. 1905

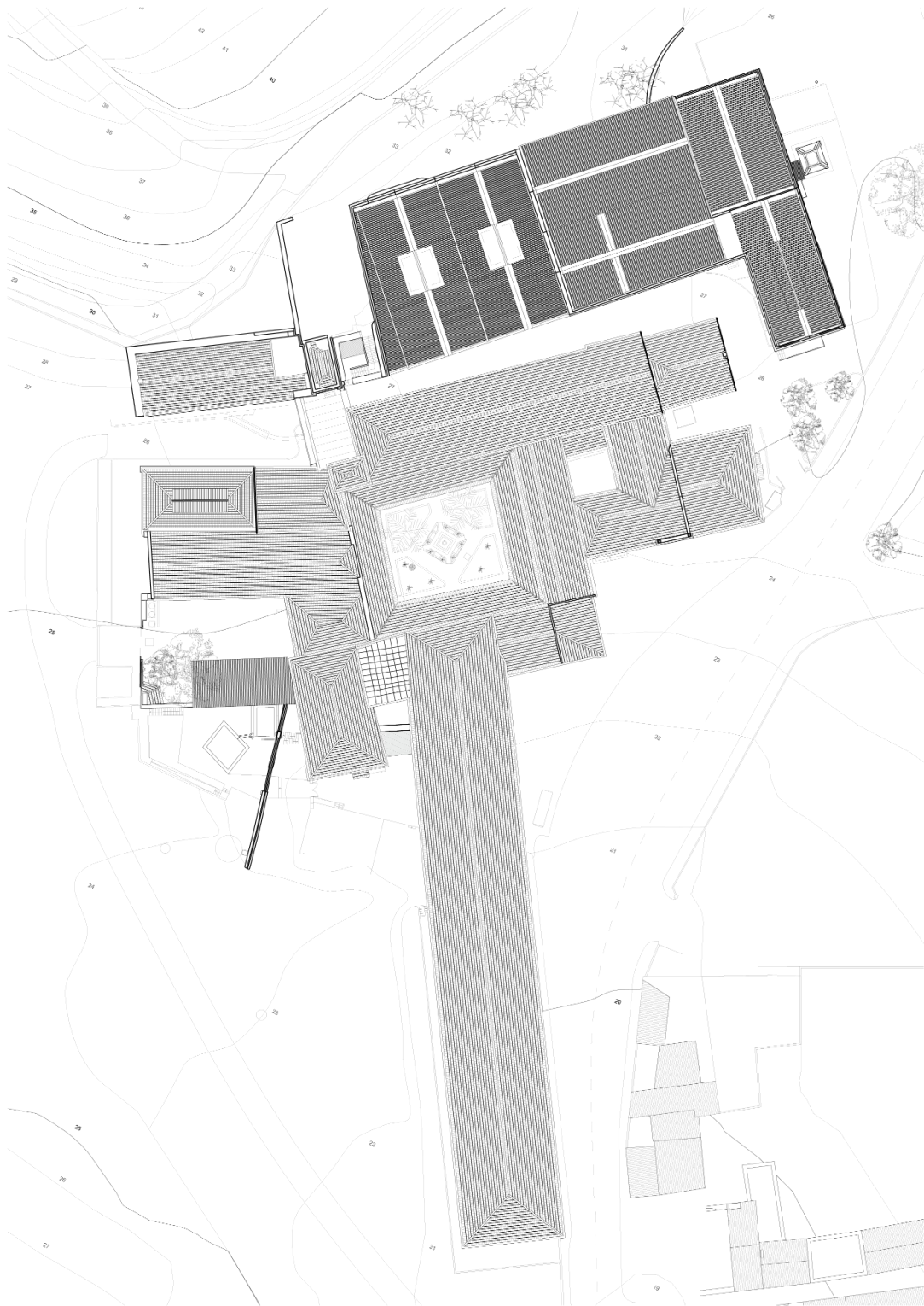


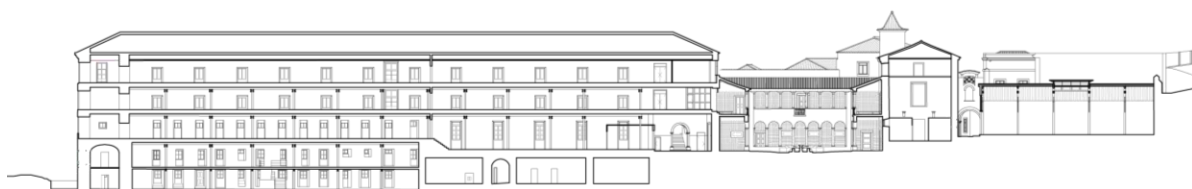
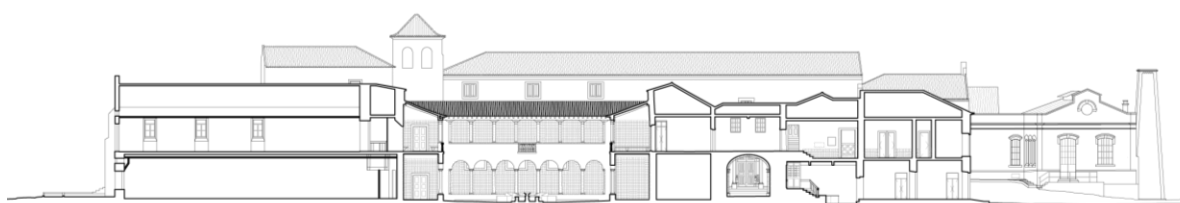


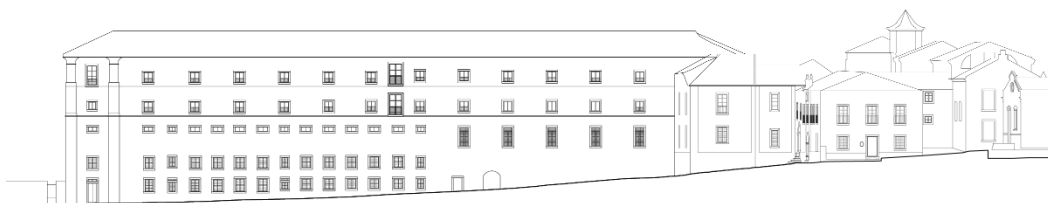


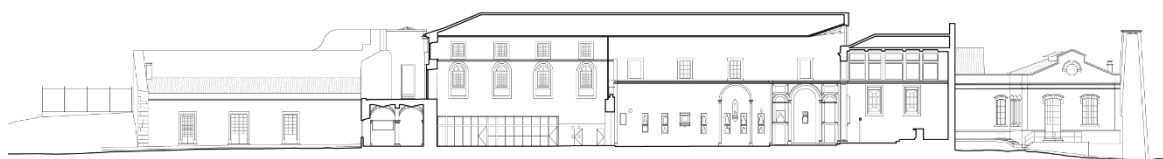












LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO – Fotografias da Autora

Exterior do Convento. Estrada de Chelas



Exterior do Convento. Estrada de Chelas



DA MEMÓRIA AO LUGAR

Exterior da Igreja



Exterior das fábricas e Igreja.



DA MEMÓRIA AO LUGAR

Cerca do Convento de Chelas



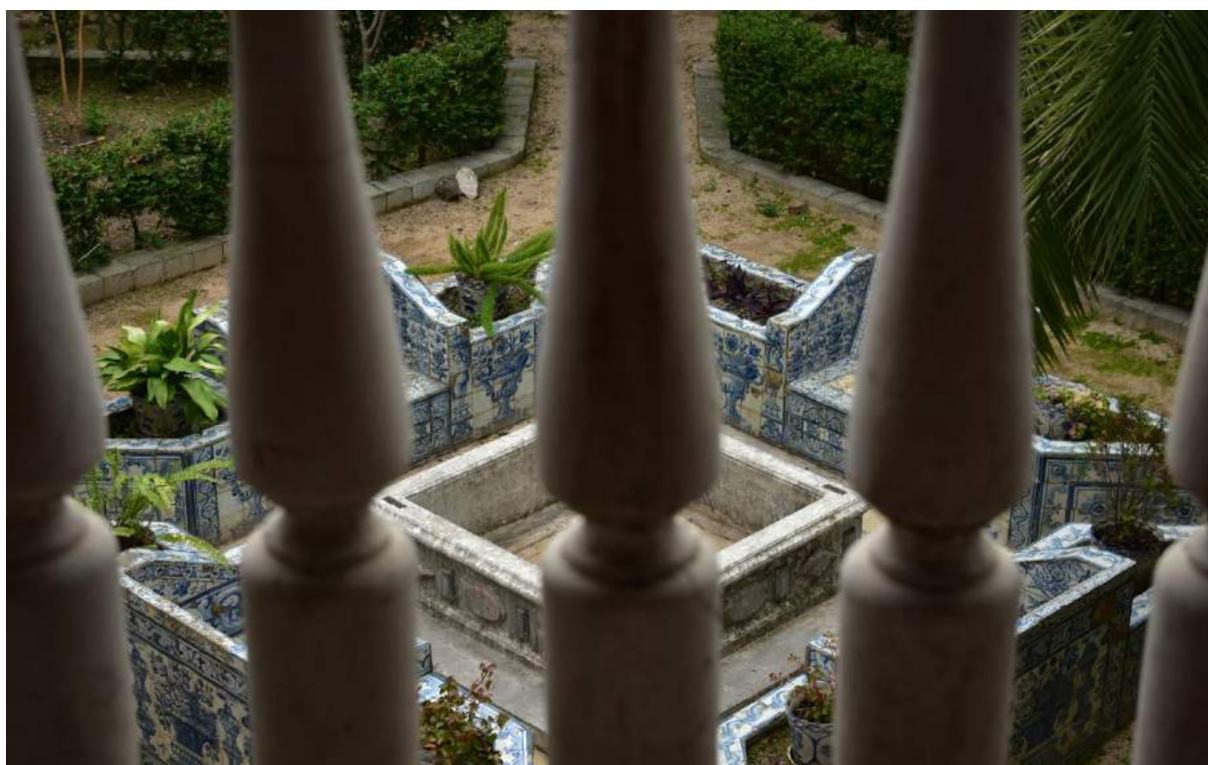
Cerca e Aqueduto do Convento



Interior do Claustro.



Interior do Claustro



Entrada do Convento e Portal Manuelino

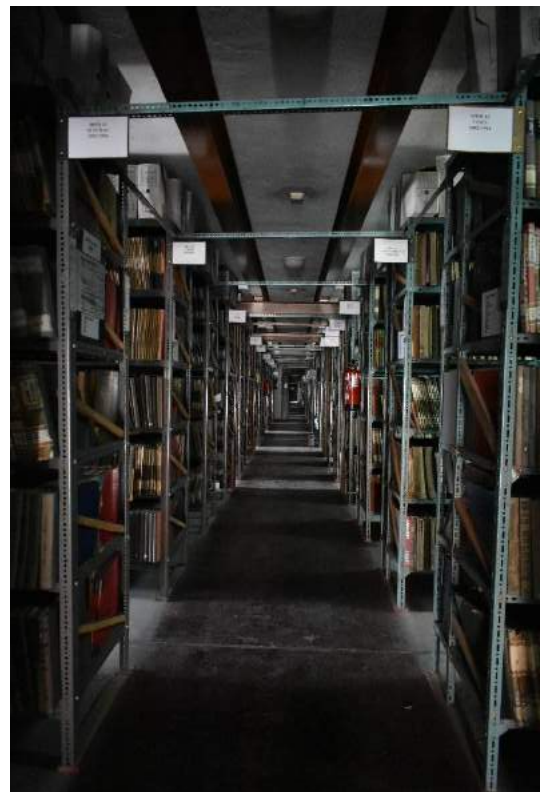
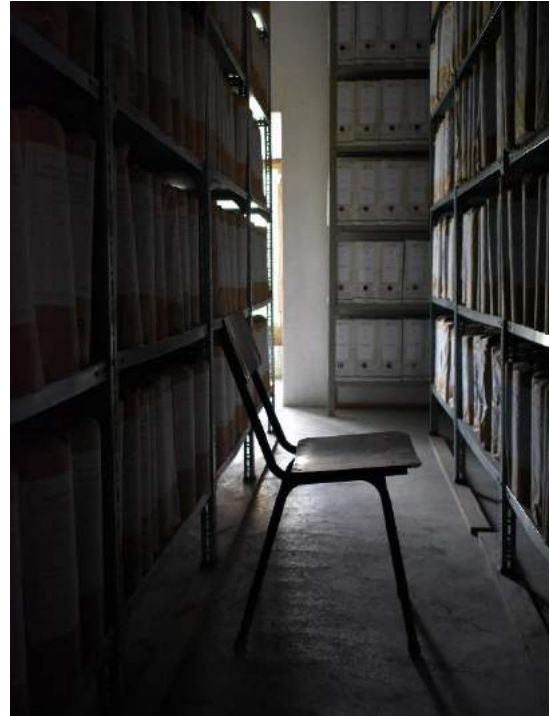


Interior da Igreja



DA MEMÓRIA AO LUGAR

Interior da Nave



Interior da Nave

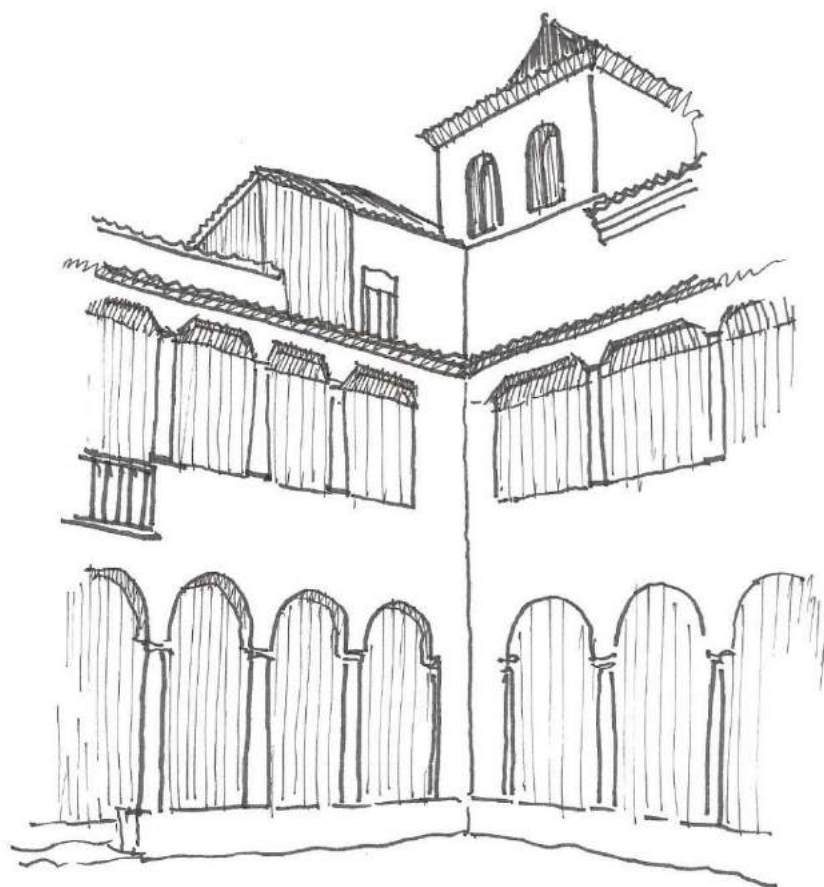
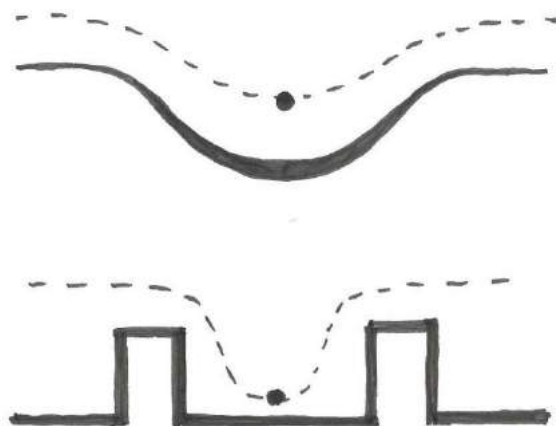
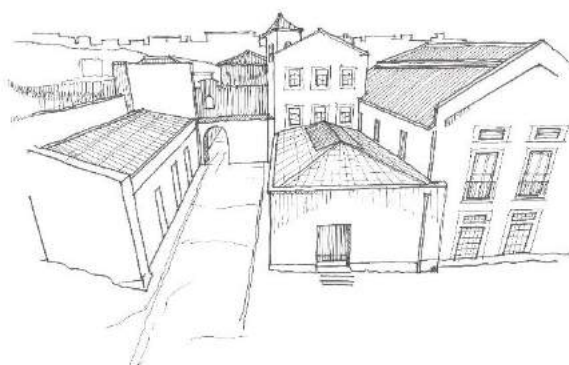


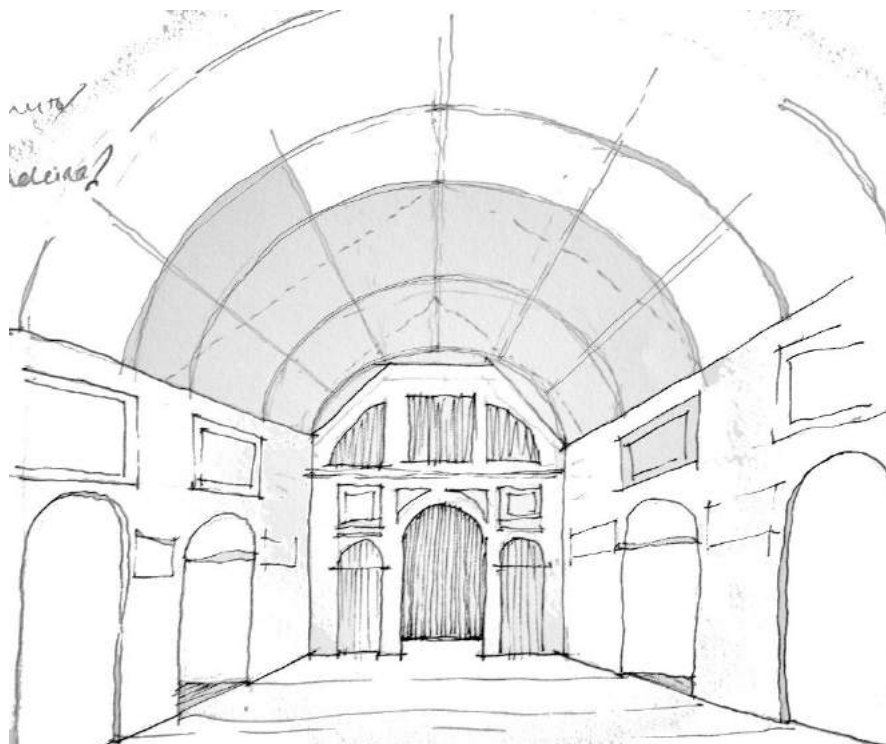
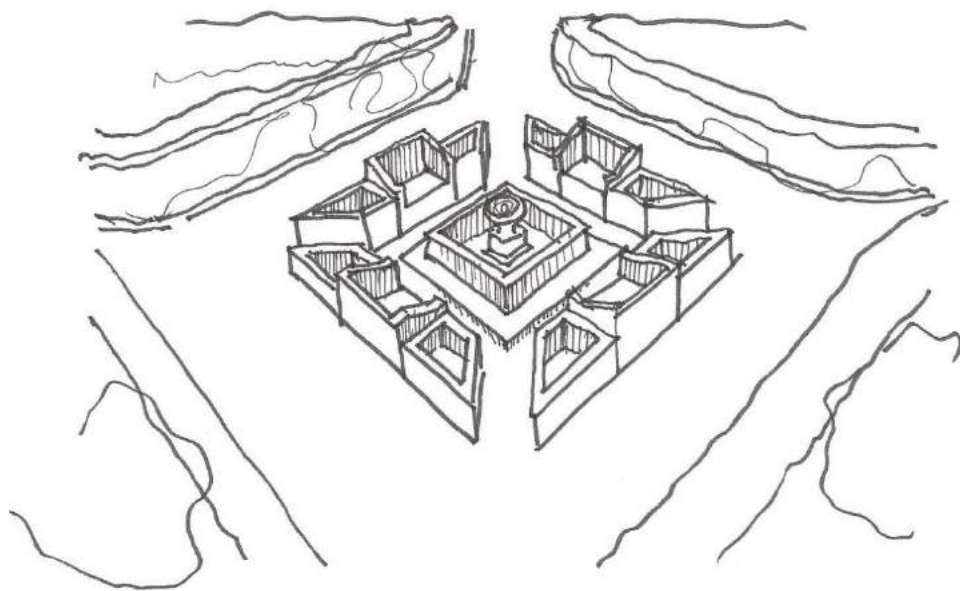
Interior da Fábrica e Geradora

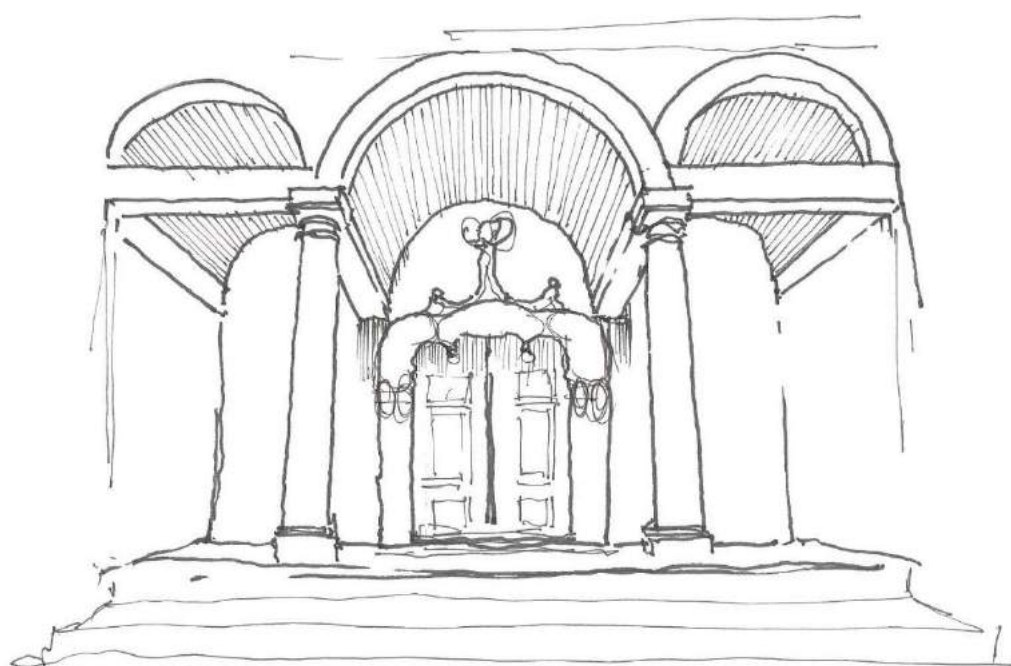
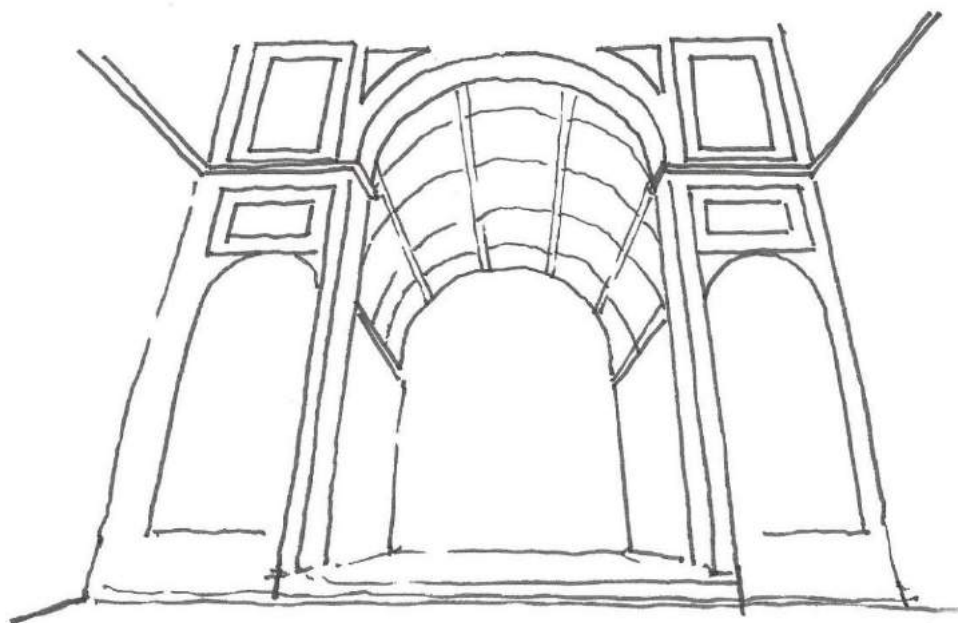


DESENHOS E ESQUISSOS

Desenhos *in situ*

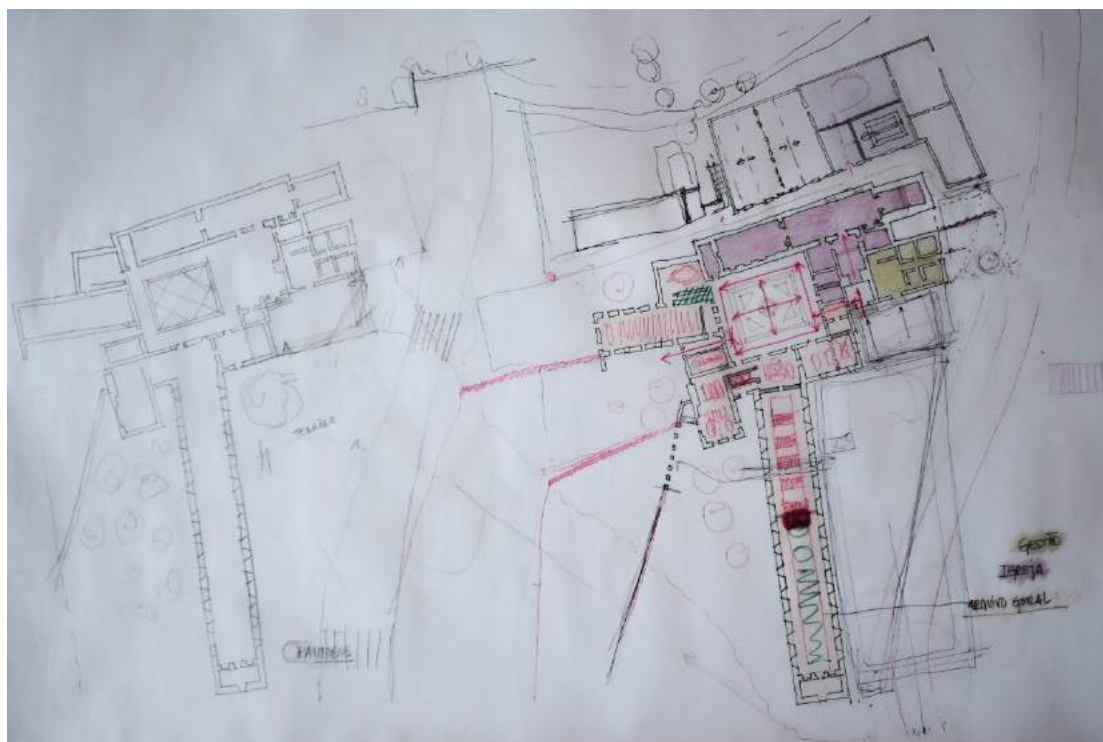
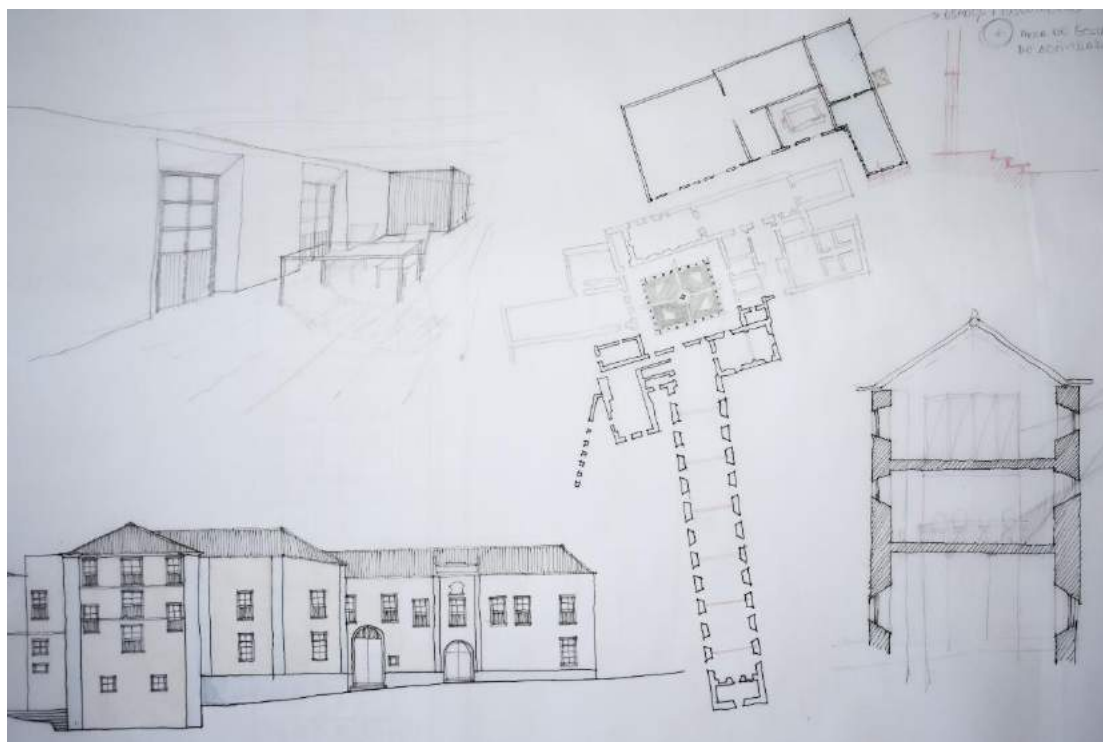


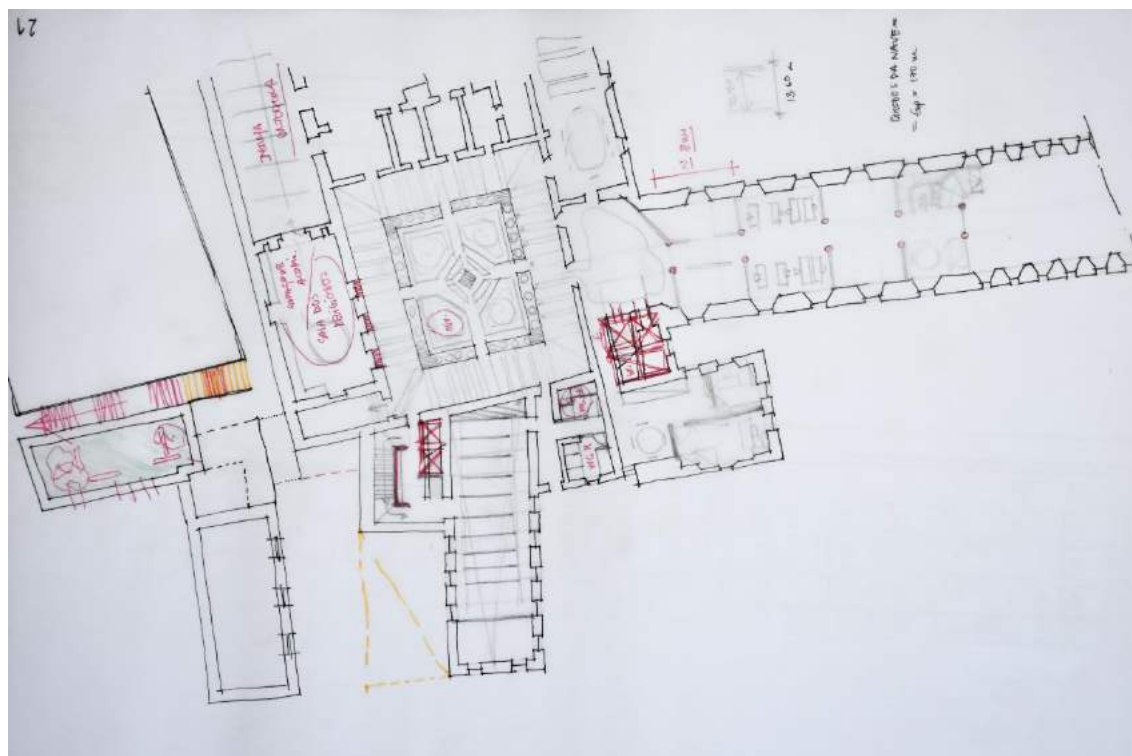
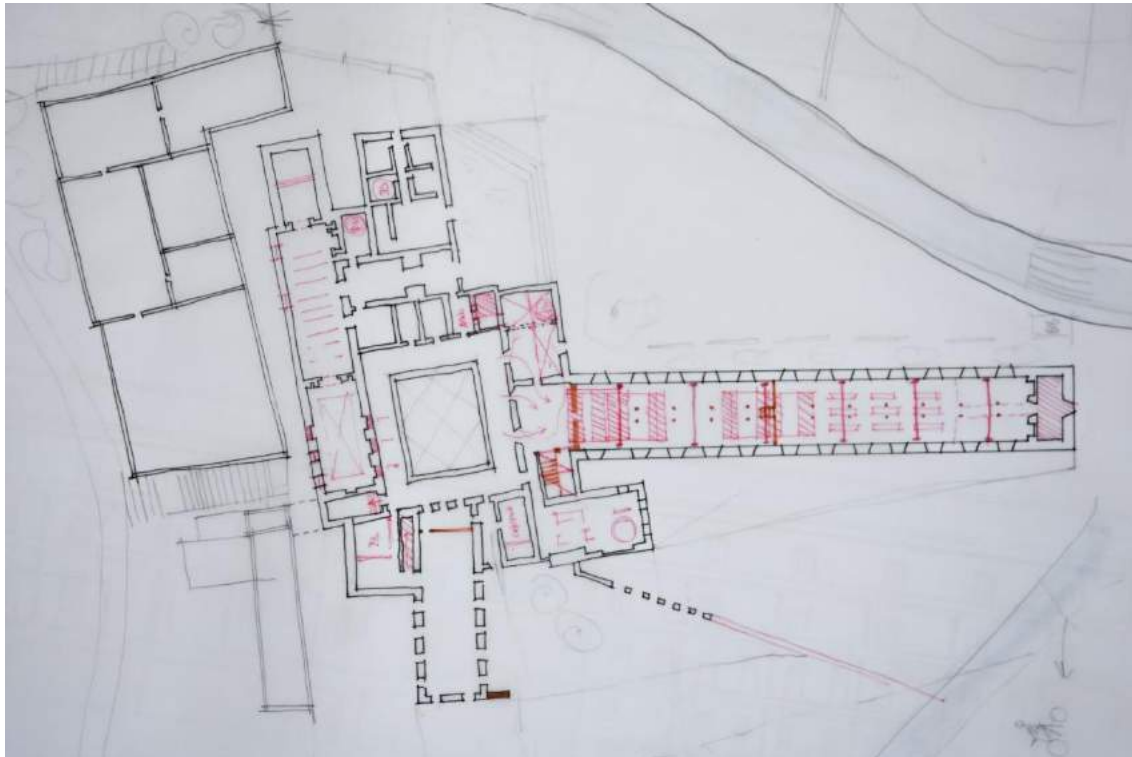


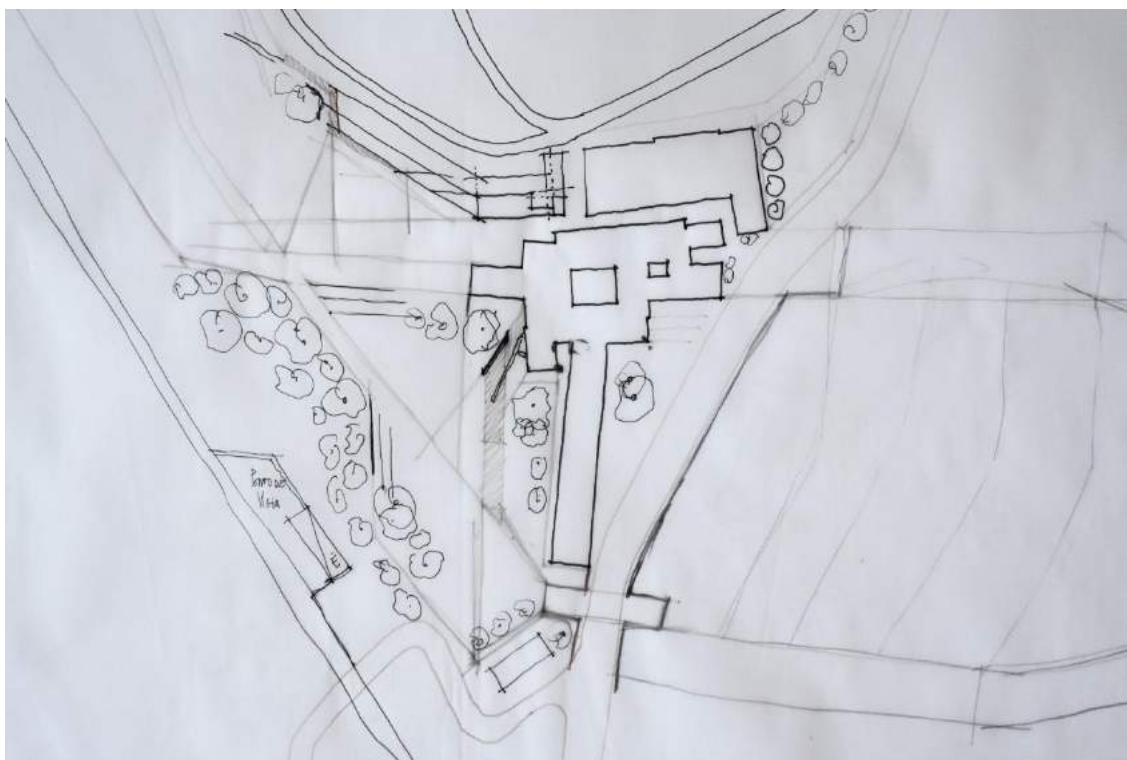




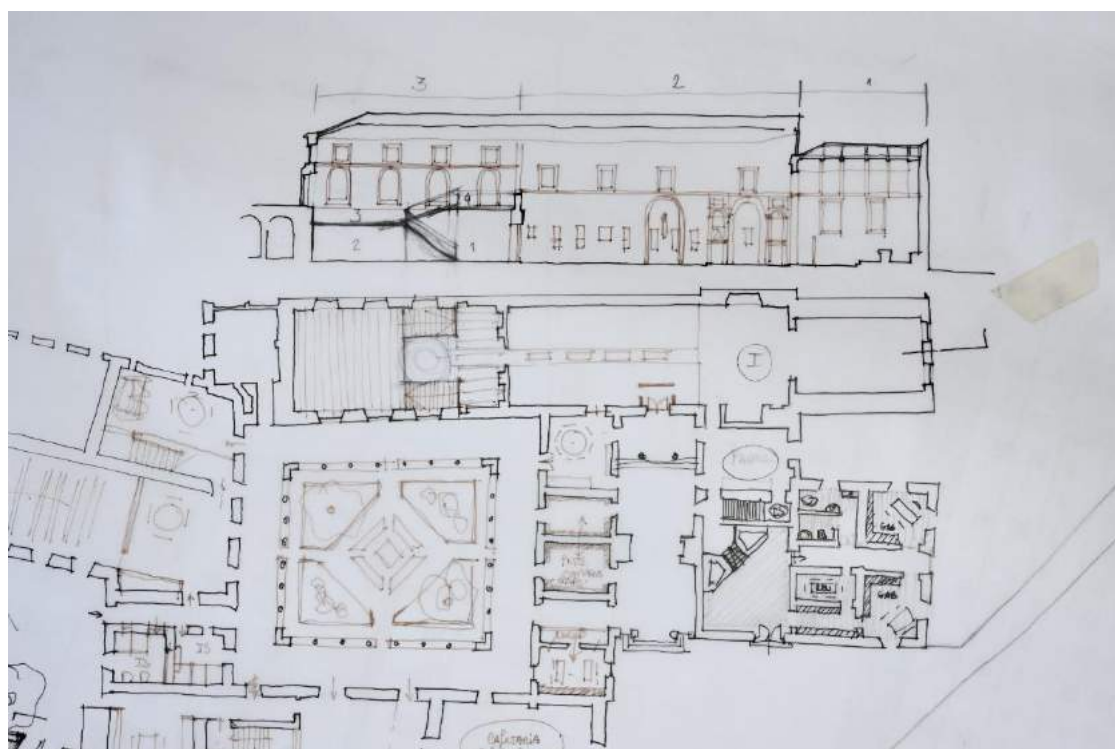
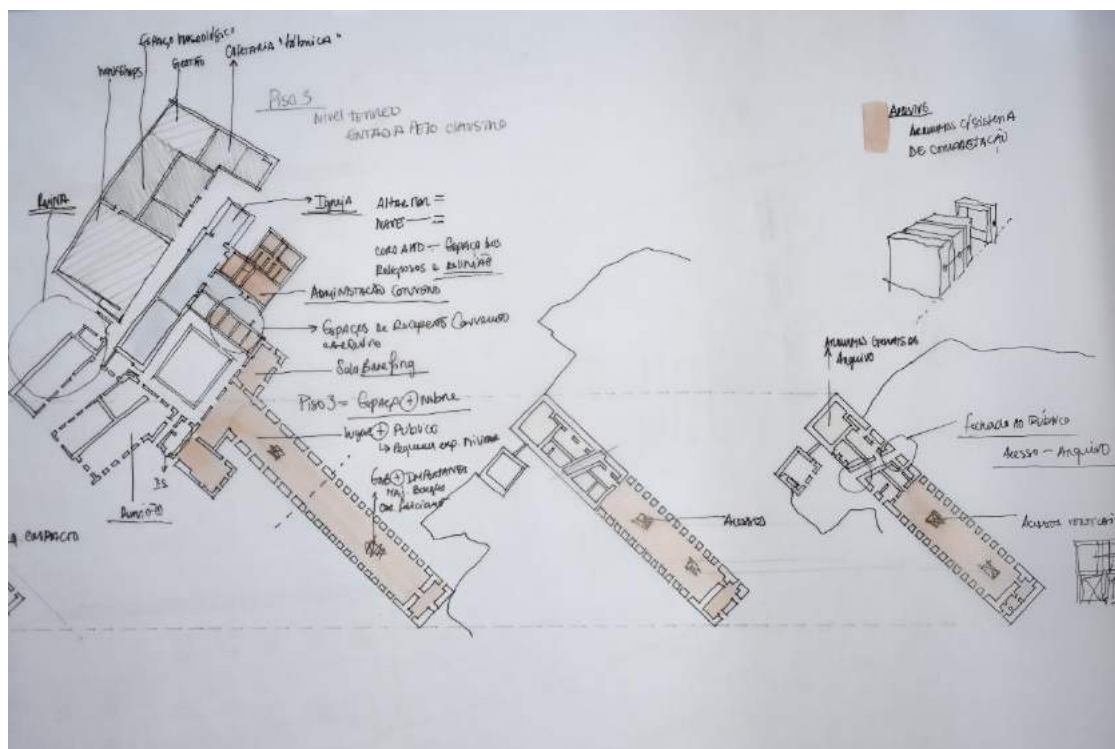
LEITURA E REABILITAÇÃO DO CONVENTO DE CHELAS

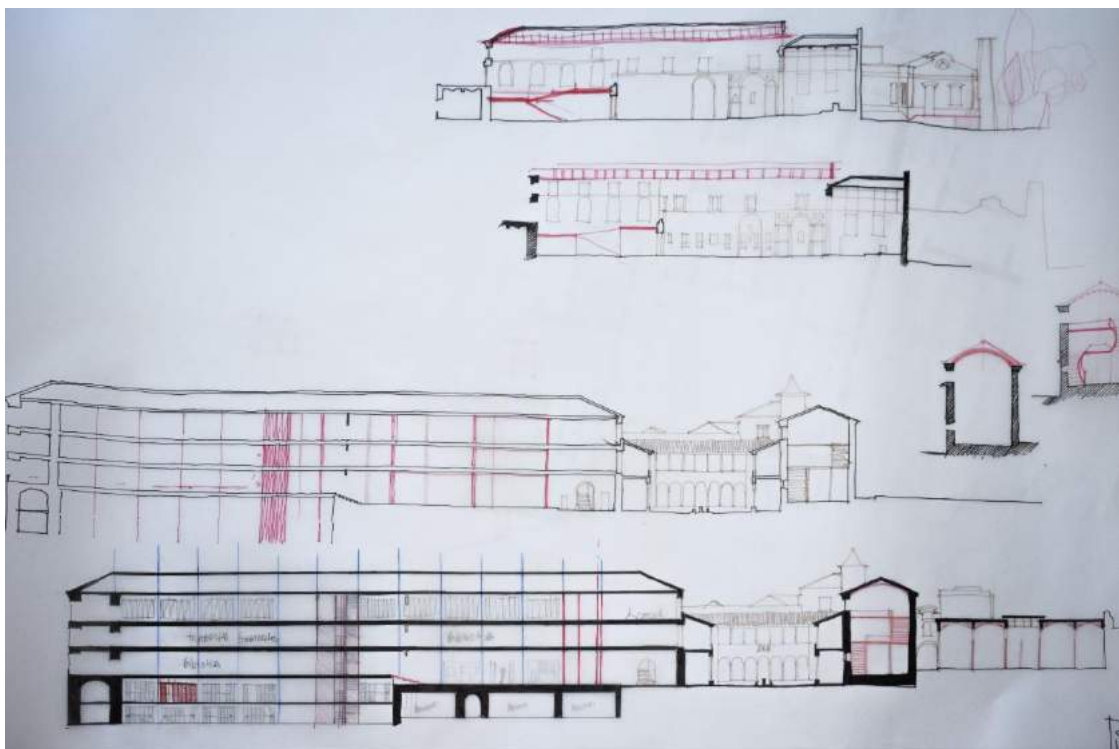
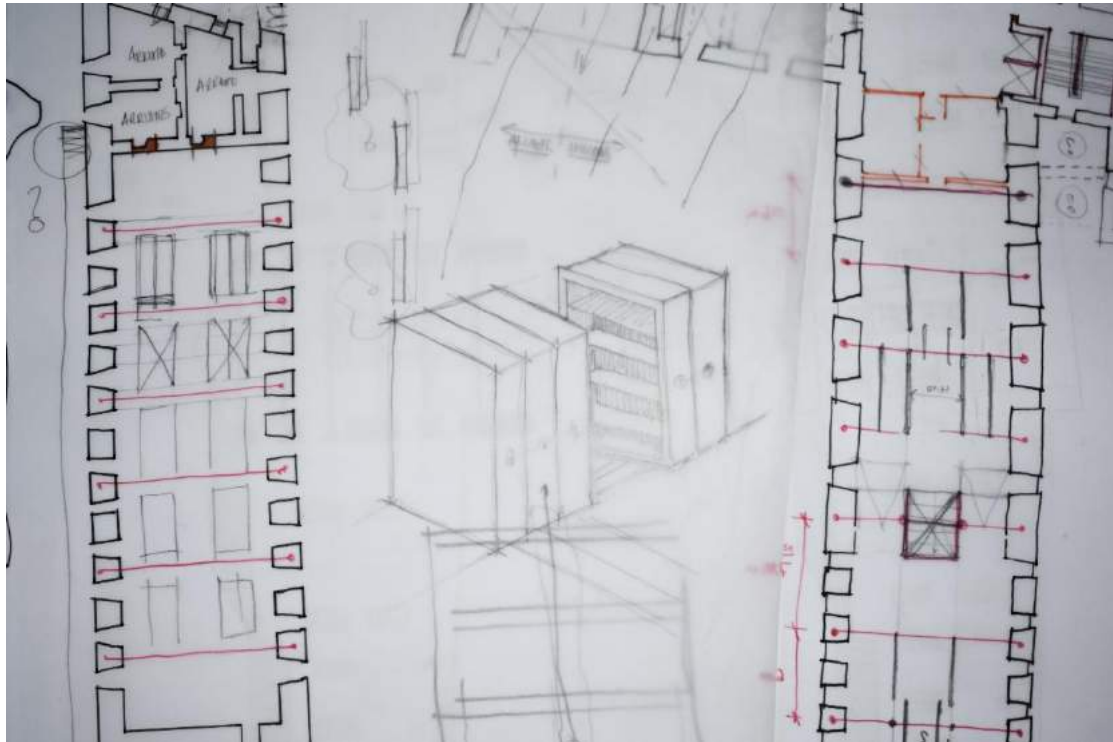








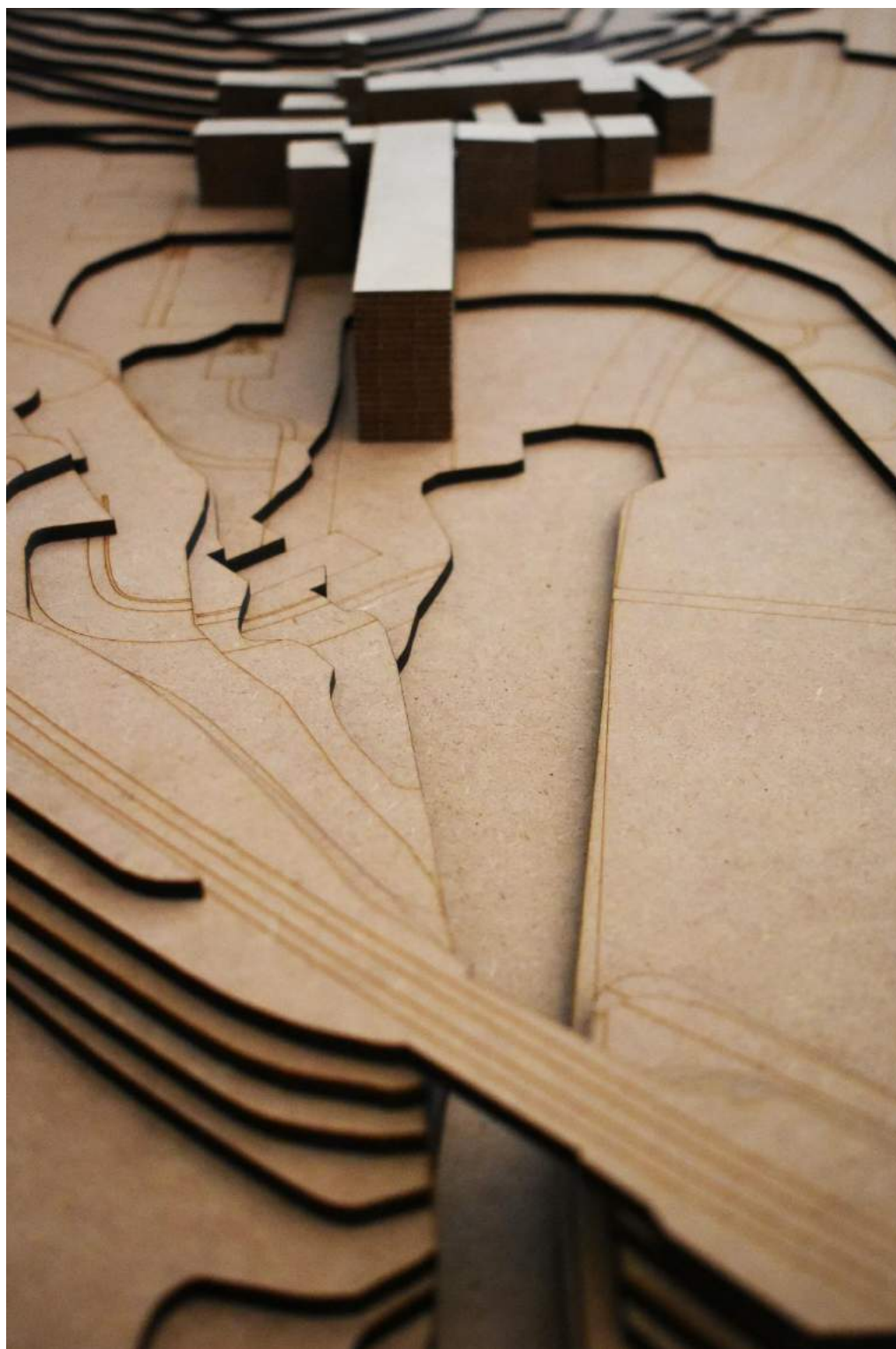


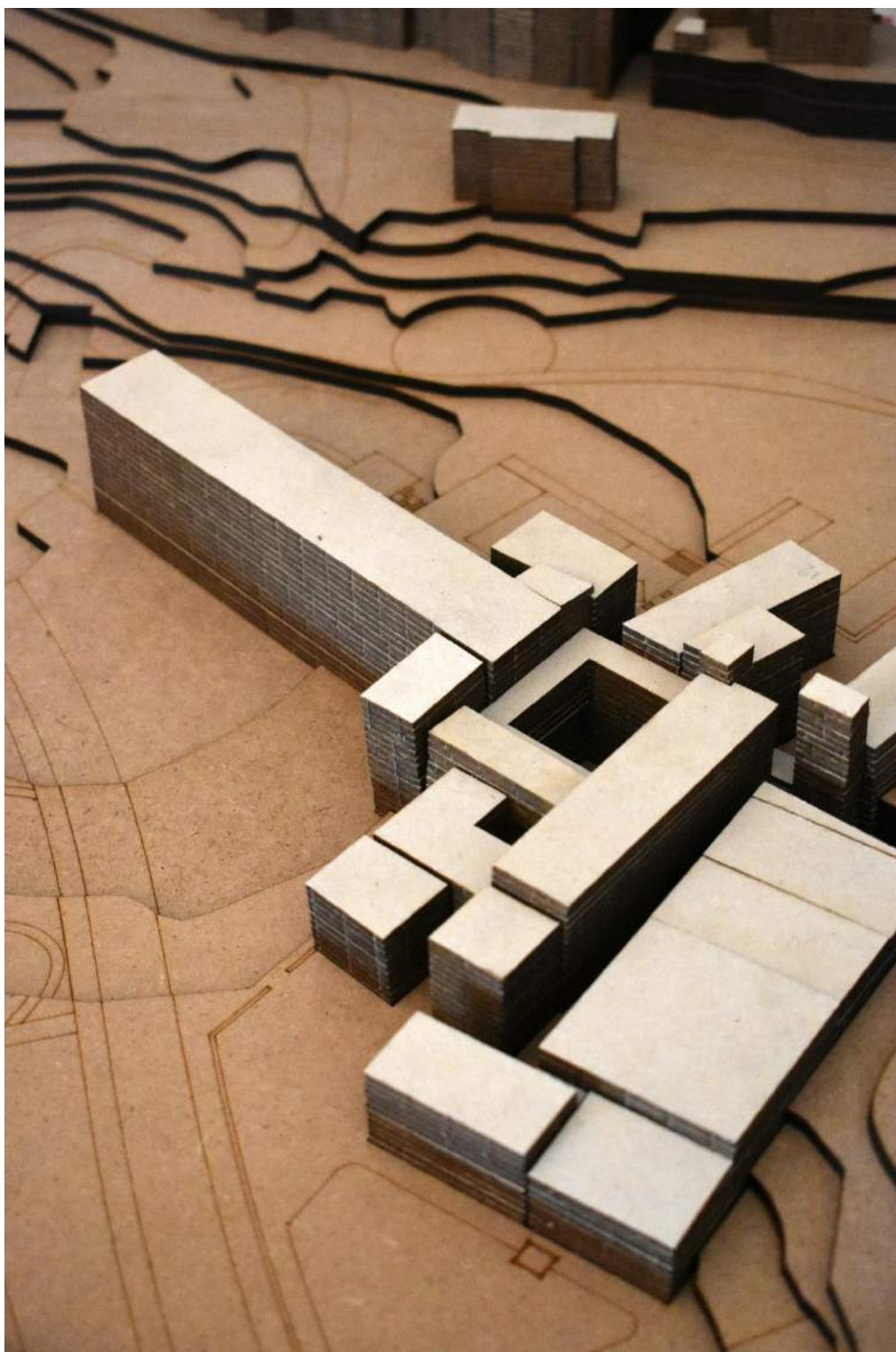


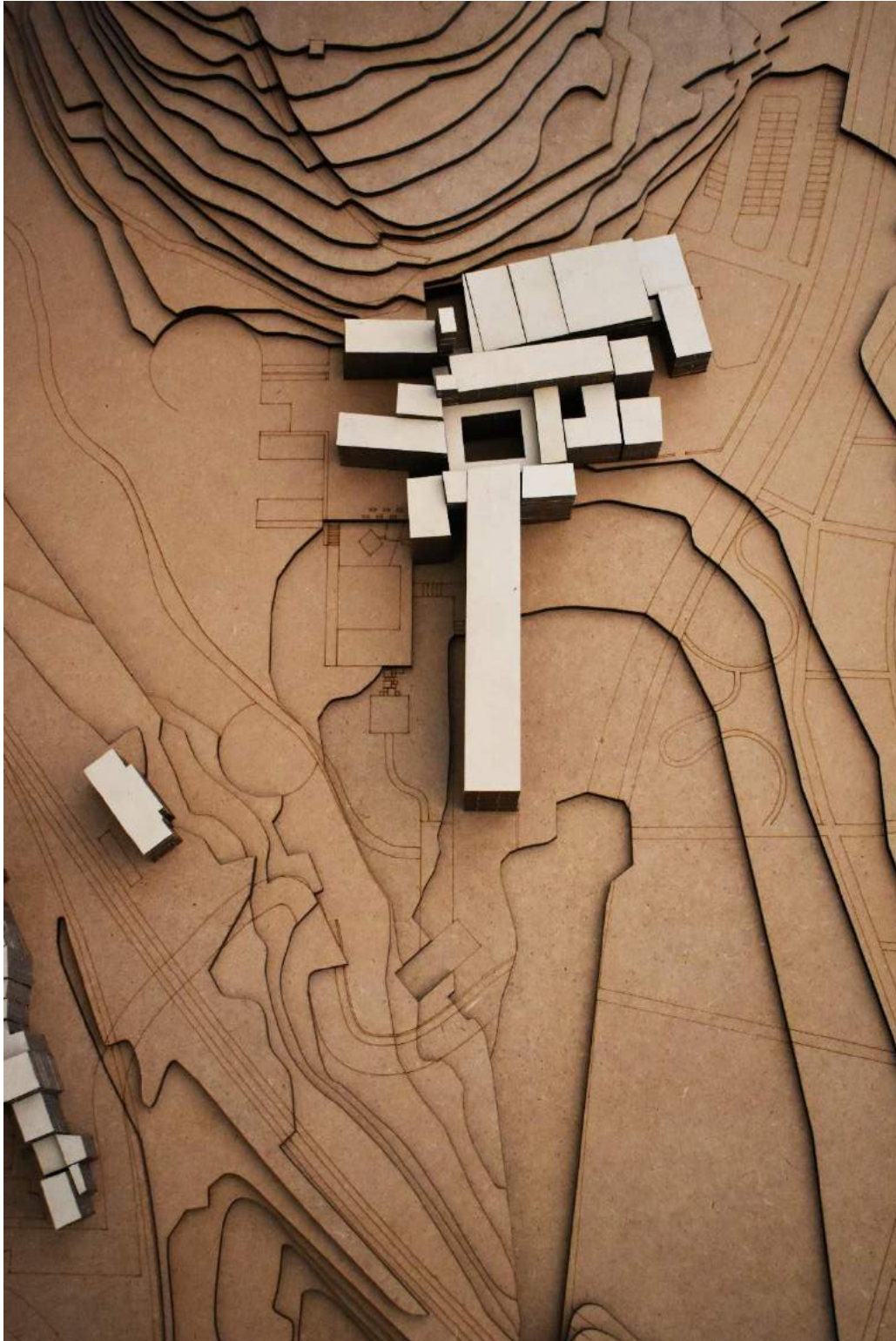


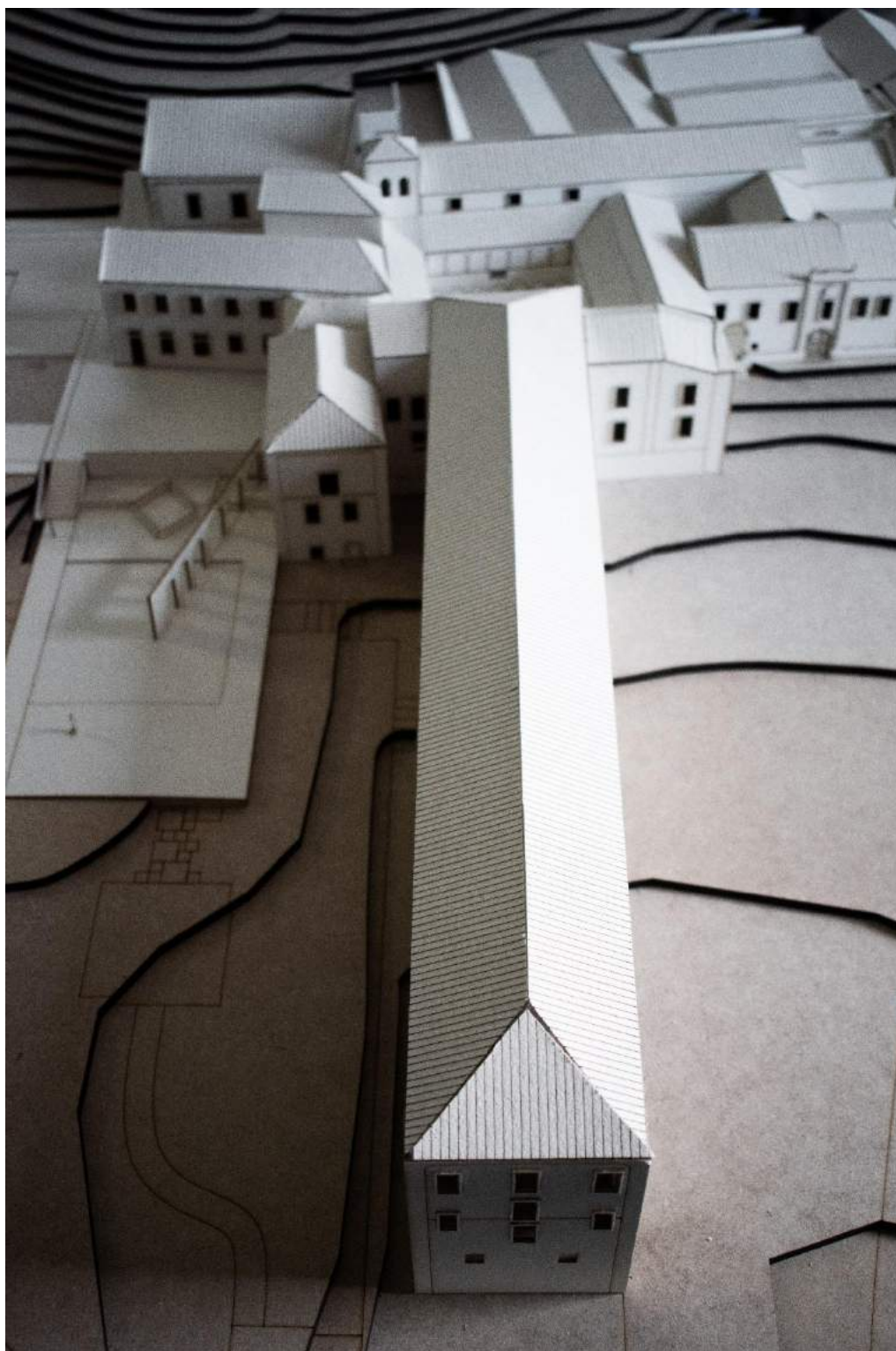


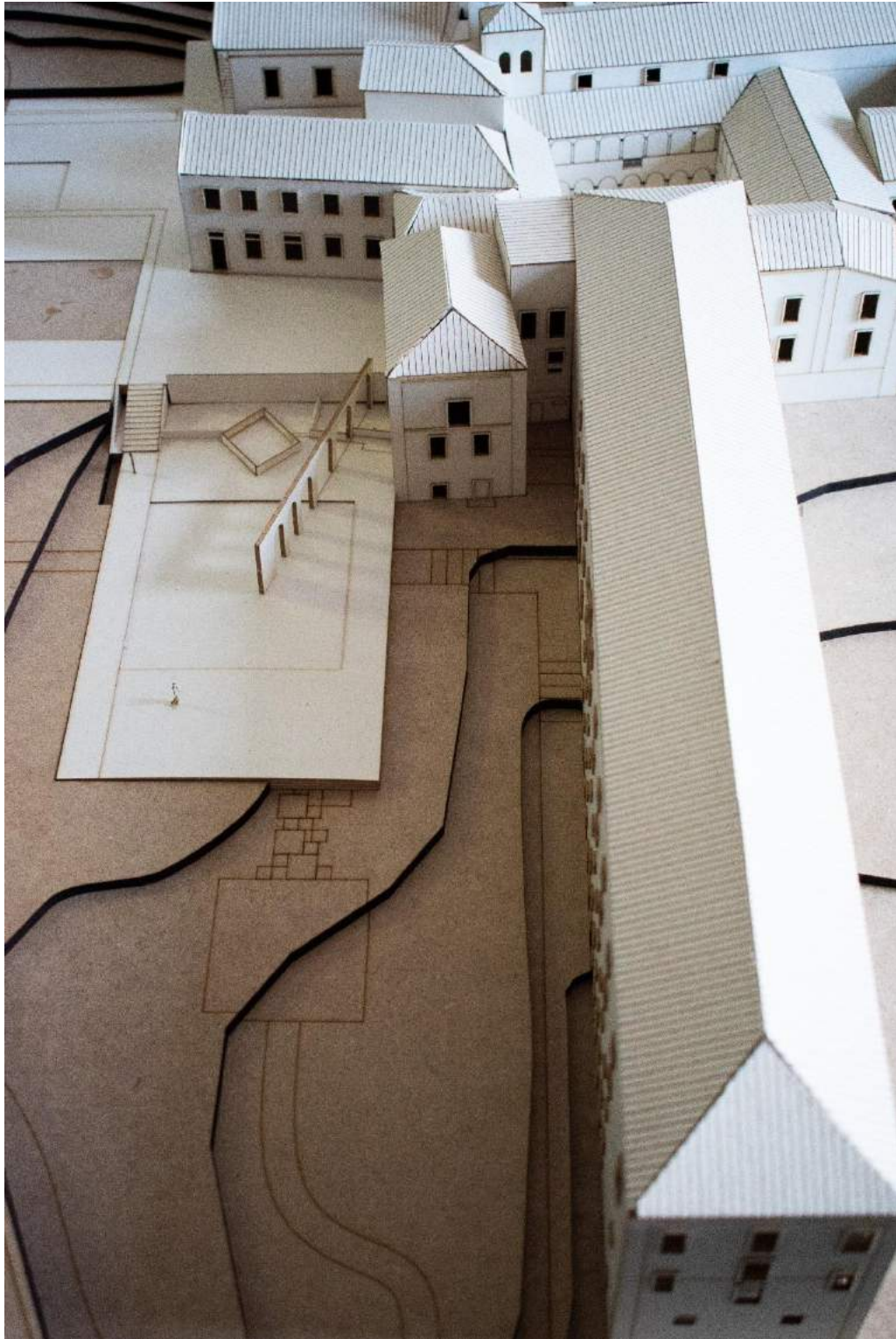


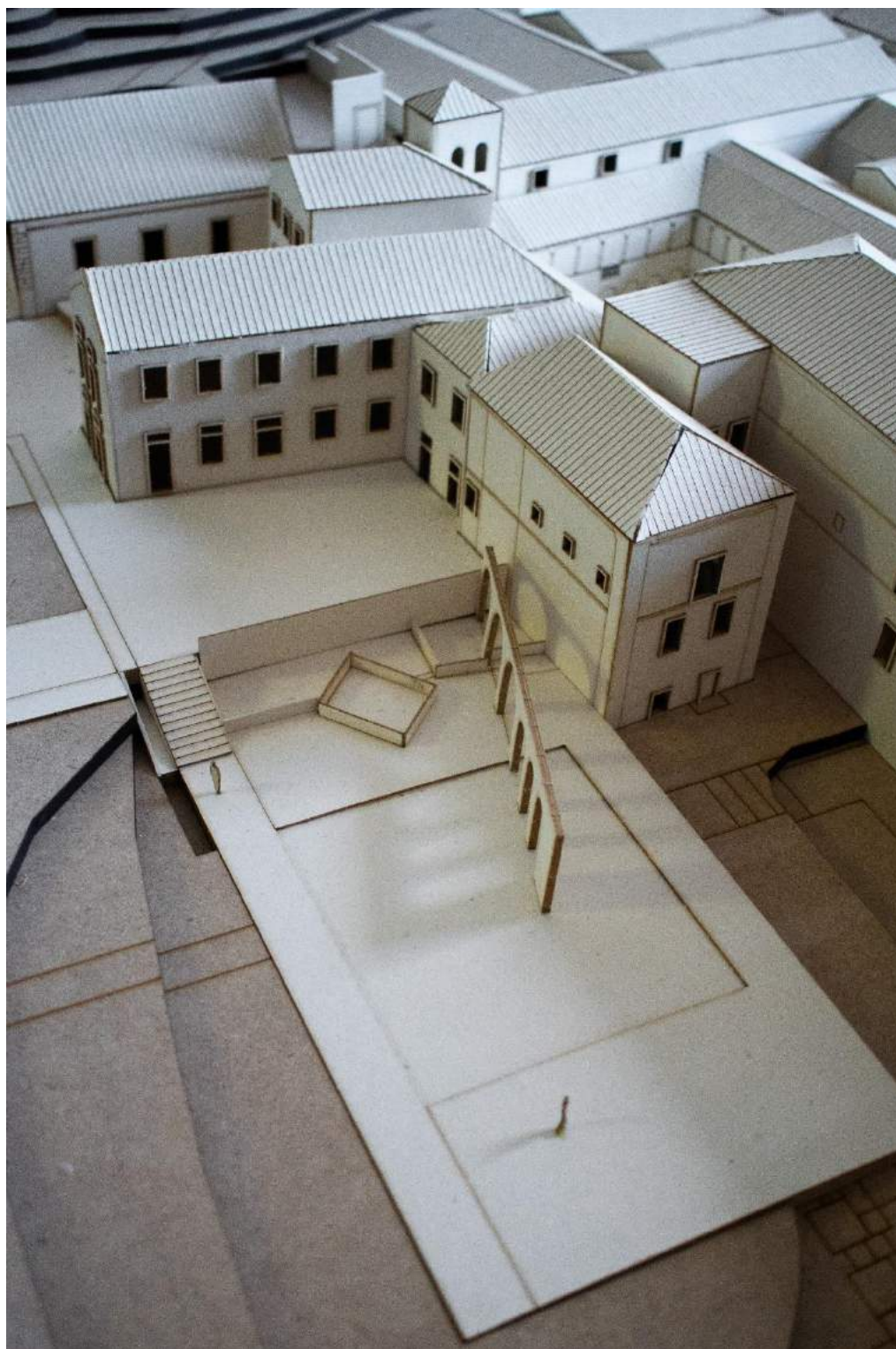










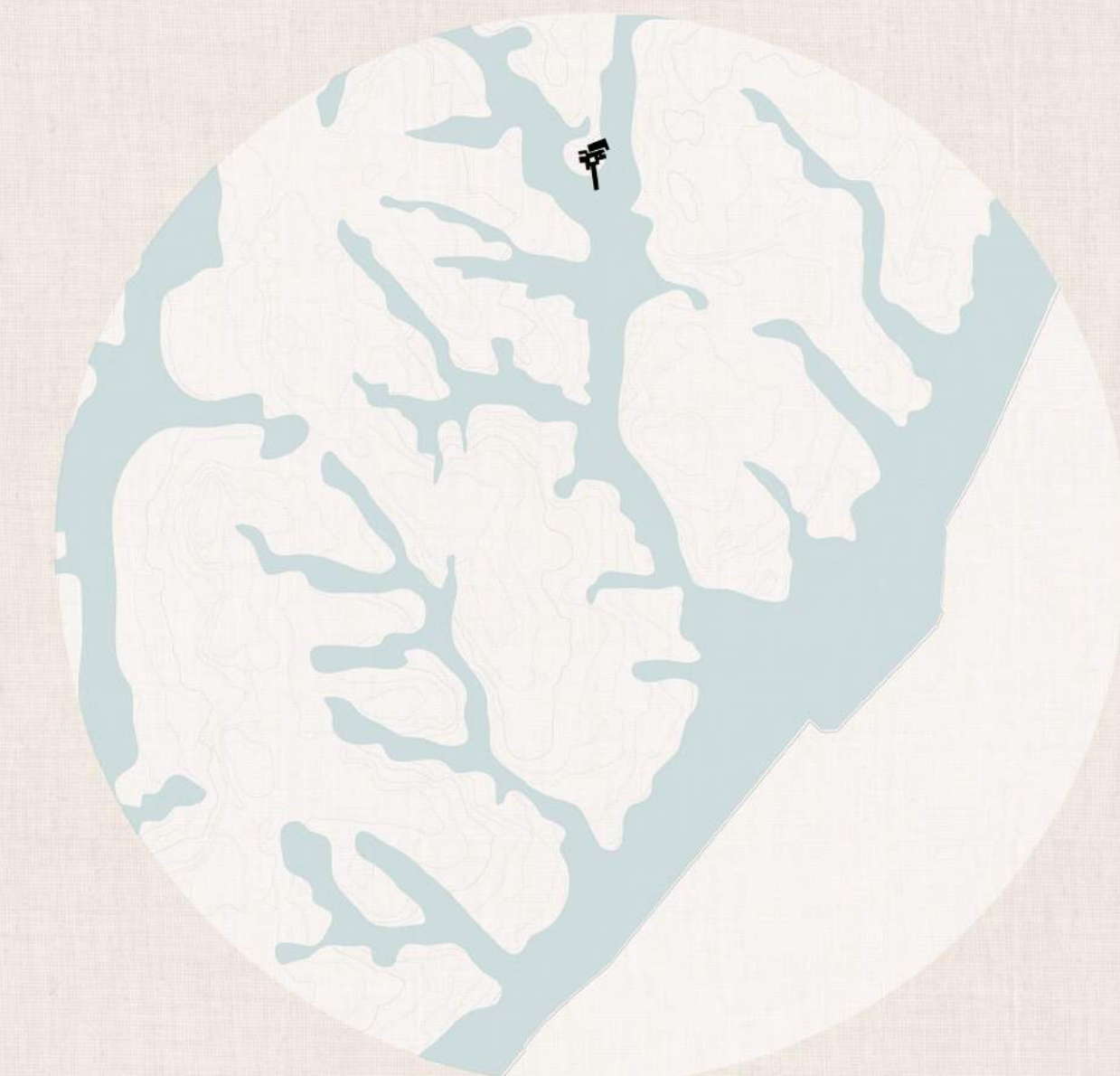








PLANTA TOPOGRAFICA DE LISBOA



PLANTA DA HIDROGRAFIA DE LISBOA



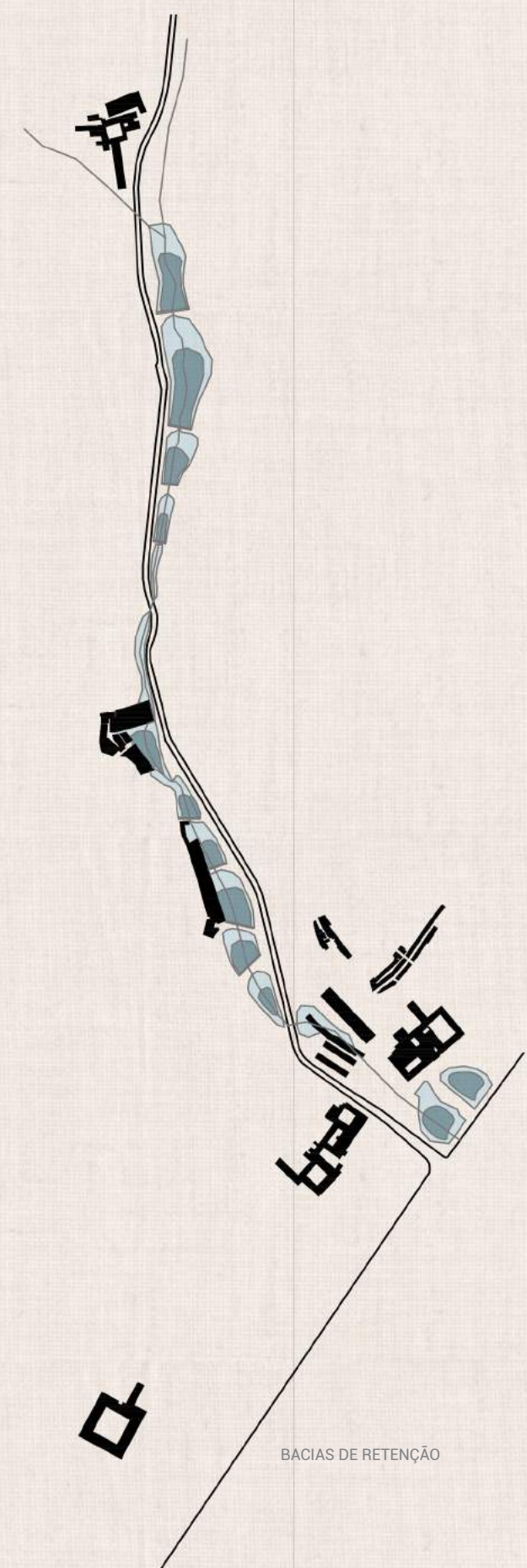
PLANTA DO PATRIMÓNIO CONVENTUAL
E INDUSTRIAL DE LISBOA



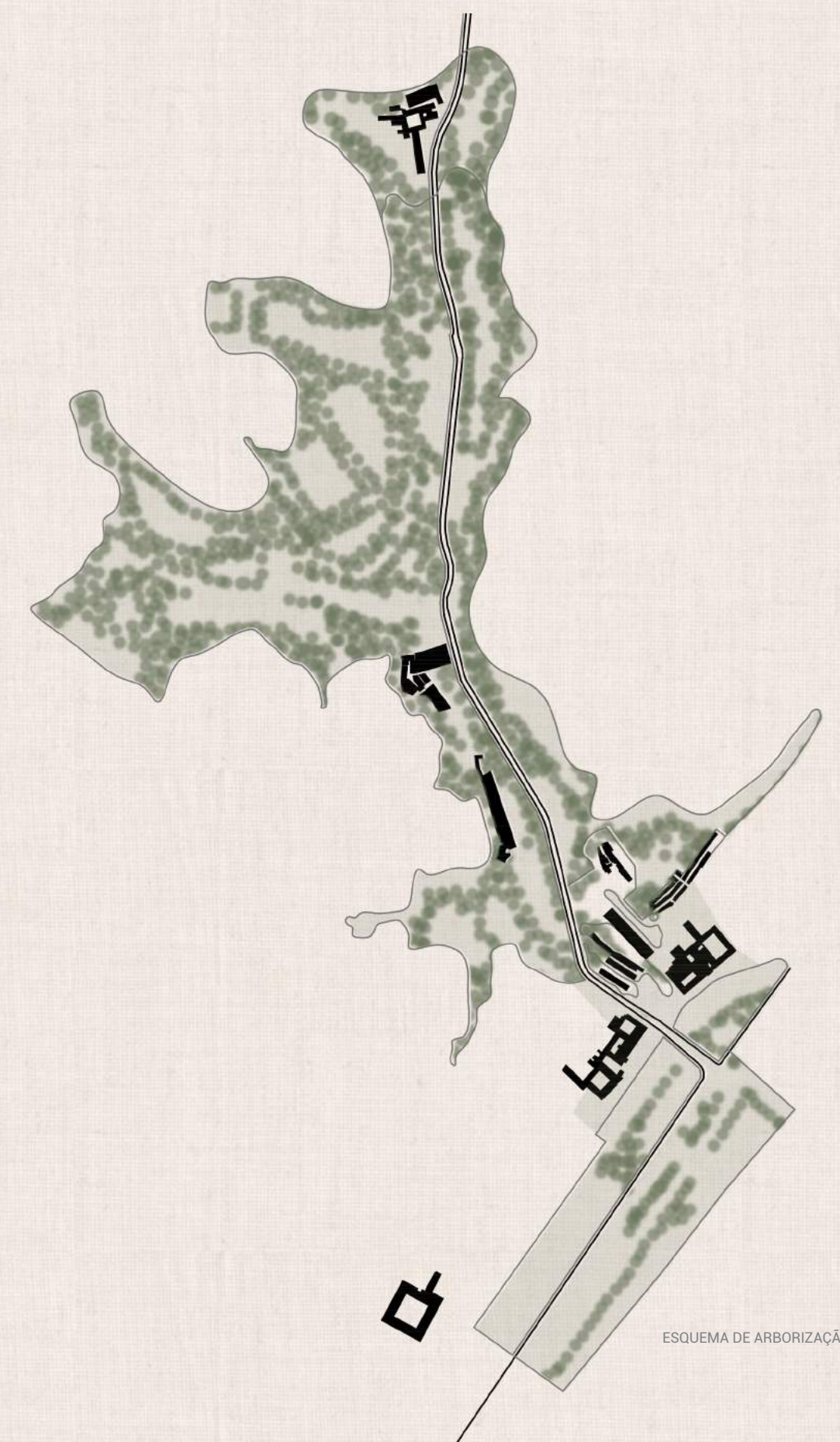
ESQUEMA DO EDIFICADO
A DEMOLIR



ACESSOS PEDONAIS E CICLOVIAS

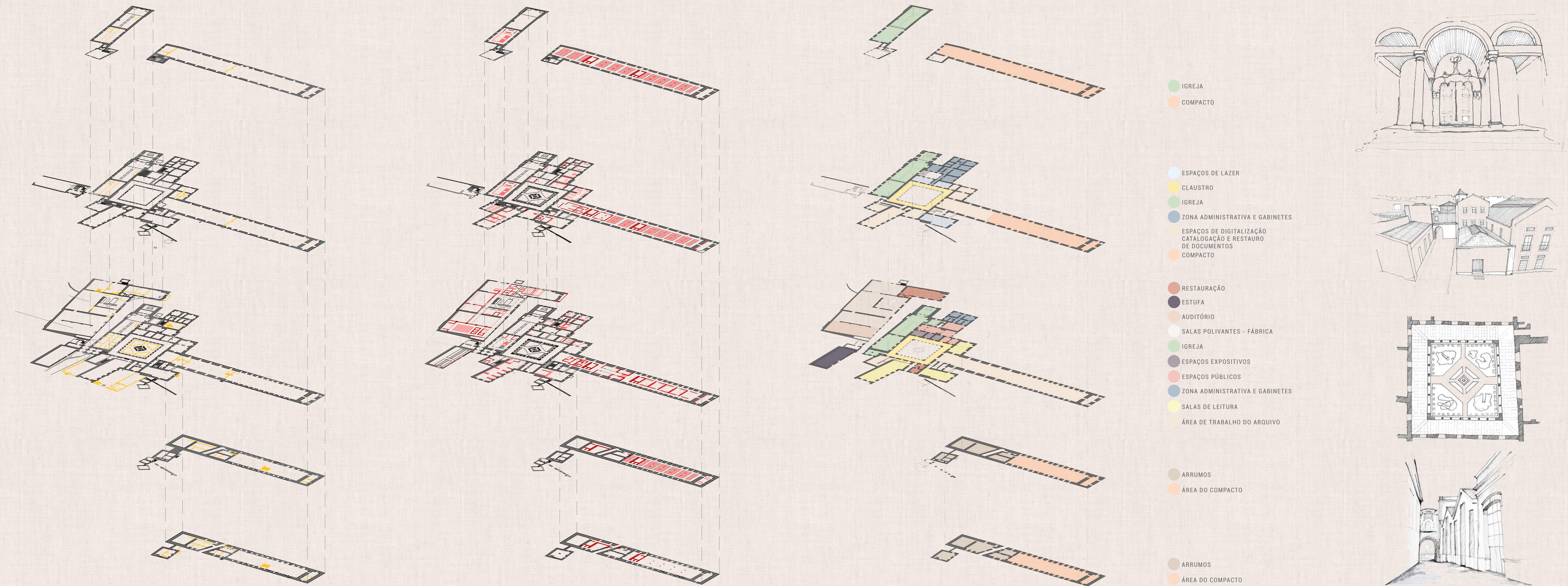
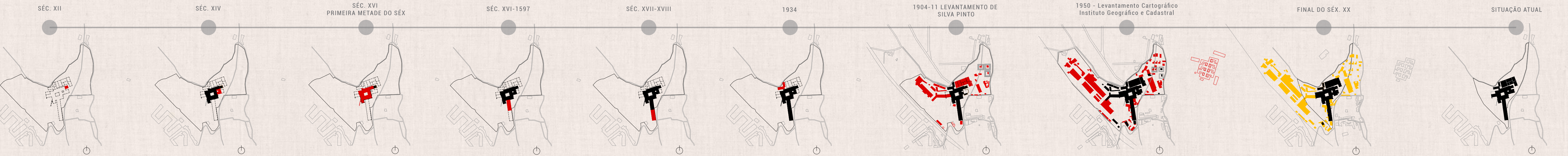


BACIAS DE RETENÇÃO



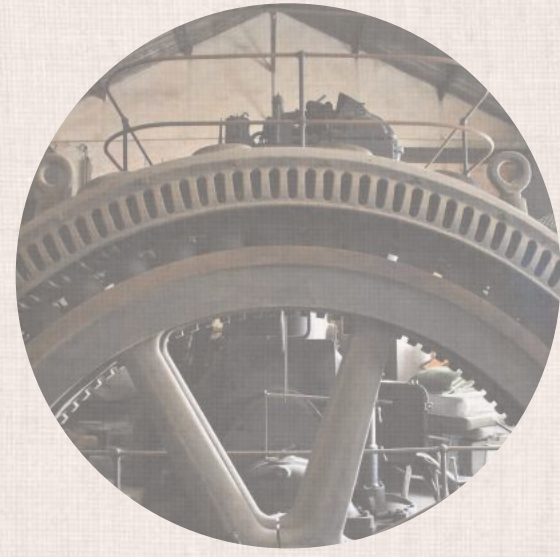
ESQUEMA DE ARBORIZAÇÃO







ÁREA VERDE



FÁBRICAS



IGREJA



AQUEDUTO



NAVE DOS DORMITÓRIOS
ARQUIVO



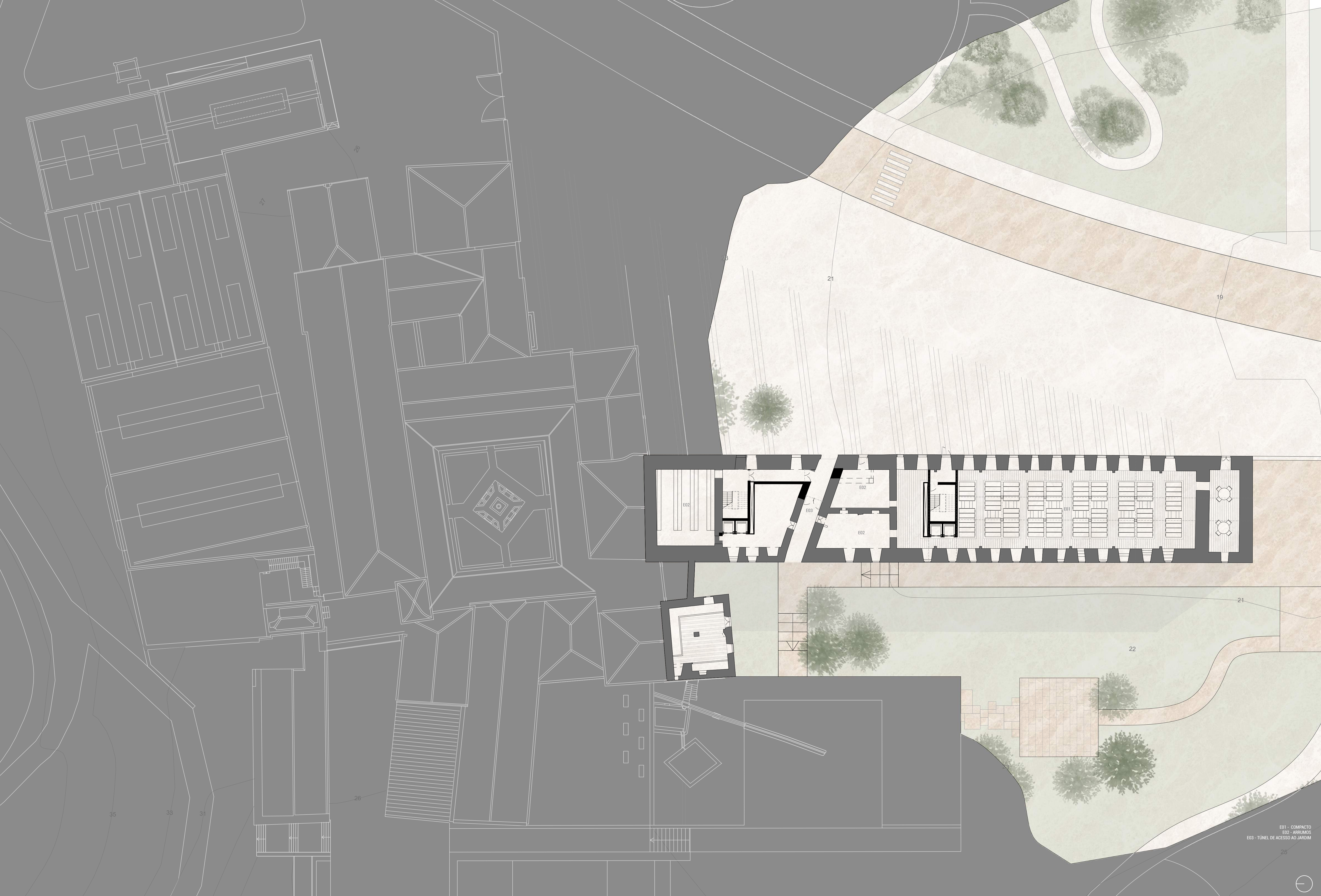
HORTAS URBANAS



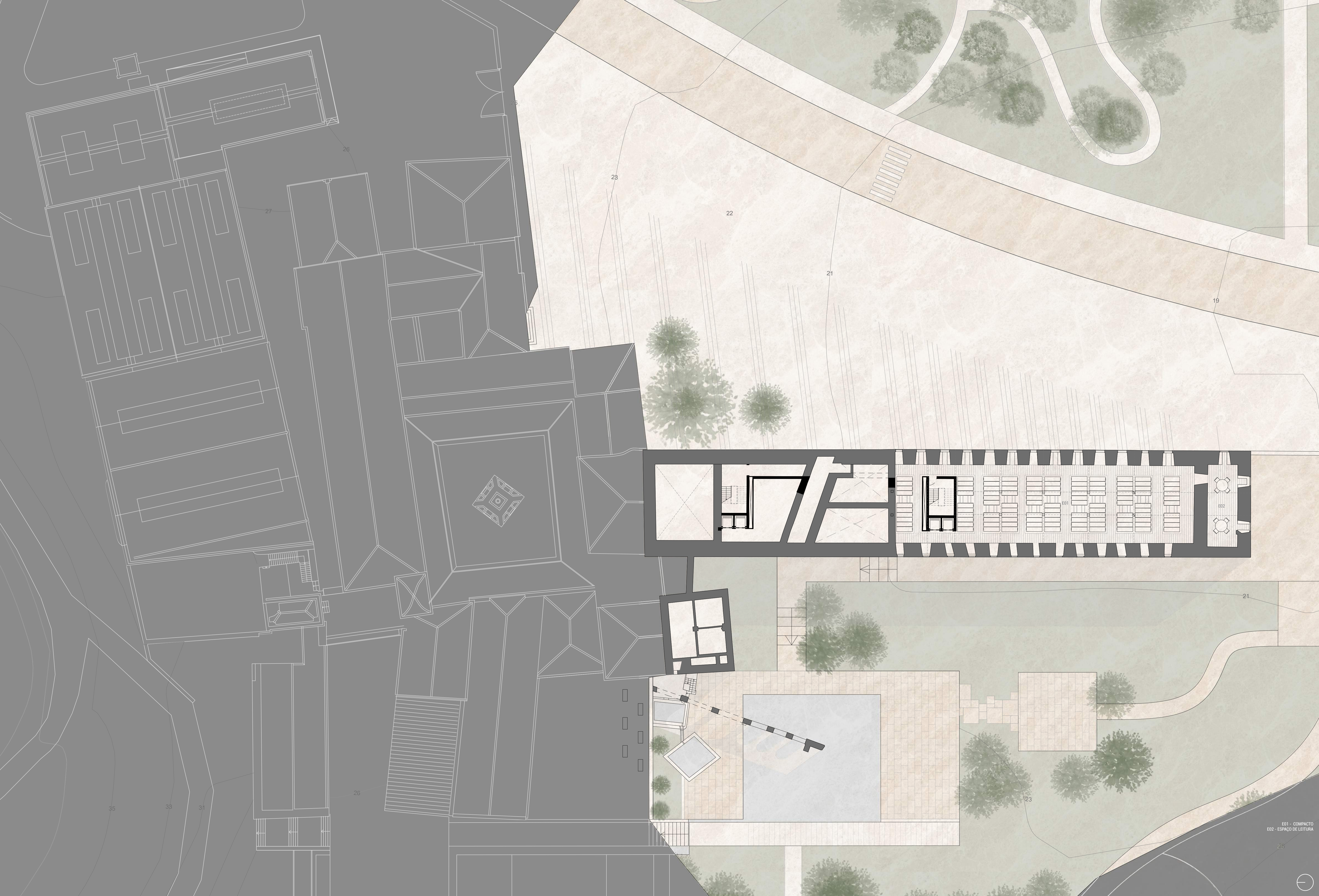
CAMINHO DE
FERRO







E01 - COMPACTO
E02 - ARRUMOS
E03 - TÚNEL DE ACESSO AO JARDIM





ALÇADO NORTE - FÁBRICAS



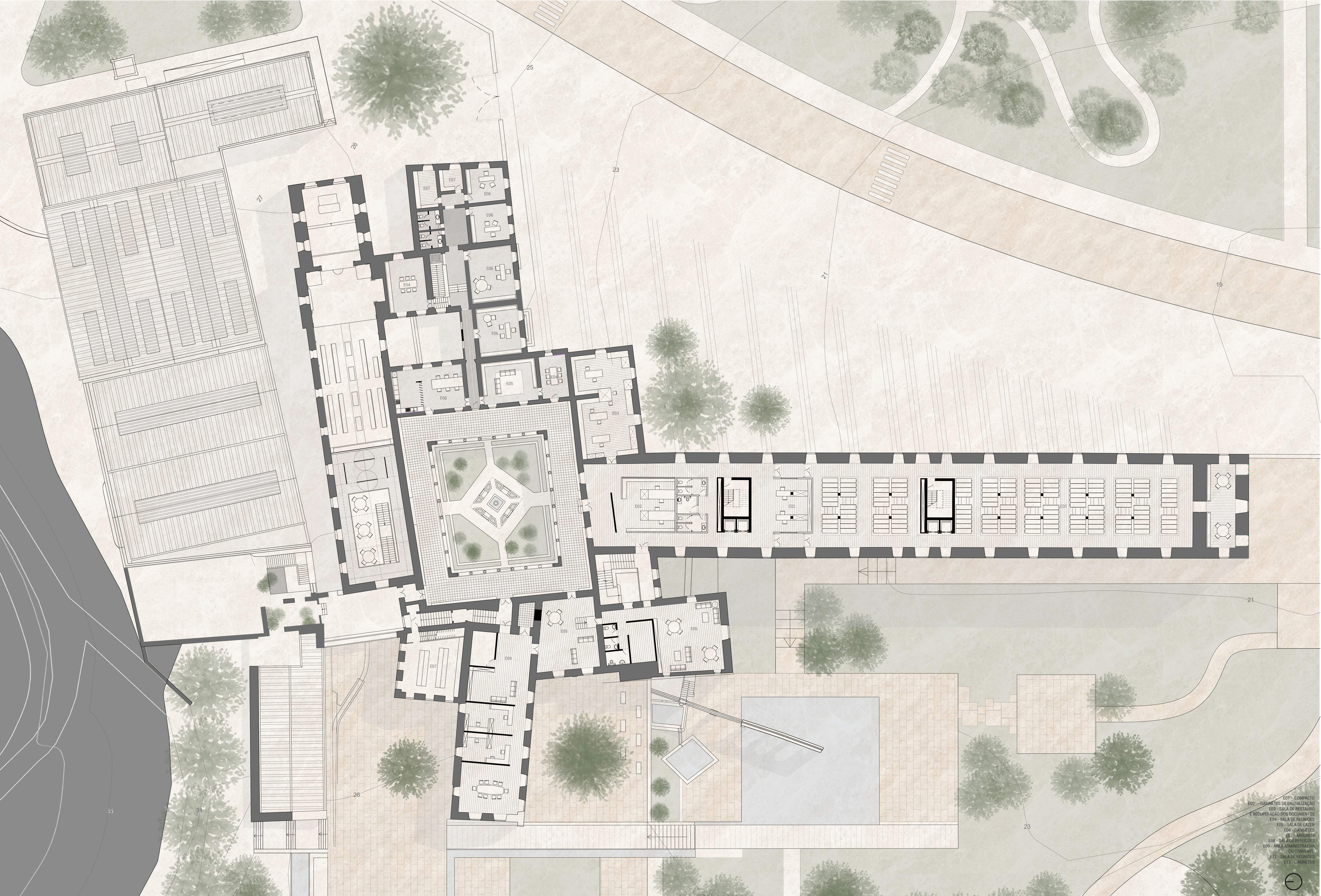
ALÇADO SUL



ALÇADO NASCENTE

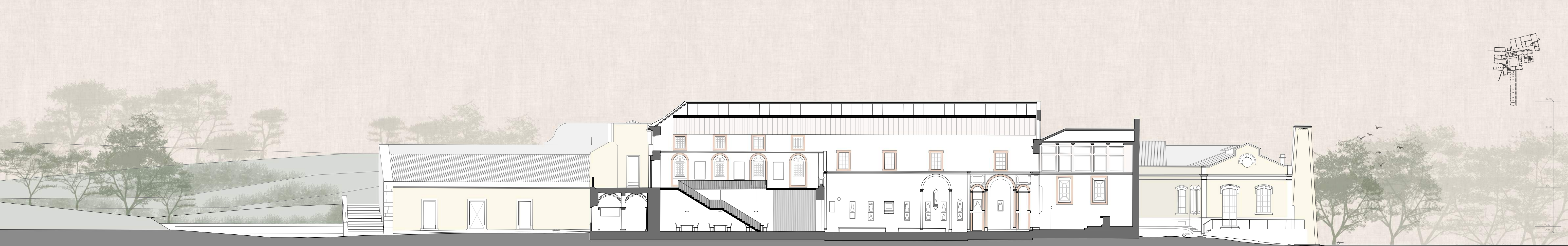


- E01 - GABINETES DE ARQUIVAÇÃO
- E02 - RESTAURANTE DO ARQUIVO
- E03 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- E04 - RECEPÇÃO DO ARQUIVO
- E05 - SALA DE LEITURA
- E06 - RECEPÇÃO DO CONVENTO
- E07 - ENTRADA
- E08 - SALA EXPOSITIVA
- E09 - GALILEU
- E10 - GABINETE DA IGREJA
- E11 - RECEPÇÃO DA ÁREA ADMINISTRATIVA DO CONVENTO
- E12 - SALA DE REUNIÕES
- E13 - GABINETES
- E14 - ALTAR-MOR
- E15 - NAVE DA IGREJA
- E16 - CORO ALTO
- E17 - CLAUSTRO
- E18 - ESTUJA
- E19 - JARDIM RUÍNA
- E20 - ABRIGOS
- E21 - AUDITÓRIO
- E22 - ESPAÇO EXPOSITIVO
- E23 - SALA POLIVALENTE
- E24 - GERADORA KRUUP
- E25 - ESPAÇO DE RESTAURAÇÃO
- E26 - SALA DE LAZER
- E27 - CAFETERIA



E01 - COMPACTO
E02 - GABINETES DE DIGITALIZAÇÃO
E03 - SALA DE RESTAUR
E04 - SALA DE REUNIÕES
E05 - SALA DE LAZER
E06 - GABINETES
E07 - ARHIVIOS
E08 - SALA DE REFEIÇÕES
E09 - ÁREA ADMINISTRATIVA
DO CONVENTO
E12 - SALA DE REUNIÕES
E13 - GABINETES

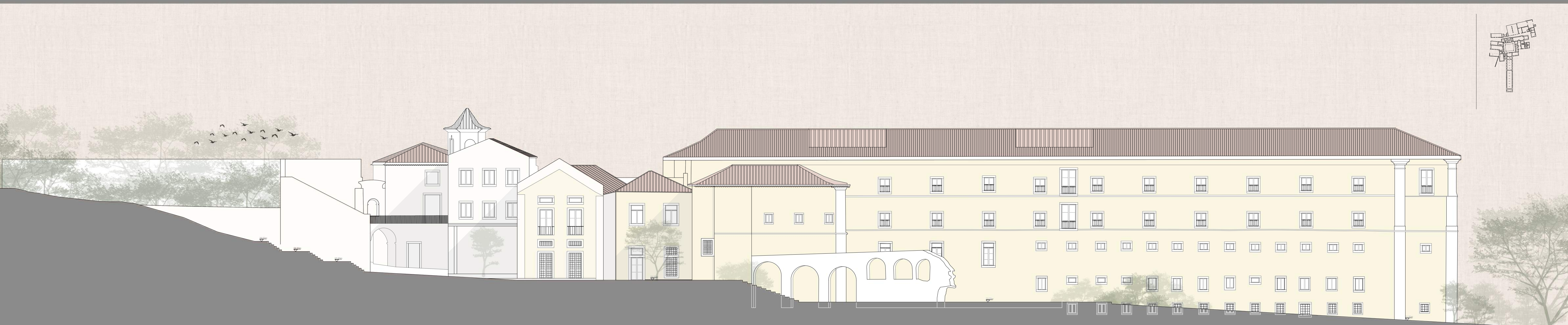




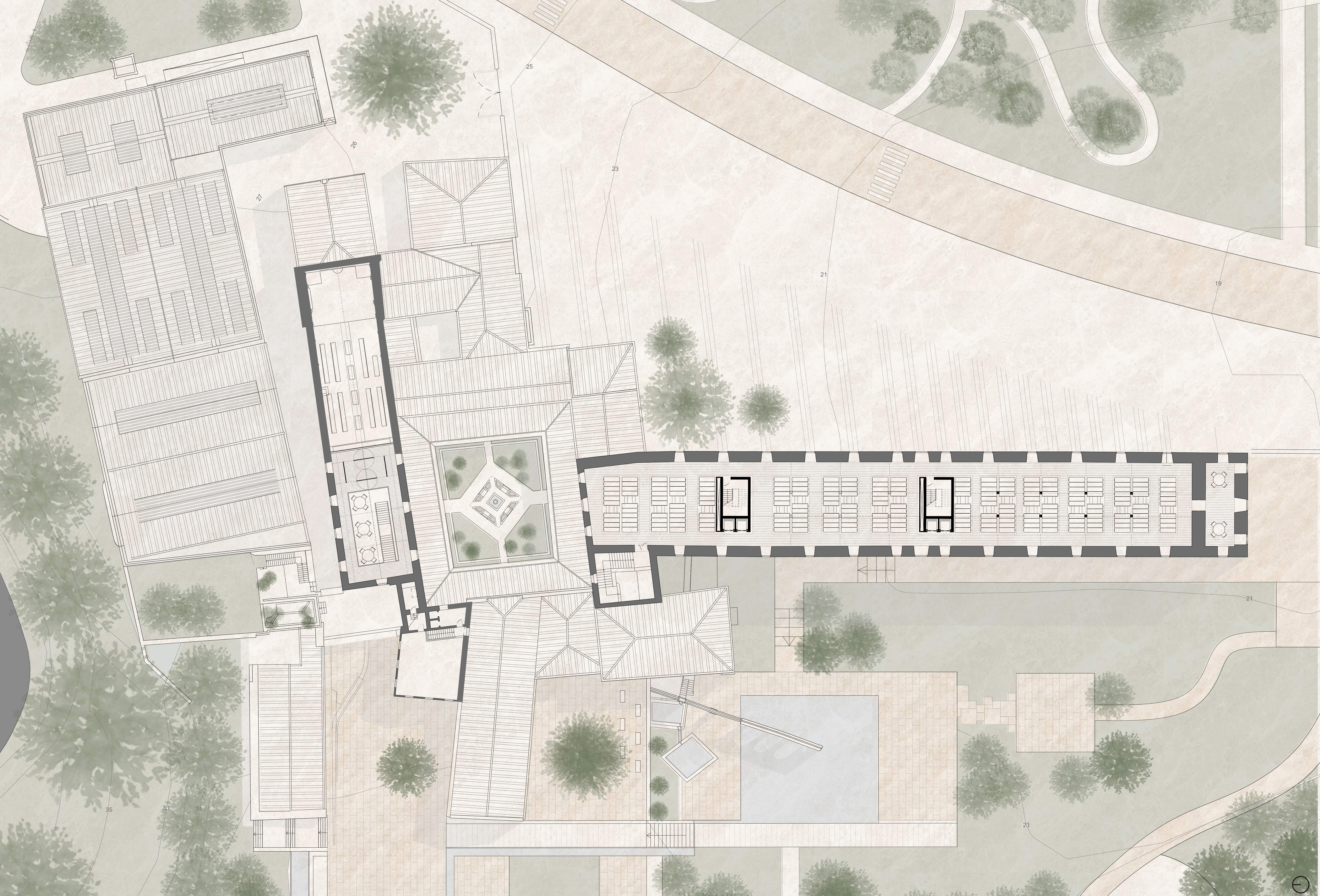
CORTE LONGITUDINAL PELA IGREJA



CORTE TRANSVERSAL



ALÇADO PONTE







CORTE TRANSVERSAL PELO CLAUSTRO



CORTE TRANSVERSAL PELA IGREJA



CORTE LONGITUDINAL



7 TELHA DE CANUDO
8 CORTIÇA
9 ISOLAMENTO
10 MADEIRA
11 ESTRUTURA EM BETÃO
12 PAREDE EM ALVENARIA DE PEDRA

13 FORRO
14 PAREDE EM ALVENARIA DE PEDRA
15 PAREDE EM CORTIÇA
16 JANELA ÚNICA COM CAIXILHARIA DE MADEIRA
17 MADEIRA
18 PAVIMENTO EM MÓDULO CERÂMICO
19 ESTRUTURA METÁLICA - PISO TÉCNICO
20 LAJE DE BETÃO
21 PISO
22 PISO FALSO - CONTRAPLACADO MANTENEDOR

23 LAJE DE PEDRA
24 ISOLAMENTO
25 DRENAGEM
26 TERRENO

